



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ASSOCIADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
UEL/UEM



JEAN CLÉVERSON MORAES

ANIMAÇÃO CULTURAL NO RODEIO

Maringá
2015

JEAN CLÉVERSON MORAES

ANIMAÇÃO CULTURAL NO RODEIO

Dissertação de Mestrado
apresentado ao Programa de
Pós-Graduação Associado em
Educação Física – UEM/UEL,
para a obtenção do título de
Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel

Maringá
2015

**AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.**

Dados Internacionais de catalogação-na-publicação
Universidade Norte do Paraná
Ana Cristina Gasparini Freitas
Bibliotecária CRB9/792

M821a Moraes, Jean Cléverson.
Animação cultural no rodeio / Jean Cléverson Moraes. Londrina: [s.n],
2015.
133f.

Dissertação (Mestrado) Educação Física. Universidade Estadual de
Londrina / Universidade Estadual de Maringá.
Orientador: Prof. Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel.

1- Mestrado educação física 2- Rodeio 3- Animação so- ciocultural 4-
Educação física I- Pimentel, Giuliano Gomes de Assis, orient. II-
Universidade Estadual de Londrina. III- Universidade Estadual de Londrina.

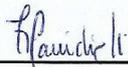
CDU 793.2

JEAN CLEVERSON MORAES

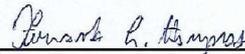
ANIMAÇÃO CULTURAL NO RODEIO

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Práticas Sociais em Educação Física, para obtenção do título de Mestre.

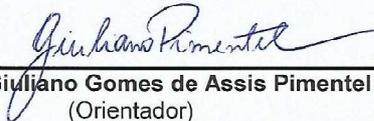
APROVADA em 26 de fevereiro de 2015.



Prof. Dr. **Fernando Renato Cavichioli**



Prof. Dr. **Fernando Augusto Starepravo**



Prof. Dr. **Giuliano Gomes de Assis Pimentel**
(Orientador)

Dedicatória



Ao meu falecido irmão Jonatas Héber Moraes, que me mostrou o que é dedicação e a real razão do sonhar.

A meus pais Waldenir Moraes e Rosemeire Consulo Moraes que com muitas lutas e sacrifícios me deram amor e educação exemplar.

A minha esposa Danielle Scolari Esper Kallas Moraes, pela paciência e por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis da minha vida e por me dar os maiores presentes do mundo, meus dois filhos Tharik Kallas Moraes e Nathan Kallas Moraes, no qual são minhas fontes de inspirações para continuar lutando.

“O homem não teria alcançado o possível,
se inúmeras vezes
não tivesse tentado atingir o impossível”

Max Weber

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu Deus por estar sempre ao meu lado.

A minha família, pelo apoio e incentivo durante a realização da pesquisa.

Aos meus pais, pela confiança e as orações para que tudo corresse bem.

Ao Professor Dr. Giuliano Gomes de Assis Pimentel, meu amigo e orientador, pelos ensinamentos que ultrapassam as barreiras da universidade.

A todos aqueles que contribuíram para a conclusão deste trabalho. Neste sentido agradeço aos locutores, Almir Cambra, Gleidson Rodrigues, Daniel Tibiriçá, Adriano do Vale, Rafael Vilela os salva-vidas Luciano, Jonas o Profeta, Meio Kilo, Ramon Rodrigues, Gauchinho, Di Fly, e animador de arena Garoto Juca, pelo acolhimento e interesse na realização desta pesquisa.

Aos examinadores da dissertação, professores Fernando Augusto Starepravo, Carlos Herold e Fernando Renato Cavichiolli pela incondicional presença e pelas profícuas sugestões.

A minha amiga Silvana dos Santos, pela confiança, parceria, companheirismo e incentivo nas horas difíceis, meu muito obrigado.

MORAES, Jean Cléverson. Animação cultural no rodeio. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

RESUMO

Este estudo descreveu a animação cultural no rodeio, caracterizando-a a partir das representações e práticas de seus produtores. O trabalho empírico foi alcançado por meio de observação participante no Rodeio de Colorado e entrevistas semi estruturadas junto a 12 animadores de rodeio. As festas de peão se constituem como oferta de lazer e propiciam quatro esferas de sociabilidade: 1) o espaço extra-muros do parque; 2) a feira; 3) o esporte; 4) os shows. No âmbito do rodeio, há presença de profissionais cuja função é animar a fruição daquele esporte. O rodeio em touros é o principal mote das animações, mas os perigos dessa modalidade acarretaram em diminuição das performances corporais dos animadores. O enfoque vem sendo proporcionar uma experiência de exaltação em massa. Em consequência das mudanças advindas no modo de produção do espetáculo, os animadores passaram a buscar mais recursos nas tecnologias e na gestão dos riscos. Com destaque para a figura do locutor, os animadores mediam o consumo do esporte na forma espetáculo, sendo as principais atividades informar, direcionar a atenção, incitar emoções na fruição das performances dos atletas e entreter o público com interatividade. Para tanto, a animação de rodeio possui um modo de fazer singular de diálogo com o público, valendo-se da combinação de elementos arcaicos da cultura rural com tecnologias do entretenimento moderno.

Palavras-chave: rodeio, animação sociocultural, educação física.

MORAES, Jean Cleverson. Cultural animation on rodeo. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

ABSTRACT

The means of this study was to describe the cultural animation on rodeo parties by social representations and actions from the professional staff. The empirical work had observation in Colorado city (South Brazil) and interviews with 12 cultural animators. The parties of rodeo became leisure and it developed in four places: 1) outside activities; 2) the great party; 3) the sports challenge; 4) music festival. There are workers to do cultural animation in rodeo parties. The bull riding is the most opportunity to this workers do cultural animation, but it gives danger to life of the clowns and speakers. About this risk, the acrobatic performances had a decreasing on rodeo parties. The approach from cultural animation on rodeo is the massive entertainment. After this configuration in cultural animation on rodeo, the technology and risk management have been the resource to do cultural animation on rodeo. The speaker is the greater cultural animator in the rodeo and he does mediation between sport and public. Usually the cultural animators have to do some functions to focusing the spectator attention on rodeo: information, motivation, seduction, and entertainment. Therefore, the animation on rodeo is a special kind of cultural animation and the communication with the public and there are heritage from the rural culture together news technologies from the modern entertainment.

Key words : Rodeo, Social and Cultural Animation , Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1. Monumento na entrada da cidade de colorado.....	49
Imagem 2. Arena da Sociedade Rural de Colorado.....	51
Imagem 3. Organização espacial dos ambientes da festa de peão em Colorado.....	62
Imagem 4. Locutor Almir Coimbra – Festa de peão de Colorado.....	67
Imagem 5. Garoto Juca – animador de arena.....	70
Imagem 6. Ramon, Salva vidas de rodeio.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Temas das entrevistas com locutores de rodeio.....	75
Quadro 2	Temas das entrevistas com salva vidas de rodeio.....	76
Quadro 3	Fluxograma das categorias de análise do fenômeno situando profissionais de rodeio.....	77

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ASC – Animação sociocultural

EUA – Estados Unidos da América

PBR – Professional Bull Riders

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. MARCO TEÓRICO INTRODUTÓRIO	22
2.1. Origens e desenvolvimento do rodeio	22
2.2. Como o rodeio funciona como uma atração das feiras agropecuárias?	33
3. ESPORTE, FESTA E ANIMAÇÃO CULTURAL EM COLORADO	45
3.1. Festa de Rodeio em Colorado: encontros entre local e global.....	454
3.2. Práticas e representações dos personagens do rodeio.....	64
3.2.1. Elementos discursivos dos atores.....	72
4. À GUIA DE CONCLUSÃO	933
REFERENCIAS.....	97
APÊNDICE I: quadro analítico da revisão bibliográfica sistemática.....	102
APÊNDICE II: entrevistas.....	105

INTRODUÇÃO

No Brasil, o Rodeio como esporte de competição costuma ocorrer no conjunto de uma série de atrações dentro das festas de peão, que, por sua vez, nascem e se desenvolvem associadas às festas das cidades ou exposições agropecuárias. Por isso, o rodeio contemporâneo é fruto de relações entre esporte, festa, entretenimento e animação cultural. É premissa deste estudo que essa particularidade denota ao rodeio uma configuração singular.

Logo, sabendo que o rodeio não se organiza como um esporte convencional, fui tomado por questões sobre essa prática. Por exemplo, quais seriam, precisamente, as condições necessárias para a realização de um rodeio? Que cuidados são tomados antes, durante e após a produção de cada rodeio? Quais interações ocorrem entre os “protagonistas” (peões, espectadores, locutor e outros personagens) de um rodeio? O espaço “arena” é uma apropriação do rodeio, ou o rodeio iria apropriar-se de outros espaços na construção de uma arena? Quais aspectos práticos da animação em rodeios podem ser tomados como uma tecnologia para o campo do lazer? Como a Educação Física pode se beneficiar dessa experiência de aproximar festa e esporte? Que papel teriam os profissionais não-atletas de rodeio ao que se refere à animação sociocultural? Seria esses sujeitos agentes possibilitadores de reflexões sociais a ponto de promover mudanças em um determinado grupo?

Partindo destas inquietações e do envolvimento pessoal e profissional por quatro anos em rodeios causou-me o interesse em estudar a animação sociocultural neste espaço pouco explorado academicamente. Imergir em um âmbito, que pode ser considerado um equipamento de lazer para alguns, ao mesmo tempo em que provoca inquietações para além do senso comum, a meu ver, permite a análise do assunto, possibilitando a compreensão e construção de uma pesquisa acadêmica.

Por isso, a preocupação que acabou por nortear meu estudo foi: como se configura a animação do rodeio no contexto de sua realização? Quem são, o que pensam e o que fazem os profissionais (locutores, palhaços, salva vidas, madrinheiros) que são inseridos no rodeio para mediar –na forma de

entretenimento— a fruição desse conteste regulamentado entre homem e animal?

Interessado nas questões do lazer, busquei conhecer os atores, situando tais sujeitos nesse contexto que confunde as fronteiras entre esporte, festa, entretenimento e lazer. Vale dizer que cabe esclarecer que cada um desses sujeitos possui atribuições específicas para promoção do espetáculo. Por isso, se faz importante conhecer cada um desses atores:

Locutores são os atores que atuam dentro da arena de acordo com os entrevistados sua função é transmitir as emoções das montarias através da verbalização das ações decorrente de dentro da arena.

Palhaço (animador de arena) ator de face pintada e roupagem colorida anima os expectadores das arquibancadas e camarotes com suas esquetes cômicas utilizando a comunicação visual e algumas vezes a verbal fazendo uma ponte com o locutor.

Salva vidas são os guardiões dos peões cuja função é proteger o competidor do touro quando este cai antes do tempo da competição que é de oito segundos, quando este fica com a mão presa na corda americana e até mesmo quando o peão permanece o tempo total exigido pela montaria os salva vidas entram em cena para afastar o boi do competidor.

Madrinheiros se apresenta em todos os estilos do rodeio montarias em cavalos, tem a função de ao término do tempo de oito segundos retirar o cavaleiro de cima do animal no qual ainda está pulando na arena, o madrinheiro chega com seu cavalo do lado o que está pulando e o competidor passa de um animal para o outro segurando na sela ou abraçando o madrinheiro. Estes por sua vez são um show a parte, pois muitas vezes o peão ao descer do animal no qual está sendo avaliado, não consegue ser resgatado pelo madrinheiro gerando uma cena cômica (tombo) retirando gargalhadas do público presente.

Entre esses profissionais, destaco o locutor e palhaço como aqueles que mais se aproximam de uma idéia de animador. Embora na literatura acadêmica brasileira (MARCELLINO, 2000; ISAYAMA, 2009; LACERDA e SOUZA, 2009) se enfatize o animador sociocultural numa perspectiva crítica de transformação social, no contexto do rodeio o animador se presta mais ao serviço do entretenimento. Entretenimento aqui entendido especialmente como espetáculo

fonte de lucro ou dispositivo do poder (TRIGO, 2003). Logo, *a priori*, o trabalho de animação no rodeio visa mais a tessitura do espetáculo do que se pautar em objetivos críticos ou de ampliação do universo cultural do público.

Vale ressaltar que minhas inquietações iniciaram-se no ano de 1998, ao visitar um rodeio na cidade de Londrina no estado do Paraná, promovido pela Cia Furacão de Rodeio, na tentativa de uma oportunidade de emprego, me deparei com o proprietário e organizadores do evento. Minhas indagações se originam de uma conversa informal anunciando meus tributos e capacitações, dando ênfase ao animador de pista (ao longo deste estudo será identificado como palhaço de rodeio). Num primeiro momento a informação que tive é que essa função era desconhecida no âmbito dos rodeios, mas, me ofereci para realizá-la e, para minha surpresa, fui contratado.

Mesmo estando na euforia do novo trabalho, pude perceber a rotina do rodeio. Não conseguia compreender toda aquela dimensão num único conjunto, mas, via todas as ações como algo fragmentado que se completava na medida em que ia ocorrendo o rodeio. Também percebi que as ações só podiam suceder se houvesse dinamismo. Ao ver a organização do rodeio me dei conta da dimensão que era aquilo tudo, pois, em meio aos animais e peões estavam os fazendeiros, comerciantes e principalmente o público. Em minha percepção, os rodeios se faziam inseridos as feiras e as feiras inseridas nos rodeios.

As feiras eram decorrentes de exposições e mostras agropecuárias, quase sempre vinculadas a outros eventos, como a festa do padroeiro ou celebração de aniversário do município onde se realizava o rodeio. De um modo geral, esses eventos expressavam os modos de participação social e cultura popular procedentes à exibição de mercadorias.

As festas realizadas a partir dos rodeios são atrativos locais que envolvem quantitativamente grande público. Externamente ao parque, diferentes manifestações –do som automotivo ao assédio às garotas- marcam a potência da festa espontânea fora da festa oficial. Ao adentrar o parque de exposição, o primeiro espaço de lazer costuma ser a feira, formada por parques de diversão; gastronomia; estandes de empresas; comércio de produtos country; leilões de gado. Ao centro encontra-se a arena. Neste espaço ocorre a realização do rodeio e dos shows. Essas esferas (festa, feira,

rodeio, show), a meu ver, são as estruturas que determinam espacialmente o “lugar” da animação cultural, o qual vem de dentro da arena para o público que se situa nas arquibancadas para assistir o rodeio.

Em complemento também há um modo característico de fazer animação cultural no contexto do rodeio. Ela é, sobretudo, fruto de bricolagens de diferentes matrizes da cultura rural. Todavia, percebo que os rodeios, juntamente com algumas atividades lúdicas rurais ultrapassaram os limites das fazendas e vilas para tornarem-se espetáculos circenses, com o propósito de vender entretenimento a partir da demonstração de bravura e perícia dos cavaleiros.

A etimologia da palavra entretenimento, de origem latina, vem de *inter* (entre) e *tenere* (ter). Em inglês *entertainment* significa “aquilo que diverte com distração ou recreação” e “um espetáculo público ou mostra destinada a interessar e divertir”. Trigo (2003) lembra que o entretenimento é um fenômeno para as massas: “Segundo os elitistas, enquanto a arte trata cada espectador, ouvinte ou leitor como um indivíduo, provocando uma resposta individual à obra, o entretenimento trata as suas platéias como massa” (TRIGO, 2003, p. 32). Segundo o autor, o entretenimento nem sempre é tão manipulável, pois se trata de um fenômeno ambíguo, isto é, que é concomitantemente “divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo”.

Considerei o rodeio um espaço no qual sentidos/significados da cultura rural estão envoltos de apropriações singulares, identificados numa conjuntura macro (festas), mesmo estando freqüentemente isolada (rodeio). Assim, considero que o rodeio se tornou um espetáculo e que seus sentidos estão circulando em diferentes esferas, analogamente ao “*seguuuuuura peãoooooooo*”, um dito massificado encontrado no rodeio, em algumas músicas sertanejas, e, até mesmo em adesivos automotivos.

Entretanto, tratar as questões pertinentes ao rodeio e suas singularidades requer muita cautela para eu não reproduzir minhas experiências decorrentes das arenas (o que acredito ser o mais difícil desse estudo).

Num primeiro olhar arrisquei a dizer que as ações voltadas ao lúdico no rodeio poderiam ser estratégias para atrair maior número de espectadores nas arenas, influenciando os fatores sociais e econômicos do grupo participante

destes eventos. Por outro lado, analisando pela lógica social, as atividades lúdicas promovidas num rodeio podem ir além de um simples entretenimento, contribuindo para o desenvolvimento ou até mesmo reforçando determinados significados, atribuídos às práticas sociais dentro o público que frequenta esses ambientes.

Entre as diferentes abordagens na Educação Física ao fenômeno, optei por um olhar sociocultural. A partir desta abordagem, busquei sentidos/significados do rodeio, uma manifestação cultural tradicional, apropriada por uma elite ruralista. Mais especificamente busquei caracterizar a animação cultural no rodeio, a partir da complexidade existente na gestualidade dos locutores (entonação de voz, versos e motivações), e coordenação dos movimentos utilizados pelo peão no interior da arena.

No diálogo com o empírico procurei descrever o trabalho dos profissionais que são inseridos na arena para atuarem paralelamente ou concomitantemente aos peões na produção do espetáculo. Embora esse staff seja constituído de diferentes atores (locutores, palhaços, salva-vidas, DJs, e madrinheiros) enfatizei meu olhar sobre o locutor por identificar nele o profissional mais presente ao longo do trabalho de campo.

Frente à carência de material disponível sobre as características da animação sociocultural na perspectiva do rodeio, realizei este estudo para responder como se caracteriza a animação na arena. Por ela justamente não poder ser reificada no meu estudo, pois é produzida por sujeitos historicamente situados, que para chegar à caracterização da animação de rodeio também busquei responder quem são, o que pensam e o que fazem os locutores para fomentar o entretenimento no rodeio.

Nesse sentido, o estudo teve por finalidade relatar a animação sociocultural de rodeio, considerando toda sua complexidade (por exemplo, é um esporte de rendimento vertido ao espetáculo, vem sendo consumido no lazer como entretenimento, que é uma prática social com nuances regionais concomitante à sua padronização global).

Por conta dessas variáveis que tornam o fenômeno difícil de ser capturado, que especifico a necessidade em: Relatar a dinâmica da animação sociocultural e suas inter relações com os demais elementos que compõe as festas de rodeio; e Compreender o trabalho de animação sócio cultural no

rodeio a partir de seus atores. Esses seriam objetivos complementares ao trabalho ao que me proponho.

Para atingir esses objetivos desenvolvi a pesquisa de forma descritiva, o que significou ir ao lócus de manifestação do fenômeno e dar conta de explicitar sua dinâmica. Segundo Cervo e Bervian (2002), esta metodologia tem por finalidade recolher, registrar, observar, analisar e correlacionar ordenadamente os dados relativos ao assunto escolhido sem manipulá-lo, com a combinação de diferentes técnicas (diário de campo, entrevistas, registros fotográficos, filmagens, coleta de documentos).

O diário de campo nos permitiu uma forma de olhar e descrever em contato direto com os sujeitos suas ações, vestimentas, formas distintas de comunicação (variações dialéticas e gírias), a maneira como se organiza um rodeio, a sistematização improvisada no discurso do locutor e até mesmo a preparação dos salva vidas antes de imergir o interior das arenas.

Para além dos protagonistas (locutores, palhaço de rodeio, salva-vidas, peões) o diário de campo ainda nos permitiu a descrição dos espaços em que se compõem a realidade de um rodeio, abrindo um vasto leque para outras esferas (área de lazer – parque de diversão; arena – local subdividido em shows artísticos culturais e rodeio; feiras agropecuárias; e os espaços de livre circulação) visando a interpretação de padrões culturais de um contexto específico, semelhante ao que Da Matta (1985) classifica a diversidade a partir do encontro entre o conhecido e o desconhecido, entre as trocas com o diferente, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares.

Neste sentido, para nos aproximarmos das representações sociais utilizamos a entrevista semi-estruturada com os locutores, salva-vidas e palhaços animadores de pista. No entanto, tais entrevistas por vezes seguiram uma linha a partir do diálogo que se fazia no momento, tentando entender o papel de cada um neste “espaço macro” chamado rodeio.

Ainda na coleta de dados, tornou-se necessário a realização de registros fotográficos e algumas filmagens, com o intuito de auxiliarem na análise dos dados, bem como na promoção da ilustração do material, sem deixar de lado as informações contidas em documentos e registros específicos que permitem a realização do evento.

Os sujeitos que compuseram o estudo foram cinco locutores de rodeio profissionais, seis salvas-vidas e um animador de pista (palhaço).

Estes foram os sujeitos entrevistados a partir de questionário semi estruturado. As questões centraram no significado das práticas, a relação com o modo de vida de cada entrevistado, as técnicas utilizadas na narração, à relação com o modo de vida e as técnicas e cuidados corporais utilizados no esporte.

De forma complementar, e anterior às entrevistas, foram realizadas observações direta, anotações em diários de campo, registros fotográficos e filmagens quando necessário, atentando tanto para os fatos recorrentes quanto para os momentos julgados desimportantes.

O procedimento envolveu contatos anteriores ao rodeio e encontros no horário livre desses sujeitos, os quais consentiram em participar do estudo por meio de TCLE. As entrevistas, em áudio, visaram locutores e salva vidas que participaram de rodeios na cidade de Colorado – PR, entre os anos de 2013 e 2014.

A preocupação inicial com os sujeitos da pesquisa centrou-se em mantê-los no anonimato, de modo que sua identidade não seja revelada no decorrer do estudo, fazendo uso das primeiras iniciais contidas em seus nomes e sobrenomes para identificá-los. Os mesmos foram esclarecidos sobre o teor da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Por se tratar de um estudo composto por sujeitos com maioria, embora sem riscos ou danos a integridade física dos participantes, ainda assim, o projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética da UEM.

Frente ao material obtido nas leituras e no trabalho de campo, a dissertação seguiu a seguinte estrutura:

Primeiro busquei elementos na literatura que pudessem situar a discussão acumulada sobre rodeio. Nesse sentido apresento uma breve revisão da literatura, a qual denomino como o marco teórico introdutório do estudo. As análises que se seguem são influenciadas por esse referencial.

O capítulo seguinte apresenta os achados empíricos, organizando-os em duas partes principais: a descrição do evento em Colorado-PR; e a análise das falas dos sujeitos entrevistados.

Por fim, a guisa de conclusão, busco retomar o contexto de produção e desenvolvimento do rodeio, para caracterizar a animação cultural realizada no entremeio das diversas práticas sociais identificadas nesse fenômeno.

2 MARCO TEÓRICO INTRODUTÓRIO

A produção acadêmica sobre rodeio pode ser vista em duas fases. Na primeira, especialmente entre os anos 1950 e 1980, havia publicações sobre rodeio na perspectiva do folclore. Da mesma forma que o rodeio foi se resignificando de cultura popular à cultura de massas, a produção acadêmica sobre rodeio teve um impulso significativo desde o século XXI, enfatizando especialmente as relações do rodeio com entretenimento, esporte e turismo.

Assim, podemos perceber o interesse acadêmico pela configuração do rodeio como negócio (LEAL, 2008; ALMEIDA, 2008; GALLEGO, 2006); como esporte (PIMENTEL 1999; SERRA, TUBINO, MORAES, 2003; COSTA, 2003); como fenômeno cultural (SILVA, 2001; GONÇALVEZ, 2013; DOURADO, 2013); comunicação (LOPES, 2013), problema jurídico (SOUZA, 2008). Enfim, um objeto que atrai interesse da Educação Física, do Direito, da Medicina Veterinária, da Comunicação Social, da Geografia; e do Turismo (vide Apêndice 1).

Neste capítulo estabeleço um diálogo com a literatura, com a finalidade especialmente de relacionar algumas categorias nativas do rodeio com referencial dos Estudos do Lazer, no tocante à Animação cultural. Particularmente neste capítulo estabeleço nexos com a história do rodeio e o contexto de sua produção.

2.1. Origens e desenvolvimento do rodeio

A prática esportiva envolvendo homem e animal é bastante antiga, tendo duas formas distintas de atuação conforme indicado por Tubino (2002): a primeira condiz no conjunto homem com o animal e a segunda indicação centra-se nos esportes contra animais.

No que se refere às práticas envolvendo homem com animal podemos classificar o turfe, uma prática esportiva envolvendo homem e cavalos numa disputa de velocidade entre cavaleiros, conhecidas na região Sul do país como corridas de cavalos. Todavia, as corridas de cavalos ou turfes, só se fazem ao fato da existência de uma certa “intimidade” já existente entre o animal e o homem, nos dizeres de Xavier et al (2014, p. 167-168) “essa situação pode

estar vinculada as relações de convívio no trabalho rural entre cavalo e homem, que a transforma, em uma demonstração de poder”.

Lucena (2001) complementa esse pensamento ao atribuir que a parceria existente entre cavalo e homem por vezes tem a intenção de mostrar a superioridade, a posição de poder, a qual o cavalo remete o símbolo da força, da velocidade e beleza. Ainda no concerne do conjunto homem e animal, é possível visualizar essa relação nas touradas, tradicionalmente conhecida na Espanha como corrida de touros, um verdadeiro duelo entre touro e matador. Tal esporte é comum na Antiguidade e Idade Média, Pina (2012) pontua que as touradas eram recorrentes para festejar algum acontecimento, e por isso aconteciam em datas solenes.

No Brasil a prática das touradas inicia-se no Rio de Janeiro e posteriormente em Porto Alegre, conforme anunciado nos estudos de Karls e Melo (2013, 2014), elucidando que tal prática tornou-se um atrativo aceito pela população, no entanto, a realização das touradas seguia os moldes portugueses (sem a morte do animal ao fim), valorizando o toureiro a cavalo, de modo a contestar as críticas à barbaridade da modalidade, bem como o envolvimento da grande colônia de portugueses estabelecida no país.

Em relação aos esportes contra os animais podem-se classificar as brigas de galo, também conhecidas como rinhas de galo. Tanto as práticas esportivas contidas nos rodeios quanto as brigas de galo, apresentam como principal característica e semelhança o enaltecimento da masculinidade, da virilidade e da bravura. Além das semelhanças existentes entre as duas práticas, Corrêa (2013) pontua que, as brigas de galo, ainda apresentam polêmicas em sua existência, podendo ser encontrado em algumas regiões do país ao mesmo tempo em que se fecham alguns estabelecimentos.

Tal ocorrência se dá, em virtude do conflito classificatório como esporte, lazer, prática cultural, barbárie ou crueldade realizada com o animal. Não obstante a essa realidade, as práticas esportivas recorrentes nos rodeios, também sofrem os mesmos conflitos, a qual uns classificam o rodeio como ação promotora de sofrimento ao animal, enquanto outros a classificam como esporte, lazer e entretenimento.

Todavia, as práticas envolvendo animais também apareciam na Grécia Antiga, onde as corridas de carros denominadas “bigas” já faziam parte das

provas de “jogos fúnebres”, mandados celebrar por Tróia (MONTENEGRO, 1979, p.33). Esta ação era considerada na época uma prática esportiva realizada por homens poderosos que valorizavam e enalteciam seus animais, evidenciando dessa forma o símbolo de poder e vaidade.

Neste aspecto, Esteves (1975 p.12) acrescenta que a exaltação dos animais era grande. Em alguns casos, cavalos famosos eram enterrados ao lado de seus donos. Como nas histórias de cavalos com Pégaso na mitologia da Grécia antiga, a quem creditava-se o poder de transformar o relâmpago e o trovão aos deuses do Olimpo.

Há indícios que na idade média, também se exercia práticas envolvendo animais, porém, essas práticas eram tidas como características atribuídas à nobreza do homem, conforme pontuado por Gomes (2008, p. 34) “o ideal do homem nobre era o perfeito cavaleiro, com formação musical e guerreira, experiente nas sete artes liberais: cavalgada, arco e flecha, luta, caça, natação, jogo de xadrez e composição de versos”.

Com o passar dos tempos, pode-se observar o conjunto homem e animal em várias outras modalidades esportivas, a exemplo dos rodeios, que vem desenvolvendo-se de forma surpreendente no território brasileiro, mais especificamente no Sudeste e Sul, merecendo atenção no âmbito esportivo e cultural. Tubino (2002) indica duas formas de práticas esportivas relacionando homem e animal: 1) festa de peão; 2) rodeio.

As festas de peão são caracterizadas pelas mudanças e dinamicidade, pois, celebram-se essas festas seguindo a cultura local em que se ocorrem. De acordo com Brandão (2007, p. 28) festa pode ser compreendida como os:

Acontecimentos sociais de envolvimento parcialmente coletivo, que geralmente observam frequência cíclica ou sazonal; que produzem uma ruptura com a rotina seqüente da “vida social”; que criam comportamentos sobretudo rituais, logo expressivos, e relações interativas de forma e efeito diverso dos de períodos longos de rotina.

Pautado nos dizeres de Brandão, as festas não são apenas eventualidades sociais, mas, possuem a capacidade de modificar o cotidiano e o comportamento dos sujeitos por um tempo determinado, podendo ainda, apropriar-se do tempo livre dessas pessoas. Seja qual for o caráter fundante de uma festa, esta se fará presente nas relações sociais, podendo modificar as ações do sujeito ou não.

Assim, podemos submeter o entendimento de festa, como a manifestação cultural de um povo, considerando-a dinâmica, pois uma festa modifica-se com o tempo partindo das relações estabelecidas, ou seja, ela “existe em processo, em movimento, convive com a realidade dinâmica do cotidiano e transforma a si própria sempre que necessário” (CALVENTE, 2004, p. 10).

Pautado nos dizeres de Cavalcante (2004), podemos considerar que as festas de peão no Brasil consistem em atrações populares organizadas por comissões de eventos com objetivo de comemorações e eventos comerciais em diversas regiões tais como aniversários de cidades, feiras e exposições agropecuárias. Também caracteriza esse tipo de festa, a singularidade cultural envolta por traços norte-americano com sutileza dos folguedos e manifestações pastoris existentes no Brasil.

Assim como as “cavalhadas” (manifestações folclóricas de origem portuguesa) simbolizavam a luta dos cristãos contra os mouros, os rodeios simbolizavam a bela “luta” entre o homem e o animal, atraindo atenção e provocando emoções tanto dos fazendeiros quanto dos peões, despertando em ambos uma identificação com sua maneira de ser e viver e, conseqüentemente, com sua cultura (SERRA, 2000).

Ao contrário das festas de peão o rodeio centra-se na competição entre touros e montarias com cavalos, por outro lado, é perceptível a presença do entretenimento recorrente do discurso advindo do locutor e das ações realizadas pelo animador da arena (palhaço de rodeio). Para Alem (1996), os rodeios e festa do peão são rituais que celebram e consagram uma das representações simbólicas dominantes na nova ruralidade brasileira, que combinam as denominações caipira, sertanejo e country.

O rodeio por sua vez, originou-se na Espanha, sendo adotado pelos mexicanos que logo após a guerra com os americanos, no século XVII, passou a ser praticado pelos colonos norte-americanos. As festas mexicanas e a doma de animais foram o começo de tudo. Praticava-se montaria em cavalos como forma de entretenimento, nas festas em ranchos e fazendas no interior do país (SERRA, 2000).

Etimologicamente a palavra rodeio vem de rodo, que seria o ato de rodar em torno do gado, que os piás (meninos de fazenda) adotavam para reunir o

gado numa coxilha alta, enquanto os peões iam buscar os animais desgarrados do rebanho. Segundo Nogueira, (1989, p.72) “O rodeio é a atração central de toda a Festa de Peão de Boiadeiro, e dizem ser a preferida do público.”

As festas de Rodeio, embora distintas das festas agropecuárias, também possuem particularidades que as aproximam. Nos rodeios, as provas de montarias em animais xucros são as atrações principais, enquanto a maioria das feiras agropecuárias promove as vendas de animais e maquinarias agrícolas.

O rodeio é considerado uma das manifestações mais importantes no universo *country*, transferindo-se do âmbito local e das competições entre peões de fazenda para o âmbito da indústria cultural, e alcança hoje o status de espetáculo massivo. Os agentes promotores são: a Federação Nacional de Rodeio Completo; e as companhias de rodeio, que oferecem toda a estrutura necessária para o evento.

Originou-se na Espanha, sendo adotado pelos mexicanos que, logo após a guerra com os americanos, no século XVII, passou a ser praticado pelos colonos norte-americanos, onde as festas mexicanas e a doma de animais foram o começo de tudo, praticava-se montaria em cavalos como forma de entretenimento, nas festas em ranchos e fazendas no interior do país (SERRA, 2000).

A primeira prova de montarias em cavalos foi nos Estados Unidos da América, no estado de Colorado, no ano de 1869 (*Rodeio Place, fev 2000*), passando a ser parte do lazer dos cowboys da época, que participavam de competições sendo a modalidade esportiva preferida da maioria dos peões americanos. No início do século XX o rodeio passa a ser reconhecido como esporte competitivo, tendo um calendário anual no território americano.

Algumas feiras e exposições agropecuárias possuem rodeios bastante apreciados que fazem parte do circuito das grandes disputas e competições. Por esse motivo, às vezes, mesmo não sendo “festa de peão” algumas feiras e exposições acabam por abrigar peões de rodeio e provas de montaria que fazem parte deste grandioso e apreciado circuito.

A primeira associação de rodeios foi fundada em 1929 denominada *Rodeo Association of America*, reunindo diversos organizadores de rodeios, que em meio à motivação do evento, criaram o *Cowboys Turthle Association*

(CTA) em 1936. Em 1945 o CTA tornou-se Associação de *Cowboys* de Rodeio (RCA – *Rodeo Cowboys Association*). Surgindo em 1975 a PRCA (*Professional Rodeo Cowboys Association*), em Colorado Springs. A PRCA tinha a função de realizar, controlar e divulgar rodeios oficiais em 43 estados dos EUA, além de provas credenciadas no Canadá, na Austrália e na Nova Zelândia.

Deste modo, o surgimento do rodeio proporcionou espetáculos, competições, campeonatos, federações, juízes, locutores¹, salva-vidas², madrinheiros e madrinheiras³, tropeiros⁴, berranteiros⁵, comentaristas, preparadores físicos, médicos veterinários, sonoplastas⁶, promotores de eventos, animadores de arena e porteneiros. Com isso, nasceram inúmeros profissionais de rodeio, que devotam seu tempo e habilidade em dar suporte a este mercado “esporte” de grande visibilidade nacional, pois “o rodeio, apresentando-se enquanto espetáculo esportivo tem buscado apoio à sua expansão dentro da mídia, como consta nas próprias revistas a importância que lhe é creditada” (PIMENTEL, 1997, p. 545).

Contraditoriamente, tem por objetivo a disputa entre competidores através da exibição de atos de destreza, coragem e bravura em montarias sobre touros e cavalos, neste sentido, Pimentel (2006) atribui o rodeio como uma prática lúdica de domínio sobre animais rurais. O apontamento de Pimentel (2006) pode ser atribuído ao período colonial, no qual, o rodeio apresentava-se enquanto práticas lúdicas do mundo rural americano.

¹ Sua função é narrar o rodeio procurando envolver o público, brincando com rimas e frases de efeito. São versos que em sua maioria representam a cultura do povo interiorano, traduzindo em suas estrofes os hábitos, a maneira de viver e a simplicidade do homem do campo. (SERRA 2000).

² Tem por função distrair o touro, soltar o peão (algumas vezes), sendo o responsável pela segurança do mesmo. Considerado verdadeiros “guardiões dos cowboys” (revista *Rodeo Country*, p. 26, 1998).

³ Nome dado ao cavaleiro ou amazona responsável em tirar o peão de cima do cavalo xucro depois de oito segundos, tarefa que exige experiência, habilidade e coragem (revista *Rodeo Life*, p. 37, 1998).

⁴ Proprietários de tropas ou boiadas responsáveis pela presença dos animais alugados para o evento. (SERRA 2000).

⁵ São “tocadores” que animam ainda mais as festas ao chamar a atenção do público tocando o berrante, instrumento feito com chifres de gado zebuino, mais especificamente o guzerá (O Estado de São Paulo, 17.09.1997), também definidos como aqueles que emitem sons graves semelhantes ao mugido dos bois. (SERRA 2000).

⁶ Um dos profissionais mais importantes nos rodeios, uma de suas funções é escolher e tocar a música adequada no estilo country ou sertanejo durante as provas. (SERRA 2000).

Todavia, as brincadeiras, disputas e rituais com eqüinos e bovinos estiveram no centro da cultura pastoril brasileira, Santos (2014), atribui o pastoril como um folguedo popular envolto pela magia da teatralidade com características religiosas. Por outro lado, Vieira (2010) pondera que os rituais existentes nesta manifestação aos poucos agregam novos valores, capazes de destituir a finalidade religiosa primitiva do teatro, dando margens a algo comediante. Neste aspecto, pode-se dizer que essa ruptura do primitivo (finalidade religiosa) para o atual (comediante) aproxima-se com as práticas lúdicas inseridas nos rodeios, a partir das ações cometidas pelo animador de pista (palhaço de rodeio) entre uma enquete e outra.

As cavalhadas também podem ter sido um fator influenciador ao rodeio, visto que tal prática possui ligação com os elementos rurais, com forte tendência aos rituais eqüestres. Silva (2000) descreve as cavalhadas como uma luta composta por dois grupos de doze cavaleiros. Santos (2014) complementa que esses grupos podem estar a pé ou a cavalo, sozinho ou em grupo. Porém, todos devem estar camuflados a ponto de não serem reconhecidos, tendo como ponto de partida as tradicionais máscaras em formato de cara de boi.

Assim, pode-se dizer que as representações contidas nas cavalhadas também se assemelham as representações contidas nos rodeios, como o uso dos berrantes (confeccionado com o chifre do boi) enquanto instrumento musical que anuncia o início da “batalha” entre peões. Embora, “as ações decorrentes das cavalhadas resultam em agradecimentos, pedido de proteção, renovação dos laços sociais” (SANTOS, 2014, p. 97), ainda assim, mantém as tradições culturais independente de classe social.

Na região Sul do Brasil, o rodeio designava onde se juntavam e se apartavam o gado para trato e marcação, local de venda e troca de animais situados em fazendas, vilas e entrepostos de comércio, nos quais também se promoviam rituais e práticas lúdicas diversas.

A partir do século XX o rodeio passou a designar quase que exclusivamente o lugar das competições, exibições e rituais com eqüinos e bovinos. Com a valorização das façanhas realizadas por peões e laçadores, muitos proprietários rurais começaram a inserir disputas e apostas nas festas promovidas em suas fazendas. Essas ações promovidas pelos proprietários

rurais podiam ser considerados momentos “de interação social nos quais explorava-se um desafio elementar entre perícia cultural e força da natureza” (ALEM, 1996, p. 153), pois, era a relação de disputa existente entre o homem e animal, desafiando a agilidade, destreza e força em cada um.

O turfe no Brasil está intrinsecamente ligado ao surgimento do Jockey Club Brasileiro, na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, as corridas de cavalo eram os mais importantes e movimentados espetáculos esportivos do Estado do Rio de Janeiro, as primeiras corridas de cavalos datam de 1810, organizadas na praia de Botafogo, por comerciantes ingleses. Internacionalmente o turfe já era um esporte apreciado na Inglaterra, desde o século XVII.

A história do Jockey Club começa no ano de 1868, quando um grupo de cidadãos interessados em turfe, entre os quais o conde de Herzberg, o Major Suckow, Costa Ferraz e Henrique Possolo. As corridas ocorriam no “Prado Fluminense”, no bairro do Engenho Novo. A reunião inaugural ocorreu em 16 de maio de 1869. Estiveram presentes o Imperador D. Pedro II, D. Thereza Christina e cerca de 4.000 pessoas. O primeiro páreo foi vencido por “Macaco”, que também venceu o quinto páreo, de criação e propriedade do Comendador Francisco Pinto da Fonseca Telles, Barão da Taquara. Ele havia sido membro da primeira diretoria do Clube de Corridas e seu haras era localizado em Jacarepaguá, nas cercanias do Rio de Janeiro.

Em 1955, um grupo de jovens independentes economicamente e preocupados em gerar obras beneméritas e diversão para a população local fundam o clube “Os Independentes” (NOGUEIRA, 1989). Anos mais tarde, os Independentes contratam o arquiteto Oscar Niemeyer que elaborou o novo parque do peão de boiadeiro com o formato de uma ferradura e capacidade para 35 mil expectadores, sendo considerada uma das maiores arenas de rodeio do mundo. A partir de 1956 a festa passou a fazer parte do calendário oficial de festividades da cidade de Barretos, sendo realizada sempre no mês de agosto (NOGUEIRA, 1989).

A festa de Barretos acabou por virar a maior referência nacional em rodeio. A festa foi disseminando de forma surpreendente, com o auxílio dos

meios de comunicação (TV, revistas especializadas na cobertura destes eventos). As festas de peão acabaram gerando interesse não somente nos envolvidos com o meio rural, mas, também em novos segmentos. Com isso o evento aumentou seu valor de mercado, atraindo empresas automobilísticas, de cigarros e bebidas como uma forma de propagar sua marca.

Desde então começaram a vir turistas de países como Chile, Peru, Bolívia, Paraguai e Uruguai nas etapas seguintes. A construção da arena no Brasil ficou conhecida no exterior atraindo a atenção de competidores americanos e canadenses e em 1993, Barretos realizou o primeiro “Rodeio Internacional”.

Embora a prática do rodeio já fosse comum em festas gaúchas, o modelo de Barretos acabou prevalecendo. Atualmente o rodeio de Barretos é considerado a maior festa de rodeio do mundo no tocante à público pagante e geração de negócios diretos e indiretos (BETING, 1997).

A realização dos rodeios locais possui calendários anuais com datas pré estabelecidas, tornando-se uma espécie de atrativo para as pessoas de várias regiões interioranas como forma de turismo. A esse respeito Serra (2000, p. 7) pondera que:

Os rodeios são, ainda, uma fonte promissora de turismo, pois suas festas têm atraído para as cidades que as sediam pessoas de todas as partes do Brasil e de alguns países próximos e mais distantes, aumentando nos períodos das competições a arrecadação de diversos municípios e possibilitando que pequenas cidades fiquem mais conhecidas nos âmbitos nacional e internacional.

Sem maiores pretensões, com objetivo apenas de divertir a população local, competições semelhantes já faziam parte da tradição local antes do primeiro evento. Desde o Século XVIII ocorriam disputas realizadas nos finais de semana, entre peões das fazendas que disputavam suas habilidades como melhores domadores de cavalos.

Por isso, o modelo mais conhecido (Barretos), que é o Rodeio Completo (esportivizado) de forma alguma é o único. Algumas regiões ao promoverem o rodeio o fazem com as características locais, predominando suas

singularidades, a exemplo do rodeio crioulo⁷, das vaquejadas⁸, as montarias e o rodeio de peão.

No rodeio crioulo há o predomínio da prova de tiro de laço e da gineteada. O tiro de laço consiste em tentar laçar um novilho lançando uma corda com nó em formato de laço em sua direção a fim de laçar os chifres, enquanto que a gineteada consiste na montaria de cavalo xucro. O rodeio como festa gaúcha geralmente é realizado em locais amplos e costuma ocorrer em competições de rodeio crioulo em fazendas ou Centros de Tradição Gaúcha.

Na região Nordeste, é muito comum a existência das vaquejadas, no Sul o rodeio crioulo e no Sudeste o rodeio de peão (rodeio completo⁹). A vaquejada sempre foi considerada festa popular no sertão, com um público bastante curioso pelo folgado de derrubar o animal pela cauda. As competições são realizadas em recintos específicos e ao final pode-se contemplar os shows de forró.

O rodeio no Sudeste era caracterizado pela montaria em touros, cavalos e prova de laço. Segundo Nogueira (1989, p. 91) a prova de laço inserida na programação de rodeios de Barretos desde 1967, é típica das regiões planas, sendo muito comum na região dos Pampas e no Pantanal. Segundo a mesma autora, o início dos rodeios no Sudeste começou com a venda do rodeio como um espetáculo em circos de touradas ou circos de rodeios. De acordo com os escritos de Nogueira, a maior parte dos rodeios, até a invenção das festas de peão, ocorria em circos de tourada.

É comum verificar diferenças na prática do rodeio recorrentes entre estados, especificamente nos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Do mesmo modo, as variações do esporte são recorrentes

⁷ Rodeio Crioulo é o evento que envolve animais nas atividades de montarias, provas de laço, gineteadas, pealo, chasque, cura de terneiro, prova de rédeas e outras provas típicas da tradição gaúcha nas quais são avaliadas as habilidades do homem e o desempenho do animal.

⁸ A vaquejada é uma atividade recreativa-competitiva característica do Nordeste brasileiro, no qual dois vaqueiros a cavalo tem que perseguir o animal (boi), emparelha-lo entre os dois cavalos conduzindo –o até o local determinado, duas faixas de cal do parque da vaquejada) onde o animal deve ser derrubado.

⁹ São consideradas modalidades que compõem o rodeio completo as montarias em touro e cavalo, as provas de laço e a dos três tambores - as duas últimas classificadas como provas funcionais.

em todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, precursor do esporte é comum as variações técnicas, regras e atuações do homem e animal.

Algumas ações foram desenvolvidas para padronizar as competições de rodeio, o que significou um processo de esportivização, o qual teve início com a criação da Confederação Nacional de Rodeio Completo.

No Brasil a campanha de transformação do rodeio em esporte nunca esteve em detrimento dos interesses do negócio. O rodeio no Brasil é regulamentado pela lei federal nº 10.519/02 como uma atividade esportiva. A partir desta data, esta lei ficou conhecida como “Lei do rodeio” a qual instituiu normas gerais relativas ao esporte rodeio, e o peão reconhecido como atleta profissional em 2001, através da Lei nº 10.220/01. Das disposições gerais atribuídas a lei do rodeio pontua-se que:

Parágrafo único. Consideram-se rodeios de animais as atividades de montaria ou de cronometragem e as provas de laço, nas quais são avaliados a habilidade do atleta em dominar o animal com perícia e o desempenho do próprio animal (BRASIL, 2002).

Na vida do peão isso significou algumas garantias trabalhistas e refletiu, no cenário laboral, regras bem definidas e perspectivas de melhoria de renda. Do ponto de vista do peão, deixou de ser apenas um meio de vida para virar profissão. A isso se soma maior cobrança sobre um perfil esportista, englobando resiliência, força, equilíbrio, disciplina, cooperação, competitividade, coragem e marketing para agradar ao público.

Outro aspecto legal importante na organização do rodeio diz que, os eventos promovidos com características de rodeio deveriam ainda obedecer a lei nº 10.510/02 nos atributos relacionados à realização deste evento conforme pontuado nos Artigo 4º e 5º da referida lei.

Art. 4º Os apetrechos técnicos utilizados nas montarias, bem como as características do arreamento, não poderão causar injúrias ou ferimentos aos animais e devem obedecer às normas estabelecidas pela entidade representativa do rodeio, seguindo as regras internacionalmente aceitas.

Art. 5º A entidade promotora do rodeio deverá comunicar a realização das provas ao órgão estadual competente, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, comprovando estar apta a promover o rodeio segundo as normas legais e indicando o médico veterinário responsável (BRASIL, 2002).

No entanto, por mais que esses aspectos legais tenham ocorrido, segundo Costa (2003), sua motivação foi mais no sentido de aprimorar o espetáculo e dar resposta à pressão da sociedade em relação aos maus tratos a animais e à insalubridade laboral do peão.

Em complemento, Alem (1996) situa a contradição entre a exploração material do peão e a exaltação do mesmo como herói do rodeio, o que não deixa de ser uma exploração só que simbólica da imagem desse e de outros personagens.

Nesta dimensão entram os “personagens chave, que criam as imagens e mitos populares construídos e reiterados na ritualização dos rodeios como espetáculo e como arte, esporte e espetáculo de consumo massivo” (ALEM, 1996, p. 109), favorecendo as atividades de lazer constituídas destes eventos, tendo a mesma importância comemorativa e lúdica de outros espaços e acontecimentos como os shows de música sertaneja, o parque de diversões e as praças de alimentação¹⁰.

Por isso, embora o rodeio seja oficialmente um esporte, seu gerenciamento maior está subentendido, a nosso ver, à lógica do espetáculo de massas. Por isso, é importante também buscar elementos para discutir o rodeio como um atrativo que atua em sinergia com a Indústria do entretenimento ruralista.

2.2. Como o rodeio funciona como uma atração das feiras agropecuárias?

Entende-se por festas, eventos comemorativos com características marcadas pela postura descompromissada, alegre e de liberdade de seus participantes. Podendo apresentar caráter popular, a partir da iniciativa de grupos sociais ou organizado por gestores públicos, com a intencionalidade de celebrar uma data ou acontecimento local.

A festa marca uma ruptura coletiva e particularmente clara e significativa no desenvolvimento ordinário dos dias. Mais importante ainda são as festas que marcam os tempos da vida coletiva, religiosa ou cívica. Elas são organizadas em datas fixas que correspondem frequentemente aos grandes momentos dos ciclos cósmicos e aos acontecimentos maiores da vida da cidade. As festas manifestam-se por procissões, danças, música, espetáculos. Cada um é por sua vez

¹⁰ Local específico para montagem de barracas de doces, lanches e salgados dispostos em grandes corredores.

ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão (CLAVAL, 2007, p. 131).

Neste sentido, pode-se considerar que o grupo social quando envolvido e presente nas festas, promovem a dualidade de papéis, ora como público, ora como atrativo, possibilitando assim, as trocas socioculturais. Por outro lado, as festas também podem apresentar-se com caráter cultural, permitindo o acréscimo da fluidez turística, mantendo o simbólico destas festas ou simplesmente desapropriando os sentidos/significados envoltos pelas festas numa configuração em que o espaço de realização torne-se apenas um cenário onde não há o envolvimento da população.

Neste sentido, pode-se dizer que ao fomentar qualquer tipo de evento, ocorrem transformações nos espaços em que se realizam, assim como nos arredores, gerando benefícios ou impactos desfavoráveis sejam nos aspectos físico/ambiental, política ou sociocultural.

A massificação dos eventos pode trazer consequências de diversas ordens, tais como: a perturbação da ordem pública; a saturação de espaços físicos; a falta de respeitabilidade para com edificações ou logradouros públicos ou de interesse de preservação; choques culturais e de costumes em função de comportamentos inadequados ou exóticos; incorporação de elementos visuais ou de impacto, entre outros (BAHL, 2004, p. 42).

A festa torna-se então, objeto para o consumo massivo. A heterogeneidade ofertada pelas variações festivas é objeto de seletividade, a ponto de identificar os símbolos capazes de identificarem as cidades ou lugares de realização. Podemos citar como exemplos: festas juninas do Nordeste; festa do boi em Parintins; Oktoberfest em Santa Catarina; carnaval do Rio de Janeiro; festas de peão em São Paulo e no Paraná.

Todavia, nem sempre se dá importância a um planejamento envolvendo atividades que minimizem os impactos ao mesmo tempo em que potencialize benefícios direcionados aos grupos socioculturais da localidade. Uma crítica ao planejamento, as festas não são planejadas como eventos, sendo que algumas atividades não agregam valor à comunidade. Não existe uma política de transcendência cultural, restringindo ao entretenimento por si. Neste aspecto Melo Neto (2001, p. 55) acrescentam que:

Os eventos são valorizados como fatos e acontecimentos e não como manifestações culturais. É a dimensão do entretenimento que se sobrepõe à dimensão cultural. Pois é como ação de entretenimento

que o evento é valorizado pela mídia e pelo público em geral. Produções de agrado fácil, em especial de riso fácil. O objetivo é atrair o público, divertir as pessoas e nada mais.

Por outro lado, essa leitura não pode desconsiderar que as pessoas não são passivas diante do entretenimento. Dias (2011) vai além ao provocar que cada sujeito possui liberdade para escolher seu entretenimento, o que não necessariamente é sinônimo de alienação e baixa qualidade, especificamente quando há o consumo de produções de massa feitas com qualidade. Ademais, retomando Trigo (2003) o entretenimento não é um produto estável. Com esse olhar, podemos relativizar os efeitos dos eventos, nem sempre previsíveis.

As festas, por exemplo, enquanto manifestações culturais, proporcionam as ditas comunicações populares específicas da região em que ocorrem, permanecendo assim, as tradições locais, pois, estarão inseridos nestes movimentos, os líderes de opinião. É possível verificar nas festas tradicionais algumas mudanças decorrentes da realidade sociocultural e econômica. Schmidt (1997, p. 35) afirma que “nos dias atuais, as manifestações da cultura popular, particularmente as festas, não manifestam apenas os aspectos tradicionais, mas assimilam características decorrentes desse processo maior, dando-lhes novas formas e novos significados”.

A diversidade de comunicação existente no interior de uma festa possibilita a unificação de várias festas em um mesmo espaço, assim como as festas de rodeio que em seu complexo universo ruralista compõem-se das feiras agropecuárias, dos parques de diversões, gastronomia local entre outras opções.

Neste íterim, pode-se dizer que as festas ruralistas em sua grande maioria têm por finalidade a apresentação/comercialização de produtos tanto para o mercado interno quanto para o externo. Tais festas classificam-se em feiras e exposições agropecuárias e feiras e exposições comerciais e industriais.

O espaço tido como feira, é composto por estandes, montados de forma estratégica para atrair os olhares do consumidor, uma vez que a finalidade desses estandes centra-se na “exibição pública com o objetivo de venda direta ou indireta de produtos e serviços” (MATIAS, 2001, p. 66), tornando-se um atrativo para região em que ocorre o evento, ao mesmo tempo, em que

promove à divulgação de variados produtos e serviços direcionados as necessidades ruralistas.

Concomitante à exibição dos produtos e serviços, as feiras agropecuárias fortalecem a economia local e ampliam a difusão da informação no campo, conduzindo os novos espaços agrícolas modernizados, fortalecendo no local um estilo de vida habitual conduzido pela racionalidade dessa modernização.

Segundo Alem (1996), as exposições agropecuárias constituem o fenômeno central da configuração sertaneja, o mais original, mais antigo e o de maior permanência e regularidade no tempo, tendo se expandido em quase todas as regiões brasileiras nos últimos anos, quando ocorreu sua inclusão entre os eventos da cultura de massas, podendo ser considerada ainda, uma tradição inventada.

O mesmo autor indica como uma tradição inventada¹¹, as práticas nos seus dispositivos geradores, por si só, de modo que não ultrapassem suas funções e grupos precípuos. É também o evento que mais acoplou e irradiou outros eventos semelhantes, considerados relevantes por ganharem notoriedade na indústria cultural, a exemplo dos desfiles, leilões de animais e as festas do peão, que em certos casos, entraram no circuito turístico e no calendário de competições esportivas.

Assim, em relação às exposições agropecuárias a primeira novidade é que não podem mais ser definidas como eventos estritamente econômicos e festivos. Nelas, encontramos o comércio onde se vende de tudo: animais, insumos para produção rural, veículos, equipamentos, artesanatos, shows, espetáculos variados, competições esportivas, diversão, comidas típicas, programas de rádio e televisão, livros, jornais, um mercado atraente para empresas e serviços de todos os ramos.

Embora seus promotores tenham como foco principal uma aparência mais visível de seus produtos, possibilitando um aumento considerável no consumo geral ainda assim, mantém outras formas de torná-los perceptíveis

¹¹ Entende-se por tradição inventada “o conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e norma de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado” (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

aos olhos do público ao mesmo tempo em que se compartilham as atividades e rituais específicos das festas de peão e dos rodeios.

Nesse cenário o rodeio atua como atração esportiva, cercada de emoção, com identidade ligada à ruralidade. O rodeio tem como objetivo permitir a disputa entre competidores por prêmios através da exibição de atos de destreza, coragem e bravura em montarias sobre touros e cavalos.

Vale lembrar que o rodeio no Brasil inicialmente está ligado à idéia de diversão ou folguedos com animais após reunir o gado nos currais, a partir do Século XVIII. Quando no século XIX os circos de touradas lhe emprestam os primeiros indícios de migração para o campo dos divertimentos na forma de espetáculo (NOGUEIRA, 1989), houve um processo histórico longo até se chegar à profissionalização do tempo presente. Noutras palavras, o rodeio se profissionaliza para deixar de ser o lazer do peão e transformar-se em carreira.

Em parte desconectado dos rituais e das práticas lúdicas rurais, algumas regiões o rodeio teve seu aspecto mercantil deslocado das disputas e apostas locais para as exibições massificadas e espetaculares. Ao passar do tempo foi incorporado a exposições e feiras agropecuárias e a eventos assemelhados, envolvendo promotores para esses eventos. Desse modo, adquiriram-se profissionais e animais especializados, além do ganho ao calendário regular e intensificado, incorporando técnicas e critérios esportivos de competição e avaliação, e por fim, aparece com outras roupagens, especialmente a do rodeio norte-americano (ALEM, 1996).

A partir dos anos 1990 houve um crescimento notável de quantidade de rodeios, sendo a principal estratégia dos produtores de rodeios para garantir a presença de grande públicos, agregando shows musicais com artistas e bandas populares, principalmente as do gênero sertanejo, tornando-se um verdadeiro espetáculo itinerante. Alem (1996), aponta como espetáculo itinerante e de massa, o rodeio suplanta, às vezes os circos clássicos e os grandes eventos musicais. Em algumas regiões do país estes “festejos” tornaram-se parte obrigatória das comemorações cívicas, principalmente dos aniversários municipais. Tudo indica que se trata de um mercado em expansão.

Os rodeios e festas do peão, junto com exposições, feiras, shows de duplas sertanejas, festivais de música, eventos esportivos, rituais cívicos,

religiosos e outros eventos ruralistas, estão no centro de uma nova rede de práticas e representações da categoria rural, que envolvem públicos massivos, fomenta formas inovadas de sociabilidade por meio do entretenimento e, principalmente expande o consumo de símbolos ruralistas em diversos espaços sociais rurais e urbanos (ALEM, 1996).

A preferência pela denominação Festa de Peão pode significar apenas uma festa de rodeio, mas em muitos casos não exclui outras atividades durante o evento. Um exemplo muito copiado é o da Festa de Peão de Barretos, no interior do Estado de São Paulo, cuja diversidade promocional inclui, além do rodeio, atividades paralelas como competições, exposições especializadas, shows, concursos e rituais variados, ou seja a dimensão festiva, turística, lúdica do evento funde-se a dimensão estritamente econômica da exposição/feira.

Vale ressaltar que o crescimento do rodeio tem proporcionado um espaço social na qual muitas tensões sociais se expõem sem limites de público. Assim, pode-se dizer que o crescimento social depende de constantes inovações e sua projeção no mercado simbólico de massas com outros conteúdos. Neste aspecto Alem (1996) pontua ser interessante que as exposições constituam-se como oportunidade de ritualizar posições de classes e exibir autoridades políticas que certos grupos desfrutam nos âmbitos privado e estatal.

Partindo dessas dimensões, torna-se necessário salientar que os primeiros promotores também considerados produtores originais, agentes executivos iniciais dos eventos, são os proprietários de parques e recintos que denominam a iniciativa de promover esse tipo de evento (rodeios e festas de peão) desde seus primórdios Alem (1996). Enquanto os chamados produtores associados são os profissionais e empresas diversas incluídas na promoção desses eventos, tendo como prioridade a execução dos objetivos contidos nos eventos.

Embora as transformações sejam visíveis, a profissionalização ainda segue em geral roteiros tradicionais, como transmitir a carreira entre gerações da mesma família. Elementos arcaicos ainda se fazem presentes, até porque a Indústria do Rodeio tem um público que busca esses signos, como a questão da devoção à Nossa Senhora (inserida na parte solene do espetáculo e que precede as montarias). Por isso o rodeio comercializado não pode abrir mão do

recurso da tradição inventada e, por vezes, até do simulacro (ALEM, 1996; PIMENTEL, 1999).

Enfim, ainda é, para muitos, uma mistura de paixão e profissionalização, de tradição e de modernidade, de esporte e de festa, de velho e de novo no cenário do entretenimento. Com o surgimento do rodeio criaram-se espetáculos, competições, campeonatos e federações. As apropriações tidas em um espaço festivo como a arena, favorecem outras vertentes do rodeio, como as competições entre peões, montarias, provas de laços, os shows artísticos culturais, proporcionando novas tecnologias e o sistema profissionalizante.

No entanto, Pimentel (2006) pontua que não ocorre somente uma reestruturação das atividades laborais do campo, como a montaria e o laço, em espetáculo esportivo, despontam atividades miméticas, simulacros e jogos virtuais, como mediação da vivência de disputa com o animal.

Neste sentido, os rodeios são focos de interpretações e olhares diferenciados de acordo com a cultura existente no local onde se realiza, abordando questões ora contraditórias à prática, ora favorável.

Um desses aspectos contraditórios é a denúncia sobre o sofrimento animal nessa atividade. Brandão (2014) pontua que o avanço mercadológico voltado ao rodeio provocou um crescente nível de violência, crueldade e maus tratos cometidos contra os animais. A própria esportivização da prática em 2000 seria um mascaramento dessa faceta.

Assim, torna-se necessário ressaltar a percepção cultural e esportiva abordada nas festas de peão, nas montarias, e até mesmo, a manutenção tradicional desse tipo de festejo. Costa (2003) corrobora com esse pensamento ao salientar que os favoráveis ao rodeio o apóiam por ser uma atividade tradicional no meio rural brasileiro, gerando empregos, renda e movimentando a economia das cidades promotoras desse tipo de evento.

Essa profissionalização do folguedo folclórico levou a modificações nos atores envolvidos, a ponto de vislumbrarmos na atividade de locutores, palhaços e salva-vidas o germe do que pode ser uma animação cultural ruralista, ainda que na perspectiva do entretenimento.

Por isso, encerro o diálogo com a literatura retomando a caracterização dos atores, acrescido de alguns apontamentos sobre animação no lazer (seja

ela denominada cultural ou sociocultural). Minha expectativa é que a parte empírica que dá sequência a este texto situe melhor essa hipótese.

Pautado nas diferentes atividades proporcionadas pelo rodeio, destacam-se os seguintes profissionais: juízes, salva-vidas, madrinheiros, tropeiros, berranteiros, comentaristas, preparadores físicos, médicos veterinários, sonoplastas e promotores de eventos. Todavia, Costa (2003) pontua que a profissionalização no rodeio é associada à criação de uma lei que deve reconhecer os peões enquanto atletas e o rodeio como esporte, banindo a possibilidade de interpretações jurídicas concebidas como lesivas ao meio ambiente.

Os juízes de rodeio são aqueles com conhecimento específicos e qualificados a julgar as montarias de forma justa e imparcial, com a obrigação de aplicar as regras tendo o conhecimento preciso das mesmas, deve se posicionar dentro da arena de forma a estar atento a todos os movimentos do peão e animal, checar os animais, bretes, equipamento de segurança, condições da arena e outras.

Salva-vidas são os anjos da guarda dos peões, sua presença é indispensável nos rodeios de montaria em touros, tem a função de distrair o animal para longe do peão quando este sofre a queda, quando fica preso na corda americana o salva vidas tem que socorrê-los mesmo que para isso tenha que colocar sua vida em risco, a vida do peão, o trabalho é desenvolvido com no mínimo dois profissionais um para distrair o touro o outro soltar o peão.

Sempre montados à cavalo, Madrinheiras e Madrinhadores entram em cena no rodeio de cavalos tendo como objetivo tirar o peão de cima do cavalo quando este permanece no animal durante o tempo exigido pela prova. Essa prática, conforme nos foi informado, também visa contribuir para a celeridade do espetáculo, pois encurta os intervalos entre uma montaria e outra, agilizando a saída dos animais.

Quanto aos Tropeiros, o termo vem de tropa, e no caso do rodeio nomeia o condutor de tropa. São os proprietários de bois e cavalos, seu trabalho requer muito cuidado com o manejo, transporte e trato com os animais. A reputação do tropeiro é dependente da fama dos touros em proporcionar um bom espetáculo. Notamos que as festas de rodeio fazem

questão de divulgar qual o nome da companhia de tropeiros que fornece os bois.

Berranteiros são os tocadores de berrante, estão presentes em quase todos os rodeios e já fazem parte do folclore das festas de rodeios.

Os comentaristas possuem a função analisar e comentar o que acontece na arena nos intervalos entre as montarias, este tem que ser conhecedor das regras e uma visão crítica, esclarecendo e ilustrando o espetáculo.

Em função do desgaste causado no peão pelas provas e tendo em vista a necessidade de força, equilíbrio e coordenação para a prática do rodeio, nos bastidores do espetáculo existem profissionais especializados em promover os cuidados corporais com o peão. No meu estudo, pude identificar que até os locutores e salva-vidas relatam a importância de condicionamento físico. No caso dos peões, há a figura do preparador físico.

Os animais também possuem acompanhamento e cuidados com sua saúde. A presença do Médico veterinário é obrigatória, promovendo zelo e bem estar. Pois estes animais possuem elevado custo, são selecionados, proporcionando mais qualidade ao evento, o que irá gerar um acréscimo de público, contribuindo com a economia local.

Porteneiro é o responsável por abrir a porteira do brete para saída do animal isso se dá ao sinal de positivo do peão, podendo ser acenado com a cabeça ou comunicação verbal.

O Sedenheiro é responsável por colocar o sedém no animal este com muita cautela o faz com o animal já posicionado no brete.

Peão, etimologicamente aquele que anda a pé, sem montaria própria, foi resignificado no marketing das festas como o personagem principal dos rodeios. É o competidor ou atleta que monta nos animais (boi, cavalo ou carneiro) com objetivo de parar sobre o animal durante o tempo da prova.

Locutor é o responsável por dinamizar dentro da arena, narrador do rodeio, tornando o espetáculo ainda mais vibrante e emocionante passando para o público percepções ético-estéticas em torno do rodeio.

Entendemos que o locutor de rodeio atua como animador sociocultural nas festas de peão, em específico no rodeio. O animador é o profissional que intervém junto a uma comunidade ou grupo, recorrendo à utilização de várias técnicas de animação, como jogos, danças, narração, músicas e desafios. No

rodeio, o locutor tem a função também de explicar as atividades realizadas dentro da arena. É neste sentido que entendemos o locutor como um animador; alguém que informa e entretém o público antes, durante e depois cada montaria.

Importante destacar que não há menção na literatura do rodeio no âmbito das discussões sobre Animação Sociocultural (ASC). Ela é entendida geralmente pelo conjunto de práticas sociais que têm por finalidade estimular a participação das comunidades no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sócio-política em que estão integrados. Lopes (2006) ressalva que qualquer ação com dimensão social e cultural que se objetive a dinamizar programas junto à população, pode ser considerada Animação Sociocultural.

Melo et al (2009) compreendem a animação cultural como uma intervenção pedagógica capaz de potencializar oportunidades de vivências ao mesmo tempo em que possibilita prazer e diversão. Assim sendo, enaltece nosso olhar sobre a existência da animação cultural no interior das arenas de rodeio, ora promovido pelos locutores, ora pelos palhaços de rodeio e salva-vidas.

Os locutores são um dos principais responsáveis pelo entretenimento do público. Isso quer dizer que em quase todo tempo do rodeio a platéia presta atenção ou é envolvida pela narração e imagem do locutor. A função do locutor, portanto, tem por responsabilidade animar o público. Essa animação ocorre de diversas maneiras dependendo do locutor que está na arena.

Outro personagem de destaque nos rodeios do Brasil são os animadores de arena, conhecidos como palhaços, por apresentarem-se com o rosto pintado e vestimentas coloridas, tendo a finalidade de promover entretenimento ao público ao mesmo tempo em que realiza a interação da platéia ao evento permitindo que os espectadores não percam o foco principal - o rodeio. Após a entrada com peões e salva vidas estes se retiram com o cortejo retornando à arena somente quando se inicia as montarias.

Num contexto histórico, a presença do palhaço nos rodeios pode estar relacionada às influências circenses, “uma vez que os espetáculos circenses predominavam o número em cavalos” (FERNANDES, 2012, p. 46), nestes espetáculos o palhaço quase sempre se apresentava montado nos cavalos de

maneira irregular (sentado para a traseira do eqüino), gerando quedas, proporcionando entretenimento à platéia.

Uma das características do palhaço está em sua criatividade e capacidade de improviso, fazendo traquinagens e pequenas esquetes para atrair a atenção do público, neste aspecto Bolognesi (2003, p. 174) pondera que o objetivo do palhaço consiste em:

Buscar o riso da platéia. Para tanto, faz uso de figurino próprio e característico, de uma mascara/maquiagem e das expressões corporais e vocais, a conjugação destes elementos contribui para uma boa interpretação. O recurso preferencial do palhaço é seu próprio corpo, mascarado e vestido de modo aberrante e rudimentar, visando a exploração do ridículo.

O palhaço incorpora personagens dando vida e uma dose de bom humor em suas aparições, seu jeito espeloteado de ser no interior da arena transgride o comum do ser humano, fazendo com o que parece ser ridículo torne-se o mais belo “sua ação é permeada pelo riso, pelo humor e pela ironia” (FERNANDES, 2012, p. 48).

Em suma, o rodeio contemporâneo conjuga uma equipe que atua dentro (locutor, auxiliar de locutor, salva vidas, palhaço de rodeio, madrinheiros, porteneiros, juízes e peão) e fora da arena (tropeiro, comentarista, juiz de brete, veterinário, preparador físico) para que as apresentações aconteçam como planejadas, de maneira que ocorra o espetáculo esportivo a qual o público espera, em segurança. Neste aspecto, Silva (2001) corrobora ao afirmar que a movimentação da arena é comandada pelo locutor.

Dentre a gama de profissionais envolvidos no rodeio, três foram destacadas neste estudo em decorrência de peculiaridades uma com a outra, e ainda por se ligarem diretamente ao público, desconsiderando os atletas que tem maior visibilidade. São estas funções: locutor, palhaço animador de arena e salva-vidas. Ambas são características da festa esportiva, não havendo a possibilidade de ocorrer um evento, mesmo que em pequeno porte, sem a presença de pelo menos dois desses profissionais.

Com auxílio do referencial deste capítulo foi possível transcender o empírico e notar que as práticas esportivas envolvendo duelos entre homens e animais estão presentes em quase todo o país, destacando-se especificamente nas regiões Sudeste, Centro-Oeste e Sul com o Rodeio e o Nordeste com a

vaquejada. Cada região apresenta singularidades e diferenças culturais que refletem na oferta e no consumo do rodeio, embora o mesmo já tenha sido padronizado como esporte.

É em meio a essas trocas culturais que a fluidez entre urbano/rural, popular/massivo e tradicional/moderno na animação revela o hibridismo do rodeio. Outro aspecto ambíguo é a interação homem/animal incorporado ao lazer, na qual se revela a dualidade lazer/trabalho também existente no rodeio, evidenciando sua origem advinda do labor pecuário percorrido por momentos lúdicos promovidos nas disputas entre peões (PIMENTEL, 2006).

Ao findar o marco teórico, destaco a existência de heterogeneidade nas práticas de rodeio. Logo, ao caracterizar a animação cultural no caso selecionado (Colorado-PR), tomei o cuidado para não impor generalizações, mesmo que essa festa de peão seja a mais importante do Paraná e conhecida nacionalmente. A fim de descrever tal como ocorre a Festa em Colorado, situo no próximo capítulo o contexto do Paraná e de Colorado para, posteriormente, reconstruir com base nos registros do diário de campo o ambiente no qual os atores do estudo desempenham a animação cultural de rodeio.

3 ESPORTE, FESTA E ANIMAÇÃO CULTURAL EM COLORADO

Neste capítulo trago os resultados do trabalho de campo, especialmente destacando as categorias retiradas das entrevistas e as observações de campo, que foram importantes para ter acesso aos profissionais e compreender os bastidores do rodeio. Para tanto, privilegiei a descrição do rodeio em Colorado e, noutro tópico, destaquei as representações dos sujeitos entrevistados. Ambos os tópicos deste capítulo contextualizam o empírico e trazem compreensões sobre as diferentes esferas do rodeio, quem são e o que pensam os sujeitos da pesquisa, e como produzem um modo de fazer animação cultural no contexto do rodeio. No diálogo com a literatura, buscamos trazer compreensões sobre essa prática.

3.1. Festa de Rodeio em Colorado: encontros entre local e global

O Estado do Paraná localiza-se na região Sul do país. Franco Netto (2011) pontua que a região correspondente ao Estado fazia parte da província de São Paulo até meados do século XIX. Atualmente possui como vizinhos os Estados de São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, faz fronteira com Argentina e Paraguai e limite com o Oceano Atlântico. Sua área é de 199.880 km² tendo como capital a cidade de Curitiba.

O Estado apresenta como característica principal a diversidade cultural, pois sua “composição teve traços semelhantes à colonização brasileira, formada pelo índio, pelo branco europeu e pelo negro” (FRANCO NETTO, 2011, p. 119), tendo contribuição dos mestiços, poloneses, italianos, alemães, ucranianos, holandeses, espanhóis, japoneses, portugueses e por imigrantes procedentes dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Minas Gerais.

A ocupação do Estado por outros povos é resultante do dinamismo das regiões mais desenvolvidas da colônia. Franco Netto (2011) salienta que a atividade da mineração conduziu a implantação dos primeiros núcleos urbanos na região. Posteriormente a mineração no litoral e a atividade de pecuária se interligam nos Campos Gerais formando o povoamento de Curitiba.

Todavia, no início do século XVIII, destacou-se a atividade da pecuária, favorecida pelo clima, vegetação e os campos extensos, “através da abertura de estradas e dos caminhos que dirigiam o gado vacum (raça de animal) para as feiras de Sorocaba em São Paulo” (FANCO NETTO, 2011, p. 115), favorecendo o tropeirismo enquanto atividade econômica da região.

O gado tornou-se fundamental para o consumo da carne e principalmente pelo transporte, demandando assim o cultivo de campos e pastagem. O caminho percorrido pelas tropas interligava as grandes pastagens dos Campos e dos Pampas do Rio Grande do Sul com Sorocaba – SP, local de realização das grandes feiras desses animais, promovendo em conjunto a comercialização de outros produtos (FITZ, 2013).

Além da comercialização, o tropeiro ao contar causos difundia os costumes, atuando como emissário e agente cultural, ao propagar recados, receitas e novidades, com as pessoas que habitavam locais distantes e isolados (FITZ, 2013). Ao levar novos hábitos, promovia-se a “implantação” da diversidade cultural no Estado, tanto em aspectos sociais, artísticos culturais, com as danças e a teatralidade existente em outras manifestações envolvendo o conjunto homem e animal.

Diante essa diversidade cultural encontrada nos rodeios, iremos nos ater a essa modalidade praticada no Estado do Paraná, tendo como lócus da pesquisa, a cidade de Colorado, dando ênfase à animação sociocultural desenvolvida neste esporte, aos espaços utilizados e quais apropriações são decorrentes destes espaços na realização de eventos esportivos envoltos por homens e animais.

O termo Colorado vem do espanhol “colorado”, referindo-se a tom de cor avermelhada, que no contexto histórico, em 1964 o espanhol João Unãte atravessou um rio de águas avermelhadas batizando-o de Colorado, que por sua vez deu origem ao nome do atual estado do Colorado nos Estados Unidos (FERREIRA, 2006), influenciando o nome da cidade de Colorado no Estado do Paraná, fundado pela Companhia Colonizadora Imobiliária Agrícola de Catanduvas.

O Município de Colorado se destaca no Estado Paraná por estar centralizado no pólo agropecuário mais rico do país. Contando

aproximadamente com uma população de 25.000 pessoas, cujas relações com a economia agropecuária e o modo de vida rural são orgânicas.

Ainda sobre Colorado, sua existência é germinada no início de 1948. A companhia Colonizadora Imobiliária e Agrícola de Catanduva (CIAC) possuía uma gleba de terra denominada Bacia do Piropó, no Município de Jaguapitã. Tais terras foram divididas e demarcadas em lotes rurais e urbanos, com a finalidade de ali fundar uma cidade que recebia o nome de Colorado.

O nome Colorado veio da extinta “Fazenda Colorado” produtora de café. O ciclo cafeeiro em alta, e as terras férteis atraíram pessoas de todo país, com atenção maior ao estado de São Paulo, de onde herdou padrões culturais.

Em 1954, devido ao rápido crescimento e desenvolvimento desta localidade, foi elevado à categoria de Município, desmembrando-se de Jaguapitã de acordo com a Lei Estadual 253, de 02 de dezembro de 1954, sendo instalada em 10 de dezembro de 1954 o município, e entre festa e alegria, o povo elegia o seu primeiro prefeito o Sr. Jerônimo Ribeiro.

Colorado é uma cidade de 23.402 habitantes, localizando-se a 22° 50' de latitude Sul e 51° 53' de longitude Oeste a 380 metros de altitude. Sedia uma das maiores Usinas de Açúcar e Alcool do Sul do Brasil, sendo grande geradora de empregos para a região. (IBGE, 2003)

Dentre as festividades recorrentes na cidade, pode-se destacar a Festa do Peão de Boiadeiro de Colorado, considerada a maior do Paraná, dando a cidade o título de Capital do Rodeio do Paraná.

Colorado atualmente pode ser considerado uma “indústria de produção de rodeios”, pois, o rodeio representa a singularidade cultural local. Como expõe Geminiano (2010), a representação do rodeio é um importante aspecto de afirmação da identidade cultural singular de Colorado. Isso pode ser ilustrado na estátua, na qual a figura de um peão praticando rodeio em touros está localizada não menos do que na chegada da cidade.

Ainda a respeito dessa imagem é que ela pode ser interpretada dentro do quadro comum à maior parte das cidades ao Norte/Noroeste do Paraná: sua colonização foi realizada tardiamente (há menos de 100 anos), especialmente por conta da resistência indígena. Coube a companhias de terras, a exemplo de Maringá, Londrina e Cianorte, a criação da cidade, mas essa origem parece gerar uma carência de história.

Por isso, é muito recorrente em tais cidades a busca por identificar-se com algo típico, seja um prato (carneiro no buraco, como em Campo Mourão), um elemento produtivo (a produção de uva, como em Marialva) ou uma festa, que é o caso de Colorado. Logo, podemos tomar a festa de peão de Colombo efetivamente como um acontecimento que fornece referência à cidade, mesmo que em certos aspectos essa tradição precisasse ser inflada e ostentada.



Imagem1. Monumento na entrada da cidade de Colorado. Fonte: Registro pessoal Jean Cléverson Moraes (2014).

As festas de rodeio na cidade são realizadas pela Sociedade Rural de Colorado, antiga Associação dos Agropecuaristas de Colorado, fundada em 1973, com a participação de vinte e sete membros. Em 1974, os associados deram início à primeira festa, de modo a inserir-se no calendário de eventos culturais do Estado, com grande afluxo de público da região.

A realização da festa pela Sociedade Rural tem um investimento médio de R\$ 1.500.000,00 (um milhão e quinhentos mil reais) favorecendo projeção nacional à cidade, atraindo público de todos os lugares do Brasil. Encontra-se em sua quadragésima edição, canalizando cada vez mais recursos que potencializam a qualidade do espetáculo ao mesmo tempo em que proporciona fortes ações de comunicação envolvendo todas as parcerias, Costa e Crescitelli (2003) pontuam que a comunicação é uma oferta de ferramentas e

estratégias que possibilitam a divulgação do “produto” provocando fidelidade e fortalecimento de sua imagem, levando o público à decisão de compra.

Os dizeres de Costa e Crescitelli (2003) vêm ao encontro do que ocorre nos rodeios de Colorado. A divulgação do evento se faz em todos os meios de comunicação, a manutenção de parcerias permanece a cada evento, um exemplo explícito é o merchandising já divulgando a quadragésima primeira festa de peão que ocorrerá no ano de 2015 através do site oficial da festa.

O resultado é alcançado como ilustra a foto abaixo, pois há público lotando o recinto. Também se pode observar o conjunto de profissionais e de equipamentos dando suporte ao rodeio. De fato, o espetáculo é produzido com recursos tecnológicos superiores ao padrão de outras festas na região. Ainda que rústico, da limpeza do local até a presença de sistemas de sonorização e iluminação é possível interpretar que há suporte financeiro destinado à produção do espetáculo.



Imagem 2. Arena da Sociedade Rural de Colorado. Fonte: Arquivo pessoal Jean Cleverson Moraes (2014).

Comercialmente, o rodeio de Colorado é um forte canal de comunicação capaz de veicular mensagem sem contatos pessoais atingindo diretamente o

público, uma vez que as mensagens se dão desde o estacionamento até o interior da arena, que está envolta de mensagens publicitárias e comunicação mercadológica, as bebidas comercializadas na festa são exemplos da própria divulgação da marca patrocinadora do evento.

Assim, embora a festa seja um evento que se repete anualmente, os preparativos para a mesma envolvem muitos meses de trabalho. Não é possível gratuidade ou mutirão, marcas das festas na ruralidade arcaica, pois envolve despesas e contratações sendo investido um valor muito alto para que ocorra o evento. Segundo o diretor, critério de contratação dos profissionais se dá pelo profissionalismo, respeito e qualidade dos animais. Cerca de quatro meses antes os profissionais de rodeio já iniciam seus contatos com a comissão organizadora, que a cada ano anos procuram introduzir novidades na festa.

Por outro lado, se o rodeio de Colorado é um evento que é moderno como empreendimento, mas tradicional na sua gestão. Isso se deve ao fato dos integrantes da comissão organizadora ter idade superior a 60 anos, e este ano completando 40 anos de rodeio, sendo o diretor de rodeio Marcelo Shichieri, 24 anos de idade, filho do presidente e neto do fundador. Quando o pai foi pela primeira vez presidente do evento, começou a se interessar pelo trabalho, embora destaque a figura do avô, criador do evento, pelos valores (respeito, humildade, justiça) presentes nas relações interpessoais. A gestão é modernizada tecnologicamente, mas o ethos busca as tradições. Mas por que evocar profissionalismo com valores tradicionais na gestão? É importante destacar que no mercado novas festas de rodeio surgem. Por isso, inferimos que o gestor de Colorado deve situar o status de sua festa sobre a dos concorrentes.

No Brasil, ocorrem inúmeras festas de rodeio simultaneamente às festas de peão, ajudando a constituir um circuito. Por isso, em muitos casos, embora singular, a festa de Colorado é apenas mais uma etapa no circuito de alguma empresa.

Vale ressaltar que as regras para as competições de rodeio se diferem entre os campeonatos, como ocorrem nos campeonatos: CIRCUITO NACIONAL DE RODEIO COMPLETO, TOP TEM CUP; PBR; BRAHMA

SUPER BULL PBR; COPA BRAHMA BARRETOS; CIRCUITO RR DE RODEIOS;

O Top Tem Cup é considerado o mais importante campeonato de rodeio do país, reúnem numa única esfera os melhores competidores da atualidade e os mais destacados animais e profissionais das arenas brasileiras. O circuito é patrocinado pela Cerveja Crystal, abrange etapas espalhadas por várias cidades brasileiras, que distribui uma premiação de R\$ 1 milhão de reais, aos campeões no final do circuito. As disputas são nas modalidades montaria em touros, montaria em cavalos nos estilos Barreback e Sela Americana, além da prova dos três tambores.

O Top Team Cup tem como principal objetivo a evolução do esporte rodeio, assim como a valorização de todos os competidores, animais e profissionais ligados ao circuito é o primeiro a premiar os melhores de cada modalidade, em cada etapa realizada, acumulando pontos para definição dos vencedores do campeonato. O campeão recebe R\$ 600 mil reais e os outros R\$ 400 mil reais são distribuídos entre campeã da prova de três tambores feminina, os vencedores de outras duas categorias do Top Team Cup e os animais (bois e cavalos) que se destacam nas competições (<http://www.topteamcup.com.br/site/link.php?opc=8>).

Em relação ao Professional Bull Riders (PBR), este campeonato foi criado nos Estados Unidos por 20 competidores que investiram 1 mil dólares cada um, a PBR é sinônimo de organização e desenvolvimento profissional na montaria em touro, modalidade esportiva popular no Brasil e uma das mais competitivas do planeta. Com uma premiação milionária, as etapas têm atraído milhões de pessoas para os recintos, gerando lucros e criando empregos, além de revelar importantes atletas entre homens e touros.

No Brasil a PBR deslocou a montaria em touro, ou *bullriding*, do formato do rodeio tradicional, tornando-a uma atração singular. A modalidade representa um esporte de adrenalina e competição entre os melhores atletas e os touros mais difíceis do Brasil, realizada em várias arenas do país. A PBR é a responsável por organizar os melhores torneios profissionais pelo Brasil e em outros países, incluindo o campeonato mundial (<http://pbrbrazil.com.br/index.php>).

Esses campeonatos são realizados nos cinco países com maior tradição para a montaria: EUA, Canadá, Brasil, México e Austrália. Neles estão instalados também os escritórios da PBR. Ao todo, são mais de 400 eventos espalhados pelo globo exibidos em mais de 700 horas pelas redes de TV internacional – cerca de 450 horas de transmissão, também com altas premiações. As premiações também ultrapassam a casa dos R\$ 7 milhões, número alto para uma modalidade esportiva fora do circuito do futebol. Atualmente os dois principais campeonatos realizados no Brasil promovido pela PBR são: a Brahma Super Bull e Copa Brahma Barretos.

A Brahma Super Bull é o maior campeonato de montaria em touros do país, sua premiação individual passa de um milhão de reais e dá chance para o competidor ir para o mundial, oportunizando disputar a final do rodeio mundial em Las Vegas, EUA.

Já a Copa Brahma Barretos oportuniza os atletas participarem do campeonato da PBR Brasil e sua festa ocorre durante a Festa de Peão de Barretos.

O Circuito RR de Rodeios é uma iniciativa da Cia RR de Rodeios de Torrinha, estado de São Paulo, (companhia que está presente nos rodeios em touros do Estado de São Paulo). O Circuito é propriedade do empresário Renan Rochitte, que se destaca no mundo de rodeio pela conciliação de diferentes aspectos para impulsionar o entretenimento: emoção, espetacularização, segurança e conforto ao espectador.

Os promotores dos circuitos freqüentam os eventos dos “concorrentes”, o que foi uma oportunidade para eu conversar, em Colorado, com diferentes produtores da Indústria cultural dos rodeios. O conhecimento desses diferentes circuitos no cenário nacional é ilustrativo para situar como a experiência singular de Colorado é articulada ao que denomino de Indústria cultural de rodeios. Neste caso, ainda que cada cidade do circuito tenha suas particularidades, também há uma tendência a se estabelecerem certos padrões ou normalizações. Passo agora a descrever alguns aspectos observados em outros rodeios (Londrina, Sabaúdia, Primeiro de Maio) visitados no Paraná a título de estudo-piloto.

Em cada rodeio acontece uma competição de montaria em touros e cavalos ou somente em touros que confere ao peão que conseguir a maior

pontuação o título de campeão. Os peões mais prestigiados são aqueles que conseguem ao longo de sua carreira acumular mais títulos.

Forma-se uma comissão organizadora responsável pelo evento compondo-se do presidente da festa e sua equipe. Em todo rodeio, existe um diretor cuja presença é referência no evento. Em seguida estipula-se uma data para realização do evento, local e horário. Esta comissão tem por função dividir os trabalhos entre o grupo gerando responsabilidades e o compromisso em fazer o evento acontecer.

É parte integrante da comissão organizadora do rodeio o contato direto com empresários e profissionais especializados no segmento. Através destes, são contratados os tropeiros (donos da boiada), uma média de quatro a cinco companhias de rodeio, os shows, equipamento de som e luz, palco (caso o local não o tenha), estruturas metálicas para eventos não fixos, arquibancadas, camarotes, juiz, locutor, palhaço, salva vidas e equipe de segurança.

Para a realização de uma festa de rodeio, como em qualquer evento que atrai uma grande quantia de público a movimentação em torno do cenário, equipamento de som, luzes, câmeras, telões, computadores, conferência das estruturas, bretes¹², arena são constantes, tudo é conferido e montado com antecedência para que o espetáculo inicie-se no horário estipulado.

Os caminhões das companhias de rodeio ao chegarem no local estipulado para a competição desembarcam seus animais no fundo dos bretes, estes passam por exames com veterinários, no intuito de identificar possíveis lesões ou ferimentos que possa comprometer a integridade física deste animal, caso ocorra a identificação de algum agravante é vetado a participação do animal. Desse modo, os tropeiros sempre levam animais reservas para caso ocorra algum imprevisto que impeça a participação da companhia nas montarias.

Durante os últimos preparativos, o ambiente é tomado por músicas sertanejas completando o evento e preparando a platéia para o início do espetáculo, os sonoplastas ou dj's ajustam e regulam os microfones de acordo com a voz dos locutores. Neste instante, a arena é preenchida com música

¹² Espécie de box onde o touro e o cavalo ficam antes de sair para a arena.

ambiente do estilo sertanejo característica do interior, preparando-os inconscientemente para o clima de rodeio.

A arena é previamente preparada com fogos de artifício, luzes e foguetes de forma que se torne um atrativo na abertura solene do evento, causando um efeito visual muito atrativo para o espectador.

As luzes são apagadas e acendidas em uma seqüência promovendo um efeito de suspense ao mesmo tempo em que causa expectativas no público. Ao soar a vinheta de entrada do locutor é acionado o comando de início do show pirotécnico no centro da arena, em meio as boas vindas do locutor a todos os presentes no recinto. O locutor tem a missão de transmitir em palavras as emoções do rodeio acompanhado do som de músicas sertanejas e “batidões”, o locutor anima a platéia com versos e rimas que envolvem o folclore e a cultura do povo do interior, iniciando a abertura oficial da festa. Torna-se comum ao locutor articular frases fortes que inspiram e mexem com a emoção de quem está presente, como se num passe de mágica as luzes, som, fogos abrilhantassem o céu dando início a mais uma grande competição.

Passado os fogos, os cavaleiros e amazonas entram na arena montados a cavalo, levando consigo bandeiras do estado, cidade que sediam a festa, e a bandeira do Brasil e das federações ligadas ao esporte. Desenvolvendo coreografias com os animais dentro da arena. Os cavaleiros e amazonas posicionam-se ao centro da arena um ao lado do outro, para prestigiarem a entrada da comissão organizadora, autoridades políticas, juízes, peões, salva vidas, tropeiros, outros locutores que farão sua participação na arena e comentarista ao centro da arena.

Após a entrada de todos os convidados pelo locutor, como uma ritual ao rodeio, todos retiram o chapéu e aguardam o hino nacional brasileiro. Este momento é seguido ainda com o hino de outros países, quando representado por atletas do local. Após o hino, o locutor inicia a oração ao som da música Ave Maria, neste momento, entra-se um cavaleiro trazendo a imagem desta santa, considerada a padroeira do rodeio e também São Sebastião do rodeio, que acreditam ser o protetor dos cavaleiros.

Encerrando o ritual de abertura, dá-se início as montarias. Permanecendo dentro da arena os porteneiros (responsáveis por abrir a porteira ao sinal do peão), o juiz de brete (autoridade máxima dentro da arena),

podendo desclassificar o peão e o animal caso as regras sejam burladas, os salva vidas, podendo variar em dois ou três, o locutor, auxiliar do locutor, o juiz que avalia as montarias e o palhaço animador de pista.

Ao sinal dado pelo peão, os porteneiros abrem as porteiras de maneira ágil. O cronometro é acionado no momento em que o animal ultrapassa a linha demarcada na porteira, a partir desse momento o peão deve permanecer no mínimo oito segundos em cima do animal em que está montado. Essas provas ocorrem em duas categorias: 1) montarias em cavalo; 2) montarias em touros.

Nas montarias em cavalos utiliza-se o sedém, uma corda feita de crina de cavalo ou lã que deverá ser amarrada na virilha do animal, provocando incomodo, conseqüentemente irá fazer com que o animal pule com mais ferocidade.

Dentre as provas de rodeio em cavalos temos: 1) Sela America ou Sadlebronc; 2) Bareback; 3) Cutiano; 4) Três Tambores.

A prova dos três tambores é a única prova feminina do rodeio e tem por finalidade contornar três tambores dispostos de forma triangular no menor tempo possível. A prova conta com um sistema totalmente eletrônico. Caso venha derrubar algum tambor, haverá penalização em 5 segundos por tambor derrubado. É uma prova de precisão, a qual os tambores são colocados numa distancia mínima de 4 metros um do outro, sendo cronometrado o tempo de percurso entre as linhas de partida e de chegada.

Ao iniciar a prova ultrapassando o sensor marcador do tempo, a participante deve direcionar-se em linha reta ao primeiro tambor, contornando-o em uma manobra de 360° graus seguindo para o segundo e terceiro tambor respectivamente, ao finalizar as manobras, deve-se retornar a linha de chegada o mais rápido possível. Passará a ser desclassificado o cavalo que ultrapassar a linha de chegada com qualquer parte do corpo pelo lado externo do sensor de partida.

Para dar uniformidade à prova, a competidora com seus equipamentos, deverá pesar no mínimo 65 kg. Caso isso não ocorra, há necessidade de complemento que é feito através de colocação de pesos até atingir esse numeral. A pesagem deve ser realizada tanto nas classificatórias quanto nas semifinais e finais, após a competidora ter se apresentado.

O padrão oficial determina que o tamanho da arena para a prova de três tambores seja de 45 por 90 metros. Os Tambores devem ser de ferro, de 200 litros cada, fechados nas duas extremidades e protegidos por borracha de pneus nas partes superiores. Deverão ser pintados em cor contrastante com o cercado da arena.

É necessário que toda pista da prova de três tambores tenha uma área de aquecimento com solo de terra. Caso não seja possível, o aquecimento será feito pelas competidoras na pista de rodeio, com tempo de 5 minutos, sem que o animal faça o percurso. Caso este item não seja cumprido, o juiz desclassifica a competidora.

Estando a pista liberada, a competidora terá 60 segundos para entrar e dar início à prova. Caso a competidora venha a cair do animal, houver falha do equipamento da mesma ou erro do percurso, será imediatamente desclassificada.

A prova denominada seis balizas consiste em colocar o animal como um esquiador em seus esquis, este evento contra o cronometro testa a agilidade e velocidade do cavalo.

O percurso consiste em uma série de 6 balizas distantes a 6,50m uma das outras, nas quais o cavalo e cavaleiro vão intercalando (costurando) as balizas em alta velocidade. O cavalo corre até o final delas, vira na última e retorna intercalando para fora e para dentro, trabalhando no caminho de volta para a primeira baliza. Então, ele faz o contorno na baliza da frente e volta novamente intercalando as balizas até atingir a última. Neste ponto, ele completa o giro e volta em linha reta paralela à fila das balizas em direção a linha de chegada o mais veloz possível. Será adicionada uma penalidade de 5 segundos para cada baliza que for derrubada.

Ainda faz parte das provas de montaria o Bulldog. Esta modalidade é considerada a mais radical do rodeio cronometrado. Praticada por dois competidores que tem como objetivo virar e derrubar no chão um garrote no menor tempo possível.

A corda que delimita a ação do competidor, denominada de barreira, tem que ser "rompida" pelo boi. Caso seja pelo animal do competidor ele será penalizado em 10 segundos. É uma prova de técnica, velocidade e precisão. Dois cavaleiros partem atrás de um boi. Quem fica à direita faz o trabalho de

esteira, cercando o boi não deixando que ele se distancie muito, uma forma de garantir que ele não fuja da esquerda. O outro cavaleiro posiciona-se ao lado oposto, e tem a função de saltar do cavalo em movimento em cima da cabeça do boi, usando as mãos para agarrar os chifres do animal e virá-lo para derrubá-lo ao chão. Vence quem fizer o trabalho no menor tempo. O cavaleiro pode ser desclassificado da prova, caso desça do lado oposto do boi, quando derrubado e ao cair ao lado contrário ao do cavaleiro.

A montaria laço em duplas conhecida como Team Roping se popularizou e criou suas raízes nas fazendas de gado norte-americanas, mas não como um esporte, e sim como uma tarefa da lida diária no campo aos *cowboys*, de forma a facilitar os seus trabalhos. Cada competidor tem sua função definida. Primeiro, o cabeceiro se preocupa em laçar os chifres ou pescoço do boi, depois entra a função do pezeiro que tem como função laçar os pés do animal.

O Team Roping como é chamado nos Estados Unidos, é a única modalidade do rodeio completo praticado em equipe, e faz parte das provas chamadas Funcionais ou Cronometradas por ser contado o menor tempo em que os competidores realizam os trabalhos. A prova exige grande cooperação e controle do tempo entre os dois competidores, um para laçar a cabeça, (o cabeceiro), e o outro para laçar os pés do garrote, (o pezeiro). A prova é composta de classificatória e final.

O laço de bezerro, modalidade conhecida pelo nome Calf Roping, originou-se da lida dos ranchos e utilizado ainda hoje em todo o mundo, o laço de Bezerro também é uma prova de velocidade e precisão. Nela o laçador tem a tarefa de laçar um bezerro de aproximadamente 40 dias e 120 kilos. A prova inicia no brete quando o bezerro rompe a barreira (corda) e é perseguido pelo laçador, este maneando (girando) o laço e com outra corda (peia) presa na boca, joga o laço na cabeça do bezerro, desce do cavalo e, segurando-o pelas patas, joga-o no chão amarrando três das quatro patas juntas.

Enquanto isso, o cavaleiro puxa a corda, o suficiente para não deixar nenhuma folga, mas também não forte demais a ponto de arrastar o bezerro. Amarrado o bezerro, o cavaleiro levanta as duas mãos indicando a finalização do trabalho. Enquanto o competidor não laçar o bezerro ou não levantar as duas mãos, o tempo está sendo computado. Vence quem completar a prova no menor tempo e sem penalização.

O estilo montaria Bareback é um estilo tipicamente norte-americano, no qual é utilizado uma pequena sela (um assento de couro) adaptado a uma alça de 30cm de espessura, posicionado na cernelha (entre a crina e dorso do cavalo). O peão deve segurar a alça com uma das mãos deixando a outra livre e elevada. Não há estribo para apoio dos pés, sendo que no primeiro pulo do animal, o peão posiciona as pernas de modo que as esporas toquem acima da quebra da paleta do animal.

Em seguida as esporas devem ser puxadas no sentido da alça do bareback, próximo à mão. Durante a montaria o peão fica na posição horizontal tocando as costas na anca do cavalo. O tempo mínimo desta prova é de oito segundos em cima do animal para que se possa obter alguma pontuação, caso não permaneça este tempo o competidor não recebe nota. A mão de equilíbrio a que está livre deve permanecer com a manga da camisa abotoada na altura do punho.

A modalidade Sela Americana, também conhecida por Saddle Bronc, é o estilo de montaria em cavalos mais tradicional do Rodeio mundial, começou em meados da segunda metade do século XIX nos Estados Unidos. Nesta modalidade o cavalo é arreado com sela, sem pito e sem o uso de baixeiro (capa feita em tecido grosso, colocada entre a sela e o lombo do animal).

O cavaleiro segura com uma das mãos uma corda com aproximadamente 1,20 metros que está ligada ao cabresto e apóia os pés no estribo. A outra mão chamada mão de equilíbrio deve estar posicionada para o alto não podendo tocar em nada.

No primeiro pulo o competidor posiciona as esporas, sem pontas, entre a paleta e o pescoço do animal; no segundo pulo tem que puxar as esporas, seguindo uma angulação que sai da paleta, passa pela barriga e chega ao final da sela, na parte traseira do cavalo. O tempo da prova é de oito segundos e o *cowboy* deve ter as duas mangas da camisa abotoadas no punho, caso contrário perde pontos.

O equipamento utilizado para esta modalidade é corda, conhecida como corda americana (feita de nylon ou rami/fibra vegetal) com polacos (sinos) que é confeccionada manualmente e possui uma alça em que uma das mãos encontra apoio. Esta mesma mão é envolvida pela corda por sua extremidade mais fina, onde o peão faz o ajuste para ter mais firmeza.

Os juízes levam em consideração na avaliação de uma montaria o grau de dificuldade que o animal impõe ao competidor, quanto maior, melhor a nota, desde que demonstre total domínio sobre o mesmo e suporte o tempo regulamentar de oito segundos e a nota varia de 0 a 100 pontos.

Já a modalidade Cutiano é um estilo de montarias em cavalo praticado apenas no Brasil. Iniciou-se oficialmente em Barretos no ano de 1956. No decorrer do tempo, as regras foram sofrendo alterações. O nome Cutiano provém do formato do arreio de um "v" ao contrário. O competidor segura a rédea com apenas uma das mãos, sendo que a livre também não pode tocar em nada como na montaria em touros. A espora tem que ser "puxada" do pescoço para a alça do arreio na frequência do pulo do animal. Quanto mais alta, melhor a nota. O tempo regulamentar também é de oito segundos e a variação da nota de 0 a 100 pontos.

A modalidade Team Penning popularmente chamada de prova da família é uma modalidade de apartação, muito comum na rotina das fazendas. Consiste em separar três bovinos numerados de um rebanho de trinta, sendo dez grupos de três bois numerados. O tempo começa a ser contado quando o focinho do primeiro cavalo cruzar a linha de partida e termina com os três no curral. Um dos três bovinos que foi apartado do rebanho deve ser conduzido para um pequeno curral (pen) do lado oposto da arena. Os competidores devem separar o gado designado a eles, sendo os três bois com o mesmo número.

É disputada por um trio (normalmente formado por familiares/amigos) que tem a função de "tirar" do lote os 3 animais cujo número foi sorteado "na hora". Entre o curral, bem próximo a ele, no sentido dos animais, há uma linha imaginária (linha de arbitragem). Caso ultrapasse mais de 4 animais após essa linha, será considerado "estouro" de boiada e por consequência sem aproveitamento técnico (SAT). É uma prova de fácil entendimento e dura no máximo 60 segundos.

Em relação às montarias em touros, existem apenas um estilo denominado Bull Riding. Foi introduzida no Brasil nos anos 1980, como em Barreto (1983), alavancando a dimensão de espetáculo dos rodeios (NOGUEIRA, 1989). Segundo Alem (1996), o rodeio em touros marca a transição da festa de peão de um evento quase folclórico a um show. Essa

modalidade ganhou interesse do público, ainda que no início parte fosse ao rodeio só para ver as quedas. Desde então o Bull Riding foi se tornando a modalidade mais presente nos rodeios, não obstante haver reações contrárias de peões e produtores de rodeio (particularmente no Rio Grande do Sul).

Nesta modalidade o competidor só pode usar uma mão para ficar em cima do touro durante o tempo de oito segundos exigidos pelo regulamento. O peão tem que manter-se oito segundos sobre o lombo do animal para poder pontuar, assim como nos estilos em cavalos, sendo a nota de acordo com a dificuldade da montaria, associada a técnica e estilo desempenhado pelo peão. Porém, se o touro não promover um desempenho favorável, o peão terá direito a escolha de outro animal.

Em ambas as categorias tornam-se necessário a permanência mínima de oito segundos sobre o animal, para que os peões possam receber a nota, caso contrário, não serão avaliados. As principais regras das montarias são transmitidas através de um telão ou pelo comentarista.

Para cada competição existe uma premiação definida, variando esta premiação em dinheiro, motos, carros e camionetes. A classificação final apresenta-se de forma distinta entre os campeonatos, alguns promovem premiações aos cinco primeiros colocados, enquanto outros classificam até o décimo colocado. Do mesmo modo, alguns campeonatos promovem premiações destinadas aos animais, independente de haver queda ou não do peão.

Destaco que o espaço da arena, onde o rodeio ocorre, está em conexão com o conjunto arquitetônico do Parque de Exposições de Colorado. A organização espacial do mesmo apresenta os seguintes ambientes, conforme a imagem abaixo: 1. Estacionamento; 2. Barracas de alimentação; 3. Camarotes; 4. Arena; 5. Camarim; 6. Currais; 7. Palco; 8. Parque de diversões; 9. *Standes*; 10. Tenda de shows.



Imagem 03: organização espacial dos ambientes da festa de peão em Colorado.

Estes espaços, comparados à tipificação de Magnani aos pontos de sociabilidade urbana, podem ser classificados como “manchas de lazer” (MAGNANI, 1993, p. 10). Mancha é uma “área contígua do espaço urbano dotado de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando”. Não são apenas espaços físicos, mas são lugares que os usuários dotam de sentido/significado, pois como lembra Magnani (1993, p. 9) “a apropriação é exercida pelo componente espacial”.

Os estacionamentos são locais de livre acesso ao público, tornando-se um ponto de encontro automotivo, favorecido pela hibridação entre culturas (rural e urbano) num misto de influências sertanejo-*country*, identificáveis pelas músicas, vestimentas e gestualidades. Numa conjuntura entre o livre e proibido o local torna-se propício ao entretenimento com variações de atividades voltadas ao âmbito do lazer, como a dança, consumo de bebidas, abordagens dos rapazes sobre as moças num cortejo nem sempre elegante, a exemplo de laçá-las entre outros meios de diversão convencionais ou desviantes e que caracteristicamente são realizados antecedendo o rodeio.

Não muito distante das trocas culturais dos estacionamentos, as barracas de alimentação também se apresentam com variações culturais encontradas em restaurantes rurais com pratos típicos (arroz carreteiro, feijão

tropeiro acompanhado de churrasco), também compreende a gastronomia o consumo de batata frita, crepes, espetinho, lanches variados e bebidas tanto alcoólicas quanto refrigerantes.

Por outro lado, o espaço que envolve a gastronomia está imerso no interior do recinto do rodeio, contraditoriamente ao estacionamento, que se apresenta na ala externa, porém, promovendo nuances que antecedem a festa.

Em relação aos espaços de circulação na festa do rodeio é possível identificar diferentes códigos em cada setor. A arena do rodeio é apenas o mais denso núcleo de uma série de nichos que o circundam. Cada ambiente não é neutro. Como lembra Magnani (1993), o território funciona como ponto de referência. Ela não é só grupal, como, para Gomes (2007) reflete a possibilidade de auto-produção da identidade. Com a fluidez da sociedade de consumo, na qual os espaços lazer e consumo se confundem, cada espaço marca um tipo efêmero de produção de si (GOMES, 2007). Vemos nestas festas e eventos visitantes que não fazem parte da cultura rural mas ao entrar neste convívio mesmo que seja temporário este se produz para se confundir e sentir se parte desta tribo do meio rural. Pessoas que nunca usam chapéu no seu dia dia ao ir a uma festa de peão se caracteriza como tal, a figura do peão homem, corajoso, bruto não admite uso de brinco em meio a festa se observa muitos jovens com trajas *country* que utilizam brinco.

Logo, o lugar onde se consome é parte da produção de si. A diferenciação de status político/financeiro pode ser observada no acesso aos camarotes. Aparentemente o entretenimento, que é um mercado de massas, igualaria a todos, pois assistem ao mesmo espetáculo. Mas o espaço da arena pode ser fragmentado em nichos de mercado, para elevar o status e o conforto dos frequentadores dos camarotes. Esse local é designado como área vip, um espaço restrito e de alto custo, com bebida e alimentação incluídos no pacote.

No que condiz à arena, esse espaço é múltiplo, propiciador de elementos que se diferem, mas que se complementam ao que se denomina show. A fragmentação da arena se faz pela arquibancada, palco, camarotes e o local de realização dos rodeios, sejam eles montarias em touro ou provas eqüinas. Nesse emaranhado de funções, o público se divide pela promoção de lazer momentâneo optando pelas ofertas de maior afinidade. As arquibancadas são utilizadas tanto nos grandes shows musicais quanto no momento do

rodeio. O palco possui dupla função, durante o show expõem os cantores renomados, já nas montarias e cenário para o discurso das autoridades convidadas, comentaristas, equipe de projeção de telão (quando o evento se faz com uso de tecnologias) e da equipe técnica.

Em torno da arena encontram-se opções de lazer, como o parque de diversões, os *standes* com fins comerciais e as tendas de shows. O parque de diversão é um atrativo extra, direcionado ao público infantil, embora apresente atrativos para adultos, essa opção pode ser um meio de comercialização envolta pela iniciativa infantil estimulando o consumo do adulto. Os *standes*, embora apresente a diversidade de produtos agropecuários também pode ser utilizado como um cenário visual que contemple apenas a admiração do público ao mesmo tempo em que favoreça o consumo. Paralelo ao parque de diversão, as tendas oferecem alternativas musicais secundárias capazes de viabilizar outras formas de recursos econômicos nas festas de rodeio.

Por fim, em relação ao uso dos espaços pelos usuários, não há como negar que, conforme Magnani (1993) o território é claramente delimitado. Em Colorado, podem ser vistos os diferentes “círculos” de acesso, começando pela dicotomia entre o dentro e o fora do parque até às oposições espaciais também excludentes entre quem está na arena ou fora dela, ou na arquibancada versus camarote. Todavia, a apropriação exercida seja em qual for o espaço, ainda assim, manterá uma base mais ampla que possibilite a circulação de pessoas oriundas de várias procedências.

Do mesmo modo, o espaço atribuído ao rodeio, potencializa para um equipamento mais amplo (feira) gerador de fluxos limitados contemplando a transição dos espaços (barracas, parque de diversão, setor gastronômico, entre outros), ao mesmo tempo, em que atua na facilitação/restrrição da troca cultural e ambígua entre os freqüentadores das festas de rodeio.

3.2. Práticas e representações dos personagens do rodeio

Neste tópico apresento observações sobre os atores do rodeio e também as falas obtidas no trabalho de campo, as quais foram categorizadas e submetidas à análise de conteúdo. Durante o trabalho de campo nas edições de 2013 e 2014 do Rodeio de Colorado.

Embora não tenha entrevistado os peões, que também podem ser animadores para quem assiste o rodeio no qual ele dá um show em cima de eqüinos e bovinos xucros, vale considerar que as três categorias profissionais giram em torno de intermediar os feitos do peão junto ao público. No rodeio, o mote das performances dos animadores é geralmente o peão. Estes reagem e interpretam seus papéis conforme os feitos do peão no enfrentamento ao animal. Como em programas de auditório, o locutor conta com assistentes de palco enquanto os calouros são testados. São relações de complementaridade na arena.

Nesse sentido, mesmo que não participem da coleta de dados, é imprescindível comentar como os peões participam do espetáculo, já que parte significativa da animação gira em torno deles.

Os peões geralmente ficam próximos as porteiras e no fundo dos bretes, antes do início de suas provas alongam-se, concentram-se e ritualizam “simpatias” de proteção divina. Alguns usam de seus próprios rituais e crenças lançando um punhado de areia ao ar, realizam o sinal da cruz, oram em voz baixa; outros agacham e, ao se levantarem, fazem o sinal da cruz, dentre outros gestos de boa sorte (ALEM, 1996).

Do ponto de vista do produto esportivo, o cálculo gira em torno da força do animal somada ao equilíbrio do peão. Quanto mais essas valências estiverem maximizadas, mais o rodeio é capaz de virar espetáculo e maior sua força como entretenimento. É neste aspecto que se destaca a mudança do rodeio na vida do peão, à medida que permite ao mesmo se especializar em uma modalidade de rodeio.

De um lado existe toda uma Indústria do entretenimento que organizou calendários para os circuitos, o que dá alguma condição do peão planejar sua carreira ao longo do ano. Por outro, o peão precisa profissionalizar-se, se

tornar mais eficiente (manter-se sobre o touro) e eficaz (de uma forma carismática e bela, para ganhar a preferência do público).

Alem (1996) interpreta que o peão é simbolicamente o herói do rodeio, mas é um personagem cuja própria representação não lhe pertence. Sua atuação não ganha sentido somente pela perícia e agilidade que demonstra ao montar, permanecer o tempo necessário, depois descer ou cair do animal. Quem lhe confere sentido espetacular, é o locutor de rodeios, que dá vida e amplia o pequeno drama encenado na arena. O peão nem mesmo quando se torna ídolo ao final de uma montaria ou até mesmo em sua produção de mito vencedor, possui autonomia sobre sua representação.

De fato, sua figura de herói é construída no interior da arena, pelo discurso do locutor de rodeios, que tem por finalidade valorizar o espetáculo, enaltecendo o peão em seu desempenho, a beleza dos tropeiros, os animais e finalizando com os demais profissionais da arena (mesmo que cumprindo papel secundário ao olhar do espectador), pontuando a importância destes na realização e suporte do rodeio, igualando-se como herói.

Todavia o peão não é o único mote para o trabalho do locutor, pois este acaba transcendendo ao rodeio e se tornando em um *show-man*, cantando, dançando ou declamando versos caipiras. Com apoio de sonoplastia e iluminação, ele pode interagir com o público e propor coreografias, canções ou breves contestes.

Nesse sentido, a importância do locutor de rodeios pode ultrapassar a ação e a figura do peão. A narrativa do locutor construída de forma enfática busca eficácia simbólica ao dar ânimo ao essencial das relações sociais daquela comunidade imaginada, expressas de forma artística (shows), esportiva (rodeio) ou gregária (festa).

Enquanto protagonista e mediador do espetáculo, o locutor “dá vida” às cenas na arena, excede, provoca, coordena e interpreta as possíveis emoções advindas dos rituais do rodeio, e, por fim relata as glórias ou as tragédias que ocorrem na arena sem perder a essência emotiva que provoca.

Conforme podemos ver na imagem abaixo, o início do rodeio se dá com o locutor ao centro da arena, figura que se destaca pelo marketing pessoal.



Imagem 4. Locutor Almir Cambra – Festa de peão de Colorado 2014.
Fonte: Arquivo pessoal Jean Cléverson Moraes.

Após uma entrada que é correspondente em magnitude à reputação do evento e do locutor, este dá sequência quase ritualística à entrada de todos os envolvidos no rodeio. Os primeiros a entrar são os peões, posteriormente entram os palhaços e salvas vidas, as comitivas de promotores são puxadas pelos padrinhos. Só então é anunciado a comissão organizadora, os tropeiros, políticos presentes, rainha da festa, e o berranteiro.

Ao fim da entrada de todos os “personagens”, mantendo a tradição de rodeio é anunciada a entrada das bandeiras brasileira; do estado em que esta ocorrendo o evento; do município; todas conduzidas por cavaleiros. Em alguns rodeios há a presença da bandeira de São Sebastião do Rodeio, considerado o protetor dos cavaleiros ou a Nossa Senhora de Aparecida. Este ritual ocorre com a volta olímpica na arena sob a narração do locutor, acompanhado de som específico para o momento solene.

O locutor finaliza a apresentação de todos que desfilaram enaltecendo seus papéis no evento ao mesmo tempo em que solicita palmas da platéia. Em seguida o cortejo se enfileira diante do público, enquanto o locutor discursa os

agradecimentos aos promotores, aos patrocinadores, ao público presente, faz um breve relato dos principais competidores, evidenciando a premiação do evento, fechando esse momento com pronunciamento das autoridades presentes na festa.

Sobre a performance do locutor, este geralmente utiliza uma gama de possibilidades, a qual pode envolver som e músicas, realização de brincadeiras, e a transmissão de sentidos e emoções pela voz. O entrevistado G.O explica como se executa sua função no rodeio:

O locutor de rodeio ele tem que vender emoções, somos vendedores de emoções eu acho que nós temos que passar alegria para o povo, passar carisma para o público, fazer o povo todo vibrar. Tem duas emoções. Tanto na emoção de sorrir, como na emoção de chorar também, mas um choro de emoção bom sabe, e o rodeio precisa disso. E não se esquecer do caubói que é a estrela maior e os animais. Eu acho que nós temos condições de fazer o povo brincar, o povo cantar, se divertir e ao mesmo tempo passar toda a informação para os caubóis. (ENTREVISTADO G.O, 2014).

Ao “vender emoções” o locutor compartilha as sensações que ocorrem com ele e também com os atletas durante as montarias dos animais. Assim, o aspecto de envolvimento da comunicação, a sedução, o carisma está explícito a todo momento. A comunicação é peça fulcral do cotidiano, das relações, está em todas as dimensões da vida dos sujeitos (RUBIM, 2000).

O locutor utiliza-se de sua voz com entonação característica para narração de rodeio. Mesmo quem nunca foi a um rodeio pode ser capaz de identificar esse tipo de narração. O público é envolto nessa locução singular, carregada de um contagiante enredo acompanhado por rimas. De certa forma, mesmo que sendo um estilo muito recente, a locução no rodeio evoca o passado, reinventando tradições com releituras da história.

O profissional, em sua abordagem, conduz a platéia a uma realidade etérea, de modo que sua transmissão torne-se capaz de provocar sensações nos sujeitos que torcem e vibram com os (como) vencedores, mesmo que isso pressuponha perdedores. Por isso que Alem (1996) pondera sobre o elemento alienante no rodeio, pois produz efeito de uma comunidade imaginada, na qual uma representação *country* surge como um conjunto de símbolos legítimos e relevantes na sociedade, de modo que outras possibilidades da cultura rural são apagadas.

Durante as brincadeiras, a bagagem de conhecimentos adquirida ao longo de anos de experiência em rodeios, são importantes para o improviso que possibilita a criação, construir e/ou reprodução de falas e ações que possuam uma característica cômica, levando os espectadores a novas reflexões decorrentes de sua rotina, Melo Neto (1999, p. 41) pondera que “as pessoas precisam participar de eventos para enfrentarem a realidade do seu cotidiano”.

No entanto, os discursos dos locutores partem em sua das experiências de vida, de rimas e músicas sertanejas ou raízes envoltas de reflexões, revestidas pelo cotidiano dos espectadores, assim como a animação cultural que visa à participação social proporcionando conhecimentos e atitudes por meio de atividades diversas. Partindo do pressuposto que esses locutores são animadores, como seria a relação do improviso com a animação, uma vez que o animador sócio cultural prepara sua intervenção com um objetivo específico?

A apropriação da animação cultural, por vezes não concerne a sua real característica. Segundo Melo et al, a animação sociocultural consiste em mudanças de acordo com o contexto histórico, sendo entendida na atualidade como um conjunto normativo e de valores, que tem por função “guiar” as pessoas e suas relações, valorizando determinados tipos de manifestações (MELO et al, 2009).

O locutor por vezes pode apropriar-se de temáticas que contenham um cunho educativo, como o respeito ao próximo, o esporte como um elemento socializador, o cuidado com os animais, entre outras possibilidades, volta-se a característica idealizada do animador.

O fato de possuírem um roteiro flexível, ou seja, que os permite realizar mudanças e improvisos pode os levar ao distanciamento ou aproximação da característica de animador. Uma contradição que pode levar a uma reflexão a cerca da animação enquanto estudada e reproduzida por profissionais formados academicamente e por profissionais formados pela experiência no campo de atuação.

Durante a intervenção do locutor, sua fala incute características e especificidades do entorno que envolve o peão e o ambiente das festas de peão e rodeios. A ênfase arrolada nessas animações, efeito este causado pelo viés cômico que é transferido a atração, por vezes não torna objetiva uma

reflexão sobre a realidade a qual está sendo ilustrada. Entretanto, mesmo sendo a animação promovida pelo locutor, estruturada baseando-se na situação que o circunda, esta pode ser contemplada em diversas possibilidades uma vez que depende, também, da apropriação do espectador.

Nesse ínterim, visualiza-se a oportunidade de uma intervenção estruturada que permite às comunidades um possível controle sobre as condições que afetam as suas próprias vidas, caso a população venha pensar e refletir sobre as informações que estão consumindo. O sujeito que participa da Animação Sociocultural durante o rodeio, pode server e contextualizar informações, possibilitando um olhar mais crítico sobre a realidade a qual está inserido. Isto é, essa perspectiva visa o “empreendimento de ações politicamente engajadas e comprometidas com a mudança da realidade injusta encontrada em nosso meio” (ISAYAMA, 2009, p. 410).

Quem defende esse entendimento para o entretenimento é Trigo (2003), para quem os produtos da indústria cultural não são necessariamente alienantes, pois na sociedade capitalista até o conhecimento crítico ao sistema é passível de gerar lucro. Todavia, quando fomos à exegese das entrevistas, não nos pareceu que a animação do locutor tenha uma perspectiva tal qual foi colocada por Isayama.

Por outro lado, torna-se recorrente entre os locutores de rodeio a defesa da cultura popular rural, como apresentação de versos, por exemplo. Este aspecto, da difusão e manutenção de certas práticas artísticas da ruralidade talvez seja um aspecto a se considerar. Todavia, numa análise *a priori*, grosso modo, a animação no rodeio é predominantemente voltada ao entretenimento especialmente quando são realizadas as funções de narração e diversão, conforme descrevemos anteriormente.

Paralelamente e concomitante ao locutor, palhaços (ou animadores de arena) e salva-vidas também produzem em certa medida o espetáculo.

Em minhas observações notei que o animador de arena permanece o tempo todo dentro da pista, ao mesmo tempo em que as montarias ocorrem, ele está conectado em tudo o que está acontecendo a sua volta. Em alguns momentos (já combinado anteriormente com o locutor) são realizados pausas para que o palhaço possa se apresentar incorporando um de seus personagens, no qual o locutor torna-se motivo de gozação, o palhaço coloca-o

em situações embaraçosas fazendo com que o público torne-se ainda mais “fã” tanto do locutor quanto do palhaço. Assim, “portando máscaras e se comportando como bufões¹³, ridicularizam as pessoas e permitem-se a qualquer brincadeira, cobrindo com o riso a transgressão de tabu. Representam, portanto, o belo e o feio, o sagrado e o profano, a licenciosidade e a moral” (FERNANDES, 2012, p. 49-50).

Os momentos em que acidentes ocorrem, sua aparição quando contratado nos rodeios é de suma importância, pois, o palhaço deve desviar a atenção do público para suas peripécias, amenizando a visualização do imprevisto. Essa capacidade é recorrente nesse profissional e exercida em momentos de tensão ou atraso no rodeio. Assim, quando achamos que já acabou sua apresentação, lá vem ele com um novo repertório de atividades corporais para chamar atenção.

Utilizando como ferramenta o seu corpo, o palhaço promove cambalhotas, simulação de tombos, sendo recorrente a aproximação com o público nos rodeios que tem a presença deste personagem. Por outro lado, é comum entre as pessoas que não dominam o costume de irem ao rodeio, confundirem o animador de pista com o salva-vidas e vice-versa.

Os salva-vidas nem sempre tiveram esta nomenclatura, pois décadas atrás eles entravam na arena com a face pintada trajando roupas coloridas com retalhos amarrados em suas vestimentas (isso servia para atrair a atenção do animal quando o peão era derrubado ou ficava preso na corda americana). Neste sentido, o uso de uma base branca no rosto acrescida de círculos vermelhos nas bochechas e boca e suas indumentárias coloridas inspiradas nos palhaços tradicionais com forte presença desproporcional já provoca por si só, risos na platéia (PICCOLI, s/d).

Os palhaços salva-vidas como eram chamados, ora ou outra faziam alguma graça para divertir o público, a exemplo da variação de cambalhotas. Mas, o que mais agrada é quando o touro acerta um dos profissionais com cabeçadas lançando-os para o alto, com chifradas ou algum coice. Essa

¹³ “Personagens que introduzem subversão nas cerimônias, que apontam o ridículo nas relações e nos homens, sendo ao mesmo tempo, o mártir necessário para que a sociedade volte, através de seu sacrifício, a situação da normalidade” (FERNANDES, 2012, p. 68).

acrobacia é bem conhecida, pois era comum nos circos brasileiros de tourada, atualmente praticamente extintos, fagocitados pelo rodeio (MEIO KILO, 2013).

No entanto, com a profissionalização do rodeio os salva-vidas deixaram de pintar o rosto, suas roupas passaram ser confeccionadas condizentes a função exercida (salva-vidas de rodeio). Essa transição pode ser ilustrada comparando as imagens abaixo, que confrontam dois tipos de atores, estando a imagem 6 relacionada ao salva-vidas e a imagem 5 correspondendo à existência (ou resistência) do palhaço no cenário do rodeio:



Imagem 5. Garoto Juca, animador de arena. Fonte: Arquivo pessoal de Jean Cléverson Moraes (2014).

Imagem 6. Ramon, Salva vidas de rodeio. Fonte: Arquivo pessoal de Jean Cléverson Moraes (2013).

Na imagem acima destaco o logo de “Os vaqueiros”, um grife de moda *country* que patrocina alguns competidores, salva-vidas e até mesmo a própria competição. Vê-se também a permanência do aspecto chamativo do palhaço, com cores chamativas, mas o traje foi atualizado ao salva-vidas para permitir locomoção na ‘arena arenosa’ e agilidade diante do perigo dos ataques bovinos.

Desta forma a função dentro da arena é zelar pela integridade do peão nas provas de montaria em touros. Geralmente trabalham em no mínimo dois profissionais, sendo estes responsáveis pela segurança do peão, mesmo que isto custe a sua vida.

Combinado entre eles, ao abrir a porteira ficam atentos a todos os movimentos do animal e do peão (que neste momento fazem parte de um mesmo corpo, um tentando permanecer em cima e o outro tentando derrubá-lo). Neste instante um salva-vidas fica na parte dianteira do animal enquanto o outro fica na traseira, pois o touro pula girando, assim, é realizado um revezamento entre salva vidas, ora um está à frente do animal, ora outro.

Quando o peão é lançado ao chão ou o mesmo consegue permanecer o tempo estipulado no lombo do animal, o salva-vidas entra em cena para distrair o bovino para longe do competidor possibilitando tempo adequado para que este possa afastar-se do animal.

Na ocorrência do peão ficar preso na corda americana ou cair em baixo do animal, os salvos-vidas devem se lançar sobre o animal a fim de soltar a corda para que o peão se livre da situação de risco (quase sempre nesse tipo de acidente o competidor se fere gravemente).

3.2.1. Elementos discursivos dos atores

O que é possível descobrir quando damos voz aos sujeitos pesquisados? Sabe-se que enquanto a figura do palhaço remete às touradas e circos, o salva-vidas é metamorfose do primeiro. Já o locutor parece ser uma figura mais recente, possivelmente até uma criação interna do rodeio, a partir das necessidades sentidas ao longo das décadas de existência do rodeio e, também, por influência norte-americana. Poderá ser que esses sujeitos com históricos diferentes produzem representações particulares conforme as características da atuação?

Pelo marco teórico do estudo, entendemos que tais ocupações tem se modificado e modernizado para maior comodidade, tanto de atletas quanto do público que os prestigia. Diante dessas transformações, quem são, o que fazem os locutores, palhaços e salva-vidas? Visto a importância de caracterizar a animação cultural a partir da experiência desses sujeitos e verificar quais as características de cada uma das atuações que os entrevistamos.

Por meio dos relatos de cada entrevistado, elaborei um quadro analítico com as principais temáticas ressaltadas por eles, facilitando uma visualização geral de todos os assuntos discutidos durante a entrevista. Foram situadas as categorias encontradas em cada entrevista como maneira de auxiliar na eleição.

Nesse sentido, os quadros 1 e 2 contém “categorias nativas” transcritas das falas e que chamaram atenção, seja por atenderem aos objetivos do estudo (animação cultural no rodeio) ou porque foram enfatizadas na linha de raciocínio dos sujeitos participantes dessa fase do estudo.

TEMAS DAS ENTREVISTAS COM LOCUTORES DE RODEIO	
A.C. 2014	Narração em eventos menores; Organização de pequenos eventos agrícolas; disputa para locução internacional; presença em festas que contenham rodeio; reconhecimento e premiações; excesso de viagens/falta de tempo; constante aprendizado; profissão; melhora pela educação cultural; patrocínio de grandes marcas; raciocínio rápido; fala celerada; boa dicção e narrativa; estar informado; improvisação; animação pela musica; utilização o palhaço; músicas sem sentidos conotativos; repouso para uma boa locução; alimentação saudável; exercícios físicos; técnica com diafragma para locução; tensão psicológica; assistência técnica; oportunidade de vida; sustento; merchandising; persistência; fé; boa educação.
G.R. 2014	Gravações para rodeios; incentivo de amigos; família; caubói antigo: vícios e brigas, caubói atual: profissional preparado fisicamente e psicologicamente; merchandising; cuidados com o animal; regras; trabalhar com emoções; fé; brincadeiras com o público; riscos físicos com animais; experiência; criação de brincadeiras; cativar o publico; profissionalizar; críticas; problemas vocais; acompanhamento com fonoaudiólogo; preparo vocal; mais de um profissional; preparação física; preparação aeróbica (respiração); locutor de rádios; prêmios na categoria; reconhecimento profissional;
D.T. 2012	Crescimento profissional; patrocinadores; fé; emoção; cuidado com os animais; marketing e merchandising; representação da classe de peões e tropeiros; timbre de voz; mercado competitivo; serenidade; sobrevivência; descanso; preparo com fonoaudiólogo; cuidado com a saúde; influencia da família; contato com a música; alimentação adequada; consumo adequado de água; preparo físico; parcerias; cobrança alta; riscos de acidente por animais; acompanhar o peão e o animal; força de vontade e dedicação; facilidade com cursos específicos da área; reconhecimento da cultura sertaneja; prêmios da categoria; emoção; vencer obstáculos (superação);
A.V. 2012	Caubóis sem vícios; premiações da categoria; esporte crescente no país; proteção dos animais; satisfação pessoal; preparação com fonoaudiólogo; preparo físico; preparo vocal; consumo adequado de água; riscos de acidente por animais; lesão; interação com o público; anunciar os participantes; músicas em decadência; reconhecimento do público; humildade e perseverança;
R.V. 2013	Envolvimento com o público; informar o público; participação do público; conhecer o esporte; preparação vocal; cursos; influencia americana; animação do público; músicas; preparação física; beber água;

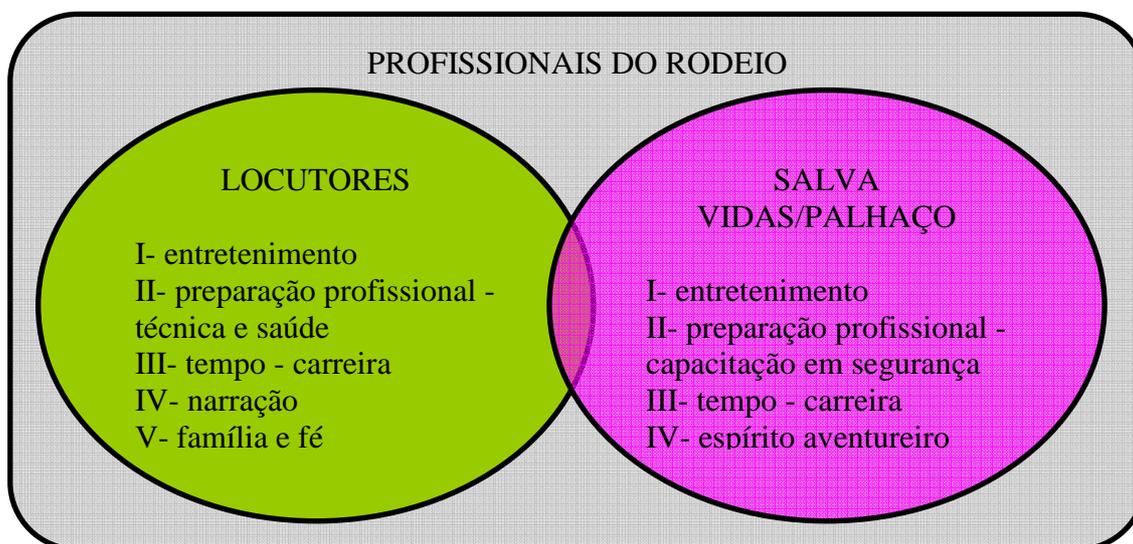
Quadro 1 – Temas das entrevistas com locutores de rodeio

Esse procedimento analítico foi em parte influenciado pelos procedimentos hermenêuticos, na perspectiva que cada fala carrega em si diferentes possibilidades de leitura. Portanto, o discurso do entrevistado não é

transparente, como uma versão fiel da realidade. As falas são carregadas de subjetividade, interesses, lapsos, silêncios, desejos e lembranças, algumas delas falsas.

O quadro analítico anterior se refere aos locutores de rodeio, destacando os aspectos mais relevantes em suas falas no tocante à atuação profissional, reconhecimento, campo de trabalho, características e benefícios da profissão. Busquei enfatizar na análise as categorias que estivessem mais presentes entre os diferentes sujeitos, bem como busquei perceber se entre locutor e assistentes (salva-vida, palhaço) haveriam representações divergentes.

Após a construção dos quadros com esboço com as falas de cada sujeito entrevistado, é possível perceber proximidade entre as falas dos profissionais de ambas as categorias. Para melhor entender tal relação se torna pertinente considerar e confrontar as peculiaridades do fenômeno da atuação profissional no rodeio, que concerne em distanciar e aproximar as relações encontradas. Para abranger os tópicos mencionados, cinco categorias foram organizadas para cada profissão, de modo que abarcasse a maior parte dos conteúdos mencionados pelos profissionais, durante as entrevistas.



Quadro 3 – Fluxograma das categorias de análise do fenômeno situando profissionais de rodeio.

A partir da matriz extraída das falas dos sujeitos, podemos verificar a consonância de algumas categorias que, para uma conceituação mais próxima da realidade, carece de fomento com autores da área, e também com estudos

relacionados à temática da animação sociocultural. Portanto, a seguir partiremos da análise das categorias dos locutores para então as confrontarmos com as categorias dos salvas-vidas.

A- Locutores

I- Entretenimento

O termo entretenimento apresenta significados relacionados ao divertimento, distração e passatempo. Neste aspecto, Glaber (1999, p. 25) pondera que o entretenimento é “aquilo que diverte com distração ou recreação, um espetáculo público ou mostra destinada a interessar ou divertir”.

Deste modo, os locutores são um dos principais responsáveis pelo entretenimento do público num rodeio. Isso quer dizer que em quase todo tempo do rodeio a platéia presta atenção ou é envolvida pela narração e imagem do locutor. O locutor por tanto, tem por responsabilidade animar o público. Essa animação ocorre de diversas maneiras, pois dependerá do locutor que está na arena.

A gama de possibilidades que o locutor utiliza pode envolver a comunicação que acontece todo o tempo, a utilização de som e músicas, realização de brincadeiras, e ainda transmissão de sentidos e emoções. O entrevistado G.R explica como se executa sua função no rodeio:

O locutor de rodeio ele tem que vender emoções, somos vendedores de emoções eu acho que nós temos que passar alegria para o povo, passar carisma para o público, fazer o povo tanto vibrar. Tem duas emoções. Tanto na emoção de sorrir, como na emoção de chorar também, mas um choro de emoção bom sabe, e o rodeio precisa disso. E não esquecer do caubói que é a estrela maior e os animais. Eu acho que nós temos condições de fazer o povo brincar, o povo cantar, se divertir e ao mesmo tempo passar toda a informação para os caubóis. (ENTREVISTADO G.R, 2014).

Ao vender emoções o locutor compartilha as sensações que ocorrem com ele e também com os atletas durante as montarias dos animais, simultaneamente num misto envolvendo angustias, medos, anseios, de forma aleatória, mas, ao mesmo tempo capaz de provocar prazeres através de seu discurso breve, porém envolvente. Neste aspecto Rubim (2000) pondera que a

comunicação é peça fulcral do cotidiano, das relações, está em todas as dimensões da vida dos sujeitos.

Durante as brincadeiras a bagagem de conhecimentos adquirida ao longo de anos de experiência em rodeios, são importantes para o improviso que possibilita a criação, construção ou reprodução de falas e ações que possuam uma característica cômica, centrada na participação dos espectadores, proporcionando conhecimentos e atitudes por meio de interações entre locutor/espectador.

Partindo do pressuposto que os locutores possuem o papel de animadores, como seria a relação do improviso com a animação, uma vez que o animador sócio cultural prepara sua intervenção com um objetivo específico? Desse modo, a compreensão para esta indagação só torna-se possível, se entendermos que a animação neste estudo não é um elemento que faz uso da arte e da cultura para ensinar valores, mas, “educar” para a arte e a cultura. Para Lacerda e Souza (2009) a animação sociocultural parte do princípio de todos serem consumidores e produtores de cultura. O que não se difere da realidade dos rodeios, ao mesclar o consumo e a produção de cultura ao agregar valores singulares de um meio rural inserido em âmbito urbano.

A apropriação da animação cultural, por vezes, não concerne à sua característica original, como tecnologia social. Segundo Ventosa (2007) a animação sociocultural só é possível em âmbito micro social (bairros, associações, etc) reforçando a ideia de que as atuações devem ser elaboradas e desenvolvidas junto à população local e não exercida de forma unilateral.

Destarte, quando nos referimos ao locutor de rodeio que por vezes aproveita os fatos momentâneos para adaptar ou inserir uma nova brincadeira ou “piada”, visualizamos um distanciamento ou confronto com Lopes (2006) ao salientar que a animação “remete-nos para uma noção de participação comprometida com o processo de transformação da sociedade, com implicações de ordem econômica, política, cultural e educativa”. Pois não existe uma temática a ser construída com o público para levá-los a uma reflexão.

Já que o principal elemento norteador do trabalho do locutor é entreter, vende emoções, como afirmado na entrevista, não há como negar que a animação no rodeio contribui para o deslocamento da realidade, característica recorrente à festa do peão em si. Desse modo, o aglomerado de sensações

proporcionadas a partir do discurso do locutor pode ser associado ao que Pimentel (2002) atribui nos cenários das festas como simulacro rural, uma espécie de atmosfera capaz de levar o expectador a uma realidade que gera a sensação de realidade típica, uma memória inventada sobre a vida rural, geralmente distante do cotidiano do sujeito. O simulacro gera alguma manipulação. Por outro lado, uma vez que aquele mundo rural instalado na festa já é a mescla existente entre o rural e o urbano, o simulacro mesmo tentando se fazer como se fosse a realidade original não anula o cotidiano de um ou de outro, mas favorece as características lúdicas promovidas pelo rodeio.

Por outro lado, reiterando as três atividades do locutor (informar, emocionar, divertir), este, por vezes, pode apropriar-se de temáticas que tratem do conhecimento do contexto do rodeio, o que geralmente ocorre em torno de padrões culturais da ruralidade (dominante), do respeito aos animais, da religiosidade e da estética do esporte. O fato de possuírem um roteiro flexível, ou seja, que os permite realizar mudanças e improvisos pode os levar ao distanciamento ou aproximação da característica de animador. Uma contradição que pode levar a uma reflexão a cerca da animação enquanto estudada e reproduzida por profissionais formados academicamente e por profissionais formados pela experiência no campo de atuação.

II- Preparação profissional – Técnica e saúde

Atuar como locutor requer preparação física, emocional e psicológica. Por conseguinte os profissionais relatam o recente surgimento de cursos preparatórios e de capacitação para locução. Para o entrevistado D.T, “profissionalmente o locutor tem que se desdobrar. Sempre estar se atualizando para não ficar para trás, para não retroceder no mercado. Se preservar e possuir seriedade no que faz e encarar como uma profissão, encarar como sobrevivência.” Por outro lado, os locutores “além de narrar as provas, tem que animar as arquibancadas, interromper as montarias para fazer propaganda dos patrocinadores e gerenciar os conflitos entre competidores e entre esses e os juízes” (COSTA, 2003, p. 85).

É claro para o entrevistado que a preparação diferencia na formação para atuar durante a locução dos rodeios. Esse fato é possível ser visualizado ao pensarmos a amplitude que é um evento de rodeio a nível internacional, conforme pontuado por Amaral (1998) “um locutor explica, em inglês, francês e português, os acontecimentos da festa, orientando também os turistas”.

O acompanhamento às exigências de mercado tem se estendido as inovações tecnológicas como forma de angariar melhores resultados em performance e desempenho. Para um profissional que trabalha vendendo sua imagem e voz, o preparo além de capacitar, deve prevenir quanto à indisposição causada por doenças ou despreparos físicos. No que se refere preparação física, Alem (2004 – 2005) aponta em seus estudos a necessidade do locutor correr de um lado para o outro da arena enquanto promove os comentários da festa. Pautado nos dizeres de Alem (2004 – 2005) compreendemos o discurso dos locutores entrevistados, ao demonstrarem preocupados com a preparação física, embora muitos dos entrevistados pontuam a preparação física de forma estética (boa apresentação visual).

Para tanto, o acompanhamento com um profissional especializado em técnica vocal e de respiração como o fonoaudiólogo é requisitado, para exercícios e aquecimentos, bem como acompanhamento da saúde vocal. Tal preparação possibilita que o locutor esteja disposto para os momentos de narração onde a respiração e o tônus muscular abdominal, devem estar preparados para projetar o som com emoção e vivacidade ao público. O preparo aeróbio, não menos importante vem atrelado, como uma garantia as capacidades respiratórias que estarão envolvidas durante a locução.

III- Tempo – carreira

Para além do discurso do locutor, ser considerado um bom profissional na área exige o conhecimento adquirido na trajetória de seu trabalho, e principalmente a capacidade para narrar “cenas violentas” (ALEM, 2004-2005, p.114), provocando animação através da mediação de seu discurso num misto de espetacularização e esportivização do rodeio. O locutor é cronista popular do drama da arena, minimizando a real situação trágica no desenrolar da

disputa homem/animal, mediando “as duas faces, exterior e interior, da violência das práticas de rodeio” (ALEM, 2004-2005, p.114).

A precisão, agilidade e domínio de palavras são os maiores desafios dos locutores de rodeio, pois, o tempo permitido entre uma montaria e outra é mínima, mas, deve ser realizada uma narração capaz de entreter o público em apenas oito segundos conforme exaltado pelo entrevistado A.C.

Tem que falar realmente o que está acontecendo ali em oito segundos, você tem que pensar rápido, tem que falar mais rápido do que você pensa as vezes, porque você tem que valorizar o touro, o cavalo e principalmente o peão. É dessa maneira que você consegue fazer o seu nome, se você tiver uma boa narrativa, uma dicção legal, e bem informado, o teu nome cresce e o rodeio fica bonito, o esporte tem que ser valorizado.

Todavia, o domínio para entreter o público relaciona-se com as viagens realizadas, enquanto se acompanha os rodeios por toda parte (nacionais e internacionais), promovendo um equilíbrio/aquisição cultural nos/dos sujeitos envolvidos com essa profissão. A esse respeito o entrevistado R. V. salienta ser primordial o conhecimento do rodeio (as regras, preparação da voz, saber conduzir o microfone) “como em qualquer outra profissão você tem que estar sempre preparado... eu, por exemplo, fui para os Estados Unidos ver como funcionava o rodeio de lá”.

Por outro lado, o suposto aperfeiçoamento para o rodeio, conforme mencionado pelo entrevistado R. V. não significa ser uma condição atribuída a todos os locutores, mas, um caso isolado capaz de destacar um profissional do outro, de modo que toda performance seja recorrente dá busca e individualidade de cada locutor. Assim, a busca incessante em ser o melhor faz com que esses profissionais busquem além de seu campo de atuação, transcendendo sua rotina (se antes o excesso de viagens era causado pelo itinerante mundo dos rodeios, agora as viagens envolvem aquisição de conhecimento).

Neste íterim, não se pode afirmar que as constantes viagens venham a ser um privilégio (exclusivo para aquisição de conhecimento) ou uma forma de entretenimento capaz de provocar outras formas de lazer para esses profissionais, mas, a consolidação da satisfação pessoal em promover não somente um momento de lazer aos espectadores, e sim a possibilidade em

deixar algum legado a essas pessoas. A esse respeito, o entrevistado A. C. elucida:

A gente passa praticamente o ano inteiro fora de casa, cada final de semana numa cidade, e acaba aprendendo a conviver e ver também as dificuldades que tem nos municípios por onde passamos, levando uma lição de um município a outro. A gente sempre leva um pedacinho de uma coisa pra outra cidade. Isso aí eu acho que é fundamental para um locutor de rodeio chegar ali e poder interpretar bonito o trabalho que ele faz poder falar com amor e ter paixão no que faz.

No entanto, pode-se ponderar que as conquistas pessoais e realizações de projetos se desvirtuam num aglomerado de ações ora dentro das arenas (conquistas de prêmios por melhor locutor do rodeio, destaque na categoria) ora distante delas (aquisições materiais a partir da profissão locutor), mas quase sempre relacionada aos anseios pessoais.

IV- Narração

Durante o rodeio, todas as ações recorrentes devem ser narradas de forma a entreter o público. Quase sempre realizada no improviso da experiência, tendo como roteiro apenas o cronograma da festa. Todavia, o suspense no momento da montaria, a forma como se conduz as informações publicitárias entre a saída de um peão e outro do brete, a entonação da voz e principalmente o envolvimento público/locutor são essenciais. No entanto, para que haja uma boa narração, outros cuidados são necessários, atrelar a essa correria horas de sono, manter a alimentação equilibrada e cuidados físicos são exigidos do próprio locutor. A esse respeito o entrevistado A.C. relata que:

O que combina é você ter uma boa noite de sono, uma alimentação legal, é tentar se cuidar fisicamente, exercício aeróbico, é o que faz você ter o diafragma bem para narrar, é eu não uso a garganta, eu uso o diafragma, uso a respiração, então, isso tudo conta ali dentro.

Não obstante a preocupação relatada pelo entrevistado, a narração de um locutor envolve outros aspectos. Ser consagrado um bom locutor exige qualificações, cursos, quase sempre custeados pelo próprio locutor, nesta feita, esses profissionais buscam por patrocínios a fim de realizar os próprios anseios narrar os principais rodeios (nacionais e internacionais).

V- Família e Fé

Como regra oficial, não há rodeio sem oração. À exceção das diferenças encontradas na produção das aberturas, em geral, todos iniciam com as orações dedicadas à padroeira dos peões no Brasil, Nossa Senhora Aparecida. (SILVA, 2001). Num ritual quase que sublime a todos os rodeios, a música Nossa Senhora de Roberto Carlos, se faz presente num cenário envolvendo um misto de fé e religiosidade como pano de fundo.

Inicia-se com a entrada de um cavaleiro na arena com a imagem da Santa Nossa Senhora Aparecida nas mãos. Alguns peões se ajoelham e todos abaixam a cabeça. O locutor pede, teatralizando através do tom da voz e das expressões faciais emocionadas, que a Santa proteja “os seus filhos peões”. Este momento requer que todas as sensações dos ouvintes afluam-se a partir do timbre de voz do locutor. Assim como pontuado pelo entrevistado D.T. “minha voz é representada no momento que estou empunhando o microfone, de tudo é um círculo que está ali, é um amplificador que manda para um amplificador que é o coração, e você transmite através da voz”.

Nesse aspecto, cabe ao locutor envolver o público mascarando os perigos e acidentes recorrentes no interior das arenas, “o locutor usa o recurso de apelar à proteção divina” (ALEM, 2004 – 2005, p. 115), como se a evocação a Deus e a Santa protetora dos peões os livrassem de todo e qualquer mal. Por outro lado, essa apelação faz sentido ao assimilarmos o contexto histórico do rodeio com as disputas das cavalcadas, assim, como o comércio do gado pode ser relacionado ao tropeirismo.

B- Salva-vidas

É recorrente a assimilação realizada entre o palhaço de rodeio e o salva vidas. Tal fato é evidenciado nos discursos atribuídos a este profissional ao entrar nas arenas realizando peripécias, provocando o público ao mesmo tempo em que geram gargalhadas. Ambos (palhaço e salva vidas) “são grandes aliados que dividem as tristezas e somam as alegrias” (NETO, et al, 2010, p. 16).

No entanto, compreendemos a capacidade de entretenimento deste profissional direcionado ao público. O que ele faz para mediar o rodeio em sua constituição híbrida? O rodeio, como toda prática cultural, é dinâmico e, sujeito a transformação. Sua atual configuração ora esporte, ora show, ora os dois e, muito provavelmente um hibridismo do esporte moderno com as práticas arcaicas de diversão da ruralidade, como defende Pimentel (1999).

Nesse atual quadro híbrido, qual é o papel do salva vidas? Antes ele era conhecido e desempenhava o papel de palhaço de rodeio, pois entravam na arena com a face pintada, roupas coloridas e retalhos amarrados em sua vestimenta. Concomitante à função de “distrair” o animal para afastá-lo do peão, esse sujeito atuava para “distrair” o público. O palhaço/salva vida satirizava algumas ações decorrentes dos acidentes dentro da arena, usava suas habilidades e agilidades para fazer malabarismos com os animais e esquetes que divertiam o público. Nos momentos em que não estavam atuando como salva vidas eles brincavam na arena ridicularizando cenas do cotidiano das pessoas.

Já nos dias de hoje o salva vidas usa uniforme representando sua equipe ou companhia de rodeio, não pinta mais a face e está profissionalizado tendo como missão salvar o peão, ou seja, livrá-lo do animal mesmo que isso coloque sua vida em risco. No caso do peão ficar preso na corda é o salva vidas que entra em ação, se o peão cair e até mesmo quando o competidor cumpre o tempo estipulado pela competição o dever do salva vidas é atrair a atenção do animal para longe do peão.

O que o estudo vem evidenciando na realidade do rodeio no cenário paranaense é o gradativo processo de substituição do palhaço pelo salva vidas. O palhaço está em processo de desaparecimento no cenário do rodeio, como entretenimento modernizado a partir da (re)elaboração das práticas lúdicas rurais, a partir tanto da hibridação entre diferentes experiências da ruralidade quanto da mundialização da cultura, dentro da organização capitalista para a constituição do entretenimento (ALEM, 1996).

O próximo quadro se refere ao salva-vidas, do mesmo modo que no quadro anterior, referindo-se a pertinência da atuação profissional, carreira e experiência de cada profissional envolvido.

Neste íterim, as reflexões analíticas que pudemos reiterar dos entrevistados, foram dado destaque para as seguintes categorias: 1) entretenimento; 2) preparação profissional; 3) tempo de carreira; 4) espírito aventureiro; e 5) família e fé. Desse modo, tomamos por base o discurso dos entrevistados para cada categoria elencada.

TEMAS DAS ENTREVISTAS COM SALVA VIDAS DE RODEIO	
G.J. 2014	Animação da arena; ascensão de categoria; acidentes; participação em muitas festas por todo país; títulos na categoria como de melhores shows; carreira; amizades; conquista de objetivos; se distingue do palhaço, mas ao mesmo tempo anima o público (entretenimento nos intervalos); roteiro para as apresentações; riscos físicos com animais; proteção por tambores; preparação física; inteiração com o público; contrato opcional de palhaços em rodeios; incorporação de personagem infantil (alegre); rodeio é a base de tudo; reconhecimento; excesso de viagens; fé; família; apresentação embasada em atividades conhecidas pelo público; criação de brincadeiras; sequência nas brincadeiras; adequação ao tempo;
L. 2012	Salvar peões em perigo; riscos físicos com animais; confiança para os peões; fé; reconhecimento do público; preparo físico; sensações da adrenalina;
P. 2012	Função arriscada; pouca valorização no rodeio; risco físico por animais; salvar peões; fé; preparo físico; paixão pela profissão; distinto do palhaço; reconhecimento do público; animação do público; fãs;
M.K. 2012	Família circense; iniciou num período onde não se reconhecia a profissão; influencia americana; corda americana; mais velho do Brasil na profissão; defender e salvar o peão; riscos físicos por animais; livre de vícios; preparo físico; prática de esportes; fé; diferença da atuação do palhaço atualmente; não tem como animar pela função de salvar; sintonia entre os salva vidas é importante; concentração e adrenalina; contato com fãs; profissionalizar-se; profissão regulamentada;
R.R. 2012	Ter técnica, raça e coragem para trabalhar como salva vidas; salvar peão; cursos de preparação; herança de família; reconhecimento do público x risco físico por animais; lesões por todo corpo; proteção sob a roupa; influencia americana; corda americana; adrenalina x medo;
G. 2013	Proteger o competidor; fé; risco de acidente por animal; salva-vidas confundido com palhaço; preparo físico; concentração; importância financeira; cursos pra melhorar técnica; influencia americana; sentido de vida; nervosismo x adrenalina; preparo físico; bem estar; realização pessoal e profissional;
D.F. 2013	Proteger; risco de acidentes; diferenciação do palhaço; profissão; cursos de capacitação; fé; lesões; sustento da profissão; adrenalina x medo; preparação física, mental, psicológica; cuidado com os animais; amor pela profissão;

Quadro 2 – Temas das entrevistas com animador de arena e salva vidas de rodeio.

I - Entretenimento

Embora o papel fundamental do salva vidas constitui-se em salvar ou impedir que o peão sofra acidente de intensidade grave após a montaria, ainda assim, esses “personagens” do rodeio, involuntariamente promovem entretenimento ao público, dando “um show nas arenas nos intervalos divertindo o público” (BRANICIO, 2012, p. 33). Em meio a adrenalina e a emoção no interior da arena, os salvos vidas buscam amenizar a tensão do público, agindo com precisão e rapidez conforme relatado pelo salva vida Meio Kilo (2014):

A função do salva vidas é defender o peão de qualquer maneira, do jeito que der entendeu? Não importa a maneira, você pulando por cima do boi, você toureando o boi, do jeito que der, o intuito é salvar o peão, mesmo que o salva vida saiba que às vezes vai tomar uma pancada, vai se machucar, mas, você está ali para isso. O peão depende de você, tem peão que cai de pé e sai correndo, mas tem peão que cai desmaiado, cai zozinho, e o salva vidas tem que fazer de tudo para salvar o competidor.

Todavia, o trabalho do salva vidas, por vezes coloca em risco sua própria vida, na tentativa de salvar o peão. Ainda assim, o público o percebe como o “palhaço de rodeio”, esperando que em meio ao socorro ao peão surjam as enquetes, as acrobacias, e até mesmo as piadas. Por outro lado, o palhaço de rodeio (denominado no estudo como animador de pista), mantém a tradição da face pintada, das roupas coloridas e dos anseios ao adentrar o interior da arena buscando no público os aplausos e risos.

Embora o salva-vidas ainda perpassasse pelas inversões de papéis atribuídas pelo público, e mesmo que sem ter percepção da animação do rodeio, as pessoas que se fazem presentes, ainda buscam pela distração do momento, por vezes sentindo a ausência do palhaço, conforme anunciado por J.S. (2014):

Hoje em dia, graças a Deus o público sente muita falta, várias festas que vai o palhaço e no ano seguinte a comissão opta por não levar as pessoas muitas vezes reclamam, pedem, graças a Deus eu venho tendo muitas aquisições de trabalho, eu tenho muitas propostas é só que eu procuro fazer sempre um rodeio por final de semana, então as vezes bate lá seis, sete rodeios num final de semana querendo contratar o palhaço Garoto Juca e como a gente já tem um contrato para cumprir, eu sempre programo para o ano seguinte, então o público reage de uma maneira muito boa. Aqui em Colorado inclusive o público foi muito cativante, alegre, um povo animado, para cima, não parava um minuto, foi muito gostoso. Quando há gente com um público assim, que sabe interagir é muito gratificante para o palhaço,

o locutor até mesmo as montarias que estavam lá eram boa, o povo incentiva, o povo aplaude, o povo vai, agita, está com você em todo o momento ali.

As palavras ditas pelo entrevistado fortalecem a ideia de que o entretenimento se faz presente no momento do rodeio, embora, nem sempre compreendido como tal. Por vezes, o público não se dá conta de quem possui o papel de animador, mas, apropriam-se da mistura de sensações que envolvem o conjunto composto por palhaços, salva vidas e o próprio peão no emaranhado que se forma no interior da arena no fim de cada montaria levando o público a torcer pelo competidor ou animal, arrancando suspiros e fortes gargalhadas, em meio a sensação de medo, piedade e angustia enquanto há um desdobramento com um único propósito – manter a integridade física do peão, livrá-lo do touro.

Contudo, o palhaço por sua vez, mantém acessa a “chama” da diversão e do entretenimento com o público, mesmo quando confundido com o salva vidas. Todavia, o papel do palhaço no interior da arena se difere da função do salva vidas. O entrevistado J. S. (2014) atua nos rodeios como palhaço – animador de pista, nesta feita, pontua a diferença existente entre tais protagonistas,

Minha função dentro da arena é animar o povo. Antigamente o palhaço servia para preencher lingüiça, hoje é o animador de arena, a gente distinguiu-se o palhaço do salva-vidas, antigamente o salva-vidas era o palhaço, além dele salvar o competidor ele pintava a cara, usava as roupas espalhafatosas e entretia o povo, fazia a parte de animação. Com o tempo foi se inovando entrou um palhaço chamado Meia Sola no rodeio e ele inovou, só que tem muitos outros animadores de arena da velha guarda que é o Bambolê, o Masarope é o Charlie Escorrega que merece todo o meu respeito. Quando entrou a nova safra, o Meia Sola entrou e ele mostrou o que seria um animador mesmo, ele colocou essa atuação dentro da arena, então eu sou um animador de público. Eu tenho que utilizar meu trabalho. É cômico, tem umas brincadeiras que eu utilizo microfone, mas as minhas brincadeiras são todas cômicas, eu procuro entreter sempre com o público, sem tirar a atenção total, sem o foco que é o rodeio, então nós vivemos por causa dos competidores eles sim que merecem todo o nosso respeito e nós somos simplesmente protagonistas, então a gente está trabalhando, deu uma brecha, vai trocar de locutor, vou lá faço uma brincadeira de cinco a dez minutos no máximo, então minha parte, minha função dentro da arena é animar o público é fazer a alegria e graças a Deus venho desempenhando muito bem isso daí venho tendo vários resultados.

Conforme pontuado por G.J. (2014), a distinção entre funções no rodeio são bem claras, no entanto, a compreensão acerca do que vem a ser um

animador talvez não se faça claro academicamente, ficando restrito ao senso comum. O entrevistado pontua que “animador de pista” é aquele que estará animando o público, fazendo graças, uma espécie de diversão. No que condiz ser um animador, Melo et al (2009) pontuam que a animação é uma intervenção capaz de atender a perspectiva do duplo aspecto para e pelo lazer.

Deste modo, torna-se necessário potencializar as oportunidades de vivências no âmbito do lazer, ofertando diversas possibilidades de prazer e diversão, condicionando a ampliação dos saberes às diferentes linguagens e manifestações ampliando valores, perspectivas de vida e principalmente a compreensão de mundo.

II - Preparação profissional

Tanto na atuação de salva vidas quanto de animadores de rodeio (palhaços) se faz necessário a existência da preparação física, emocional e psicológica. A esse respeito, os profissionais salva vidas entrevistados relataram que o momento em que não estão atuando centram-se nas atividades de academia, pois dentro da arena “exige muito a parte física da gente, então precisamos estar preparados” (LUCIANO, 2014). Do mesmo modo, o animador de rodeio (palhaço) também deve possuir preparação física, destacando atividades de flexibilidade e agilidade, conforme pontuado por (GAROTO JUCA, 2014), “tenho uma preparação física, faço um pré-aquecimento antes de entrar na arena, me aquecendo, alongando”.

No entanto, o preparo físico desses profissionais não se limita apenas ao agüentar correr dentro da arena ou correr do touro (como visto aos olhos do espectador), exige-se concentração “porque um segundo ali pode tirar a vida de um competidor ou até a da gente” (GAUCHINHO, 2014).

Todavia, a atuação do salva vidas e do palhaço é tão arriscada quanto do peão. Embora esses profissionais não tenham que “disputar” o tempo que conseguem distrair o touro, tão pouco demonstrar a melhor performance de montaria, devem estar atentos ao momento de se fazer presente, seja para

animar o público, seja para salvar o peão, evitando qualquer tipo de acidente. A esse respeito, os entrevistados ponderam que o risco de acidente se faz presente o tempo todo, ora com gravidade menor, ora maior.

Os riscos que a gente corre é algum acidente, quebradura, uma fratura exposta, essas coisas que acontece com a gente. Estamos sujeito a correr esses riscos, ali dentro expomos nosso corpo para salvar o peão no momento exato em que precisa. (L. 2014)

Por outro lado, para além da exposição corporal no interior da arena, os riscos recorrentes podem dar-se também pela falta de equipamento de segurança a esses profissionais, conforme pontuado pelo entrevistado PROFETA (2014):

O peão tem proteção, usa colete, capacete, calça de couro. Pra gente não, a gente só usa colete e cara limpa, aí pode acontecer de levar um pisão na cabeça como já aconteceu com muitos salva vidas, levar uma chifrada, a gente esta sujeito a tudo.

Assim, tornam-se recorrentes as estratégias de trabalho, afim de evitar possíveis acontecimentos que agravem a integridade física tanto do peão quanto do salva vidas e do palhaço. Tais estratégias podem ser a causa da fragmentação entre funções, o que antes era visto como palhaço salva vidas, na contemporaneidade deixa de ser algo singular e único tornando-se amplo ao mesmo tempo em que define quem atuará em que, de modo que atenda as especificidades contidas no rodeio, conforme pontuado pelo entrevistado MEIO KILO(2014):

Antigamente quando a gente começou a gente pintava o rosto, mas, passando o tempo a gente foi vendo que o negócio era sério não tinha como trabalhar de salva-vidas e agradar o público. Não tem como fazer as duas coisas. A gente fazia o show da tourada, com a cara pintada [mas] tinha que ter o toureiro e o animador para animar o público, mas de salva-vidas não tem como.

Embora ainda haja confusão entre o salva-vidas e o palhaço, em virtude do contexto histórico em que se desenvolveu essa prática, ainda assim, há quem perceba os dois profissionais com a mesma característica. Entretanto, na visão dos próprios profissionais, “hoje em dia não tem mais isso aí, o palhaço é aquele profissional que vai ali para animar a platéia, para tirar aplausos, riso do público, e o salva-vidas está ali para proteger o competidor” (GAUCHINHO, 2014).

Vale lembrar que até os anos 1980 a montaria em touros não era uma atividade comum nos rodeios, sendo trazida do rodeio norte-americano. Para Alem (1996) a violência da montaria em touros atraiu mais público. Esta é a prática mais perigosa à vida dos profissionais e, hoje, igualmente a mais remunerada. Todavia parece que tornou inviável a sobrevivência da figura do palhaço.

Além dos peões, o salva-vidas e o palhaço ainda devem ter a preocupação em proteger a integridade do animal, fator que gera alvo de campanhas propondo o rodeio como uma prática criminal e de maus tratos com o animal.

III - Histórico da carreira

A atuação profissional do salva-vidas e do palhaço está interligada a tradição decorrente das diferentes práticas envolvendo a atuação com animais, a exemplo dos circos de touradas e dos rodeios itinerantes. Mantendo assim, a perspectiva da tradição familiar com esta atuação. A esse respeito, o entrevistado (MEIO KILO. 2014) corrobora ao dizer que:

Venho de uma tradicional família circense, meu pai tinha circo de tourada e na década de oitenta por aí a gente fazia apresentação da tourada. Na época não existia o rodeio de touros. E aqui em Colorado foi meu primeiro rodeio, só existia o rodeio de cavalo na época e a gente fazia o show da tourada aqui nesta arena, eu e meus irmãos. Fazíamos no rodeio o mesmo que fazíamos no circo. Aí o Sebastião Procópio, hoje juiz de rodeio, trouxe três touros que chegou dos EUA. Aí ele viu a gente na tourada e chamou a gente para ajudar na montaria de touro que ia ser só apresentação. Nos EUA tem os salva vidas, vocês servem para ser salva vidas do rodeio, a gente nunca tinha sido salva vida a gente entrou para tourear. Com a capa do toureiro a gente ficou trabalhando com os três touros. Quando a gente viu que o rodeio começou crescer, fiquei mais uns cinco a seis anos no circo aí o rodeio foi crescendo e a gente foi crescendo junto né. Todos os grandes rodeios a gente foi participando até que a gente teve que parar o circo para continuar no rodeio.

Os dizeres de M. K. (2014) fortalecem a ideia de que o rodeio na contemporaneidade ainda possui elementos tradicionais, como a influência do circo no espetáculo de rodeio. Também situa a questão da mesma carreira entre gerações.

Por outro lado, o rodeio na contemporaneidade apresenta-se com nova roupagem (inserido num complexo de atividades envolvendo variadas ofertas de entretenimento), estrutura física e atuação, resultando uma nova especificidade. Ao superar o modelo herdado do circo de touradas, o rodeio rompe com padrões antes estabelecidos para atender às novas necessidades do entretenimento. Isso não se fez sem nova configuração na prestação de serviço, que atendessem de forma satisfatória a apreciação do público.

A animação cultural desses sujeitos carrega esses traços tradicionais, como se travestir em um personagem, e que hoje são criticados na literatura dos Estudos do Lazer como sendo alienação no trabalho. A esse respeito Marcellino (2000, p. 127) entende que “o profissional do lazer vende sua personalidade. Em muitos casos, deixa de ser profissional para se tornar uma personalidade profissionalizada”.

Em acréscimo, podemos atribuir que os salva-vidas antes estereotipados como palhaço salva-vida, mantinham-se unificados à dupla função dentro da arena, ora entretendo o público, ora salvando o peão. Embora os salva-vidas executassem dupla função, ainda assim, eram reconhecidos como palhaços, pois, “achavam que a gente tinha a função de fazer atrapalhadas para os outros darem risada” (J. 2014).

A partir do momento em que o rodeio se tornou mais violento com a introdução da montaria em touros, a dupla função de palhaço e salva-vidas começou a entrar em conflito. Interessa aos promotores do rodeio uma melhor gestão do risco no interior da arena, pois os acidentes podem chamar atenção do público, mas repercutem negativamente na opinião pública e na credibilidade do evento junto aos peões. Para os peões, o salva-vidas é uma espécie de guardião, embora faça parte das atrações, estará ali para dar suportes durante a montaria. Todavia, essa atuação aborda dupla expectativa, 1) “o povo que entende do rodeio que vê mesmo como anjos da arena”; 2) “aqueles que não entendem, que vê, fica torcendo até para o boi pegar a gente” (R. R. 2014). Se por um lado há o entendimento da prática do rodeio, e mais ainda, a compreensão do papel exercido por cada profissional, por outro lado, existe o olhar voltado apenas ao animal.

Neste contexto de dualidades atribuído por R. R. (2014), podemos tomar como ponto de partida que mesmo as hibridações culturais recorrentes para se

ter na atualidade o rodeio com a estética em que se apresenta, ainda assim, haverá divergências no ponto de vista do público, ora almejando sucesso ao salva vidas, ora se alimentando da expectativa do horror que é o animal ferir alguém (que em termos de natureza humana tanto gera repulsa ou atração).

Dentre as categorias analisadas e com um refinamento das mesmas, podemos pontuar as singularidades e distinções existentes nas seguintes categorias: 1. Atuação profissional; 2. Entretenimento; 3. Tempo de carreira. Essas categorias se entrelaçam ora se unificando, ora se distanciando, tornando-se singulares, ao mesmo tempo em que tornam-se complementares.

O tempo de carreira está intimamente relacionado à atuação profissional. Todavia, não significa que o profissional do rodeio seja ele qual for (locutor, peão, salva vidas ou palhaço), manterá seu tempo de trabalho em virtude da atuação profissional, mas, será por meio desse tempo de carreira que se fará um profissional reconhecido ou não em sua atuação. “Por tanto, a qualidade desse profissional dependerá igualmente de sua reflexão sobre como utilizar, com ética e respeito os conhecimentos adquiridos” (FILIPIS, 2012, p. 22).

No âmbito do rodeio, embora de forma oculta, é perceptível a existência de isolamento e atuação dos profissionais em questão neste estudo, pois, estes estão ligados ao entretenimento direto com o público. Desse modo, as ações tanto do locutor, salva vidas e do palhaço não são práticas desinteressadas, desconectadas das relações sociais de dominação de classe e poder, tornando fundamental o envolvimento e a participação “de forma crítica e criativa com diferentes práticas culturais, priorizando a ampliação de suas próprias vivências de lazer, de modo condizente com sua prática profissional” (ISAYAMA, 2009, p. 412).

Finalmente, o tempo de carreira se interrelaciona com a demanda do rodeio na contemporaneidade, que atenderá às necessidades do público ao mesmo tempo em que provocará satisfação aos profissionais em busca do reconhecimento do público e do mercado sobre sua atuação profissional ao longo dessa carreira.

Em relação à atuação profissional, tanto o locutor quanto o salva-vidas e o palhaço possuem como características conter a atenção do público. No entanto, a forma de atuação se difere, pois o locutor deverá transmitir emoções

a partir de seu discurso, enquanto o salva vidas irá provocar um misto de sensações envoltas pelo medo e a ansiedade enquanto salva o peão, e o palhaço, com seu repertório de enquetes, brincadeiras e piadas, fará com as tensões recorrentes na atuação do salva-vidas sejam amenizadas.

Desta feita, torna-se evidente o entrelaçamento e complementação existente entre esses profissionais no momento do rodeio, se distanciando apenas nos discursos e tempo de atuação, permitindo a distinção entre cada um deles. A tentativa de entretenimento ao público existente nos três profissionais em questão, por outro lado, a inserção destes no rodeio se distanciam, os locutores podem ser profissionais com experiência de atuação em outros ambientes, como o rádio e divulgações externas, por outro lado, o palhaço e o salva vidas já tiveram outras experiências centradas na realidade rural, seja ela em forma de agronegócios ou folguedos populares, e em alguns casos o envolvimento com práticas profissionais advindas dos circos de touradas.

No que se refere ao entretenimento no âmbito do rodeio, pode-se estabelecer a relação entre o lazer e seus valores, uma vez que a oferta de atividades (gastronomia, parque de diversão, agronegócios, feira, shows, rodeio) se assemelha aos aspectos voltados à distração e ao divertimento, além dos vínculos sociais e afetivos que se formam a partir do convívio entre sujeitos. Marcellino (1996) compreende essas ações enquanto lazer, se a escolha das atividades apresentarem caráter desinteressado de sua prática.

Por outro lado, o entretenimento no rodeio pode ser relacionado à natureza humana, que mantém diante de esportes de risco reações que se polarizam entre atração e repulsa. Neste sentido, o imaginário das pessoas pode-se voltar às ações mais corriqueiras e simples ou até mesmo romper todos os limites éticos e vislumbrar ações que gerem riscos acometendo a integridade física de outras pessoas. Tais condições só são possíveis se as atrações forem “comercializadas com uma dose considerável de hipervalorização do conteúdo existente” (TRIGO, 2003, p. 40).

Portanto, é estratégica uma proposta de animação na qual esse aspecto seja trabalhado. Em decorrência disso, o profissional deve compartilhar conhecimentos e sentimentos com o público, pois a percepção das pessoas no

e sobre o rodeio é dialeticamente afetada e capturada pelo discurso do locutor e das ações performativas do salva-vidas e do palhaço.

Algo intrigante a partir das falas e práticas dos sujeitos é como o entretenimento abole diferenças entre cultura popular e cultura de elite. A animação cultural observada não é tampouco apenas cultura de massas. Essas barreiras entre popular, massivo e erudito, segundo GOMES (2007), param de fazer sentido na medida em que o próprio entendimento de lazer começa também a ruir. O lazer fazia sentido numa sociedade disciplinar, com identidades fixas. O consumo permitiu uma efemeridade tal seu movimento é incompatível com delimitações rígidas no plano cultural.

Retomando essa reflexão ao rodeio, a cultura rural mediada pela animação de rodeio parece mais uma bricolagem entre elementos rurais de diferentes localidades e épocas, carregando ainda contribuições urbanas e globalizadas. Aqui talvez se pudesse falar de hibridação cultural, pois mesmo sob a égide do consumo a animação de rodeio não é apenas indústria cultural e nem é mais o folguedo após a lida no campo.

A este aspecto, Schmidt (1997) pondera a decorrência das mudanças festivas os fatores que envolvem a transição do homem do campo para a cidade; urbanização em áreas rurais; chegada dos meios de comunicação de massa; o processo de crescimento das cidades. Ao observar a configuração do rodeio, podemos perceber como esses elementos urbanos foram absorvidos e aproveitados na disseminação de práticas lúdicas da ruralidade.

Por fim, é interessante observar que, à medida que vamos refletindo sobre o objeto, aspectos ambíguos vão aparecendo. Neste aspecto, tornou-se relevante intensificar a capacidade de hibridismo existente no rodeio na “fertilização entre o global e o local” (PIMENTEL, 2006, p. 92), ampliando a compreensão do rodeio de uma ação isolada para o conjunto das esferas ofertadas nesta manifestação, ora prestigiada enquanto festa, ora como esporte, e nessa conjuntura, promovendo a existência da animação cultural para mediar festa e esporte.

4 A GUIA DE CONCLUSÃO

Exposições e feiras rurais, festas de peão e rodeios tornaram acessível a grandes públicos o contato com certas práticas e representações do mundo rural. Chama atenção nesse fenômeno a hibridação entre elementos arcaicos e modernos na produção de um conjunto de práticas selecionadas, que se remetem à idéia de sinergia entre festa, exposição, feira, show musical, e esporte.

Nesse caso, o que nos importa é perceber a complexa interação entre a festa que abarca contestes rurais esportivizados e que, por meio de tecnologias da área do lazer, é transformado em entretenimento.

No caso do esporte (rodeio) há alguns elementos que o singularizam, como, por exemplo, ocorrer dentro de uma exposição-festa e ser mediado por um *staff* profissional (madrinhas, locutores, palhaços, salva-vidas) que, em certa medida, contribuem objetivamente para sua espetacularização. Essa condição do rodeio é hegemônica de tal forma que, se tomássemos a tipologia vigente nas políticas públicas de esporte no Brasil, que o subdivide em esporte educacional, esporte participação e esporte de alto rendimento, o rodeio é quase em sua totalidade praticado com a terceira finalidade.

Assim, sob a ótica do entretenimento, temos um esporte disputado sob regras da Confederação que é um dos atrativos de um evento que ainda conta com shows, parque de diversão, feira, praça de alimentação, leilões, exposição agropecuária. Esse cenário torna o rodeio imune ao contexto, de tal forma que o consumo desse esporte é animado, especialmente pela figura do locutor. Em nome do entretenimento, o locutor age como intermediador entre o cenário da festa (subjetividade, espírito gregário, exageros, relaxamento das tensões) e o do rodeio (objetividade, emulação sob regras esportivas, disciplina, tensão devido aos riscos à vida do peão).

Para a Educação Física esse fenômeno nos chama atenção porque é um caso no qual esporte de rendimento e tecnologias do lazer (animação, entretenimento) trabalham em sinergia. Não se pode afirmar tal a contaminação de um fenômeno no outro que esporte e recreação se dissociem

no contexto. Pelo contrário, o fato dessa manifestação se dar sob o signo da ruralidade, amplia a complexidade.

A interfertilização de diferentes elementos lúdicos arcaicos da ruralidade hibridados com o *know-how* mundializado do *show business* conferem ao rodeio a condição de um entretenimento moderno que se remete a tradições desde o Brasil colonial, mesmo que sejam elas inventadas.

Retomo a idéia do rodeio como uma prática esportiva dentro de uma festa, a qual é consumida como entretenimento, havendo locutores e outros animadores para mediar essa relação. O entretenimento é proporcionado pela disputa homem x animal e encontra um conjunto de mediadores, entre os quais se destaca o locutor.

De fato, nossa expectativa foi confirmada e o estudo permitiu a visualização da existência da animação sociocultural no âmbito do rodeio a partir do discurso utilizado pelos atores sociais que, dada a função desempenhada no rodeio como entretenimento nos permite tê-los como animadores socioculturais (palhaço e locutor de rodeio e, em alguns casos, o salva-vidas). Para desempenho de suas funções, esses animadores do rodeio apresentaram a apropriação dos movimentos corporais e da gestualidade, que são originários de tradições diversas como o circo e as touradas.

Para além da realização dos rodeios, visualizamos a relação entre festa, entretenimento e animação cultural no rodeio, tendo como discussão principal o locutor de rodeio (possível agente possibilitador da animação cultural), bem como o palhaço (mas já empiricamente uma figura arcaica em processo de desaparecimento no cenário do rodeio).

Foi observado que, conforme o tamanho da festa de peão, o rodeio é realizado com todas ou algumas modalidades (modalidades: montaria em cavalo, montaria em touro, laço, tambor, laço em dupla, bulldog). No entanto, a presença de animação é uma recorrência que sugere a importância da animação cultural na oferta do rodeio em festas desse gênero. Nesse tocante, os animadores de rodeio desempenham um papel importante: o da mediação, questão a qual pretendemos desenvolver ainda.

A partir desse entendimento, podemos concluir que o rodeio é uma prática social mediada por um modo peculiar de Animação cultural. Esta parece

se manifestar mais claramente entre os espetáculos,¹⁴ nas atividades entre o público, locutor e palhaço. Para tanto, há três ações que destacaria a partir do olhar empírico sobre o que fazem esses atores em termos de animação:

1) Informação: decisão de juízes, gestos técnicos, manobras, reações do animal, recordes, características do animal ou do peão, entre outros aspectos desconhecidos do grande público são transmitidos; o que, de certa forma, informa o público para que compreenda melhor o que se passa;

2) Narração: Este aspecto envolve dar emoção à disputa homem/animal. Por exemplo, na montaria em touros, é mais difícil para o peão quando o boi gira na direção contrária à mão que segura a corda. Mais difícil ainda se o bói gira e dá coice. O narrador modula a carga emocional conforme o grau de complexidade de cada situação, conduzindo o público ao clímax em um efeito muito análogo à música de fundo em filmes de ação, romance ou suspense.

3) Diversão: Por meio de música, dança, versos de cunho cômico ou de frases de efeito, o locutor e o palhaço levam o público a interagir com coreografias, aplausos e risos, enfatizando a dimensão do entretenimento.

Postulo ser possível identificar nas especificidades dessa atuação no lazer, os rudimentos para uma animação cultural de rodeios. Entre as características estão: a) a combinação de elementos rurais e urbanos, arcaicos e modernos na forma e conteúdo da animação; b) o compromisso com as funções de informação, narração e diversão; c) está circunscrita ao círculo da arena, com ênfase no entretenimento. Outros fatores, como a preparação corporal e a obrigação de gestar o risco proporcionado pela agressividade dos animais também podem ser ponderados como elementos diferenciadores da Animação no contexto das festas de rodeio. Esses aspectos me parecem decorrentes da resolução de problemas sobre como transmitir emoção, saberes e percepções relativas ao rodeio (e à cultura rural, de forma mais ampla).

Pautado nesses aspectos, percebo a necessidade da compreensão da animação sociocultural no contexto do rodeio, como uma ferramenta pedagógica que pode elaborar ludicamente aspectos da cultura rural, podendo

¹⁴ Os espetáculos supracitados englobam o momento esportivo que modifica a emoção do espectador a partir do que vêem, onde ocorrem as provas com os animais. Sendo assim a Animação sócio cultural ocorre nos intervalos das provas - trocas de competidores - e no início e término das competições.

ser apropriada para animações na/pela/sobre a cultura rural e, principalmente, mobilizando a comunidade no processo. Mas, também, é forçoso reconhecer que, na sociedade de consumo, a animação nem sempre desempenha funções 'nobres' do lazer e que o entretenimento, divertir o público em larga escala, é o norte da atuação de locutores e salva-vidas/palhaços. Ao invés de lamentar como essa animação não é como deveria na visão da literatura especializada, talvez seja mais prodcente perceber os movimentos que ela gera no plano cultural.

No entanto, este estudo possibilita o olhar para outras áreas de atuação no lazer e novos modos de fazer, partindo das manifestações ruralistas. Os modelos de animação são tão notadamente urbanos que o conhecimento sobre uma forma híbrida pode nos revelar possibilidades ainda não ousadas.

REFERENCIAS

ALEM, J. M. **Caipira e country**: a nova ruralidade brasileira. São Paulo, Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Sociais, USP, 1996.

_____. Dossiê Rural Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 64, p. 94 – 121, dez/fev 2004 – 2005.

ALMEIDA, S. D. E. **Avaliação do rodeio crioulo Internacional de Vacarias/RS: Uma contribuição dos participantes para a formulação de estratégias**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, 2008.

AMARAL, R.C.M.P. Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese de Doutorado (Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo), 1998.

BAHL, M. **Turismo e eventos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 10^a ed. São Paulo: SENAC, 2004.

BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BRANDÃO, I. M. Crimes ambientais: uma visão sobre as práticas do rodeio e da vaquejada. **Interfaces Científica – Direito**, Aracajú, v. 2, n. 2, p. 93 – 104, fev. 2014.

BRANICIO, C. R. **A importância da preparação física para atletas de rodeio de montaria em touros**. Monografia, Licenciatura em Educação Física do Programa UAB, Universidade de Brasília, 2012.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução: Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

CORRÊA, M.C. O esporte de um gênero: um estudo sobre as brigas de galos como prática de sociabilidades masculinas. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônico)**, Florianópolis, p. 1 -10, 2013.

COSTA, A. R.; CRESCITELLI, E. **Marketing promocional para mercados competitivos**. São Paulo: Atlas, 2003

COSTA, S. P. Esporte e paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 71 – 87, maio/agosto, 2003.

_____. Rodeios e Vaquejadas: o processo de construção de um novo esporte. s/d. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=4382&Itemid=317 . Visualizado em: 17/06/2014.

DIAS, C. **Em favor do cotidiano: lazer e políticas culturais em Goiânia**, Goiânia: Editora da PUC – GO, 2011.

DOURADO, S. P. C. O rural como fronteira do urbano: rodeios e Vaquejadas nas interpretações do Brasil. **Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste** - Campus De Foz Do Iguaçu v. 15 nº 2 p. 2º semestre de 2013.

FRANCO NETTO, F. **Senhores e escravos no Paraná provincial: os padrões de riqueza em Guarapuava (1850/1880)**, Guarapuava: Unicentro, 2011.

FERREIRA, J. C. V. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**, Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

FERNANDES, F. M. **Levando a sério a palhaçada: um estudo da natureza ambivalente do riso**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2012.

FILIPPIS, A. **Formação profissional em lazer, nos cursos de educação física no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Ciência da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba, 2012.

FITZ, L. S. **O tropeirismo no Paraná “A cultura tropeira em Castro”**. Trabalho de conclusão de curso – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, Departamento de História, 2013.

GABLER, N. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GALLEGO, A.H.S.M. Jaguariúna Rodeio Festival: um cenário propício para a comunicação mercadológica. In: **Anais UNESCOM** - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional São Bernardo do Campo - SP . Brasil - Universidade Metodista de São Paulo 2006.

GEMINIANO, S. A. **A cultura rural na educação física curricular: uma experiência com jogos e brincadeiras**. Curitiba: SEED/PR, 2010.

GOMES, R. A. Os lazeres e as práticas culturais. In: _____ (Org.). **Olhares sobre o lazer**. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos, p. 11-13, 2007.

GONÇALVEZ, A. F. **A Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos/SP como espaço de encontro de culturas**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná 2013.

HOBBSAWN, E. J.; RANGER, T. (Orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

ISAYAMA, H. F. Atuação do Profissional de Educação Física no âmbito do Lazer: a perspectiva da Animação Cultural. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.2, p.407-413, abr/jun. 2009.

KARLS, C. E. MELO, V.A. Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX. **História Unisinos**, v. 18, n. 2, p. 352 – 363, maio/agosto 2014.

LACERDA, L. L. L. SOUZA, C.A.G. A animação sociocultural e a formação profissional em turismo: reflexões sobre a animação turística. **Revista Turismo em análise**, v. 20, n. 2, agosto, p. 369 – 387, 2009.

LEAL, S.N. **É de Agronegócio: Circuitos relações e trocas entre peões de manejo, peões de rodeio**. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo, 2008.

LOPES, M. S. A animação sócio cultural em Portugal. **Revista Iberoamericana**, v. 1, 2006.

LOPES, S. F. A. Além dos oito segundos: uma análise jornalística das festas de peão e do rodeio brasileiro. In: **Anais - Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares Da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste Bauru SP**. 2013.

MAGNANI, J. G. A rua e a evolução da sociabilidade. **Cadernos de História de São Paulo**, n.2, jan/dez, Museu Paulista – USP, 1993.

LUCENA, R. F. **Esportes na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.

MARCELLINO, N. C. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atuação profissional. **Licere**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 125 – 133, 2000.

MATIAS, M. **Organização de Eventos: procedimentos e técnicas**. São Paulo: Manole, 2001.

MELO Neto, F. P. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. In: FUNARI, P.P.; PINSKY, J. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

MELO, V. A. BRÊTAS, A. MONTEIRO, M. B. Fundamentos do lazer e da animação cultural. In: (Org.) OLIVEIRA, A.A.B. PERIM, G.L. **Fundamentos pedagógicos do programa segundo tempo: da reflexão à prática**, Maringá: EDUEM, 2009.

MELO, V. A. Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870 – 1884). **História**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 163 – 188, jul/dez 2013.

NETO, A. M. PEREIRA, J. P. FIGUEIREDO, V. C. **Gente de rodeio: além dos oito segundos** (Trabalho de Conclusão de Curso - Relatório de Fundamentação do Projeto experimental Modalidade Vídeo – Documentário) Comunicação Social – Centro Universitário das Faculdades Associadas de ensino FAE, São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, N. **Festa do Peão de boiadeiro** – onde o Brasil se encontra. São Paulo: Ícone, 1989.

PICCOLI, I. **A máscara do palhaço nas manifestações populares brasileiras**. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/dramaturgia/lvanildo%20Piccoli%20%20A%20mascara%20do%20Palhaco%20nas%20Manifestacoes%20Populares%20Brasileiras.pdf>, acessado em 17/07/2014.

PIMENTEL, S. V. **O Chão é o Limite**: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia. Editora da Universidade Federal de Goiás. 1997.

PIMENTEL, G. G. A. Localismo e globalismo na esportivização do rodeio. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 91 – 104, set, 2006.

_____. **É de Laço e de Pó: O Rodeio como festa rural**. In: ROSA, M.C. (Org). **Festa, Lazer e Cultura**. Campinas: Papyrus, 2002.

_____. **Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no Vale do Itabapoana**. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação Física, 1999.

_____. **A mídia na construção social do rodeio esporte**. In: Congresso Brasileiro de 448 Ciências do Esporte, Goiânia-GO. *Anais...* v. 1, p. 544-551, 1997.

PINA, J. V. **Espaço de cultura no Campo Pequeno**: Definição de uma estratégia. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, 2012.

RIO, Jockey. História do Turfe no Bra Disponível em: <http://jockeyrio.com.br/blog/2014/07/jockey-club-brasileiro-146-anos-de-historia/>

RUBIM, Antônio Albino Canelas. A contemporaneidade como Idade Mídia. In: **Comunicação, Saúde, Educação**. v. 4, n.7, p. 25 – 36, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n7/03.pdf>>. Acesso: agosto, 2014.

SANTOS, S. **Animação cultural afrobrasileira**: o caso do Museu Afro Brasil. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Maringá, Centro de

Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2014.

SCHMIDT, Cristina. O comunicador folk e as festas de uma só. In: **Anuário Unesco / Umesp de Comunicação Regional** / Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, Universidade Metodista de São Paulo. Vol. 1, n. 1 (set/1997). São Bernardo do Campo: UMESP, 1997.

SERRA, R. A. de A. **Rodeio**: uma paixão. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

SERRA, R. A. A., TUBINO, M. J. G., NOVAES, J. S. O rodeio como uma manifestação esportiva de identidade cultural do interior de São Paulo. **Fit Perf J**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 341 - 346, Nov/dez. 2003.

SILVA, R.P. Rodeio: um texto sobre Goiás. Revista **Sociedade e Cultura**, v. 4, n. 2, jul/dez. p. 171 -194, 2001.

SILVA, M.M. **A festa do divino**: romantização e tradição em Perinópolis (1890 – 1988). Dissertação de Mestrado em História das Sociedades Agrárias – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2000.

SOUZA, G. C. Os rodeios e a lei 10.519/02: retrocesso social e desconformidade com a Constituição federal de 1988. In: **Anais I Congresso Mundial de Bioética e Direito Animal**, 2008.

TRIGO, L. G. G. **Entretenimento**: uma crítica aberta. São Paulo: Senac, 2003.

VENTOSA, V.P. La animacion sociocultural en España: uma perspectiva local. Animador Sociocultural: Revista Iberoamericana, Salamanca, v. 1, n. 2, mai/set. 2007. Disponível em: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/animadorsociocultural/> . Acesso em: 20/08/2014.

XAVIER, J. F. S. FREITAS, G. S. RIGO, L. C. Dos aplausos às ruínas: uma construção das memórias do turfe no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, nº 2, p. 165 – 191, jun. 2014.

APÊNDICE I

QUADRO ANALÍTICO DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SISTEMÁTICA, PRODUZIDA COM FINALIDADE DE IDENTIFICAR AS PRODUÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE RODEIO NO BRASIL.

Autor	Tipo de Produção	Título	Periódico /Ano
ALMEIDA, S. D. E.	Dissertação	Avaliação do rodeio crioulo Internacional de Vacarias/RS: Uma contribuição dos participantes para a formulação de estratégias	Biblioteca Digital Universidade Caxias do Sul/2008.
SILVA, P. R.	Artigo	Rodeio: um texto sobre Goiás	Sociedade e Cultura, v. 4 n. 2, jul/dez.2001, p. 171-194
LEAL, S.N	Dissertação	É de Agronegócio: Circuitos relações e trocas entre peões de manejo, peões de rodeio ,	Biblioteca Digital Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas 2008
PIMENTEL, G. A. G.	Dissertação	Ações motrizes e representações sociais no jogo do laço no Vale do Itabapoana	Universidade Estadual de Campinas/1999
COSTA, P. S.	Artigo	Esporte e Paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil	Movimento, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 71-87, maio/agosto de 2003
PIMENTEL, G. G. A.	Artigo	Localismo e Globalismo na esportivização do rodeio	Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 28, n. 1, p. 91-104, set. 2006
SERRA, R. A. A., TUBINO, M. J. G.,NOVAES, J. S.	Artigo	O rodeio como uma manifestação esportiva de identidade cultural do interior de São Paulo	Fitness & Performance Journal, v.2, n.6, p. 341-346, 2003.

LOPES, S. F. A.	Artigo	Além dos oito segundos: uma análise jornalística das festas de peão e do rodeio brasileiro	Intercom– Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares Da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação Na Região Sudeste Bauru SP 03 a 5/07/2013
ALEM, J. M	Dossiê	Brasil Rural: Rodeios a fabricação de uma identidade caipira sertenajo	REVISTA USP, São Paulo, n.64, p. 94-121, dezembro/fevereiro 2004-2005
COSTA, S. P.	Artigo	Rodeios e Vaquejadas: o processo de construção de um novo esporte	Comunicação apresenta no GT Esporte, Política e Cultura, durante o XXVI Encontro Anual da ANPOCS
DOURADO, S. P. C.	Artigo	O rural como fronteira do urbano: rodeios e Vaquejadas nas interpretações do Brasil	REVISTA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE DA UNIOESTE - CAMPUS DE FOZ DO IGUAÇU v. 15 nº 2 p. 2º semestre de 2013
GONÇALVEZ, A. F.	Dissertação	A Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos/SP como espaço de encontro de culturas	Universidade Federal do Paraná 2013
SOUZA, G. C.	Artigo	Os rodeios e a lei 10.519/02: retrocesso social e desconformidade com a Constituição federal de 1988	Trabalho apresentado no I Congresso Mundial de Bioética e Direito Animal realizado no período de 08 a 11 de outubro de 2008 no Pavilhão de Aulas da Federação (PAF) da Universidade

			Federal da Bahia, em Salvador-BA.
GALLEGO, A.H.S.M.	Artigo	Jaguariúna Rodeio Festival: um cenário propício para a comunicação mercadológica	UNESCOM - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional São Bernardo do Campo - SP . Brasil - 9 a 11 de outubro de 2006 - Universidade Metodista de São Paulo

APÊNDICE II: ENTREVISTAS

LOCUTORES DE RODEIO

(Colorado, 30 de março de 2014). Entrevista com locutor de rodeio profissional A.C.

J.M. – Boa Noite estamos aqui com o Almir Cambra locutor profissional de rodeio. Boa noite Almir.

A.C – Boa Noite Jean

J.M. – Gostaria que você comentasse um pouquinho da tua carreira profissional como você despertou o interesse pelo rodeio para a gente conhecer um pouquinho mais a fundo sobre você.

A.C. – Bom eu comecei na verdade narrando rodeios de chácaras, sítios, fazendas em 1988 e 1989 é depois eu fui estudar no colégio agrícola na UNESP Jaboticabal e a gente começou a organizar alguns rodeios lá do colégio Agrícola e da UNESP e através do professor Tenório que era meu professor e na verdade ele era locutor de rodeio também e ele foi dando e abrindo campos dando uma chance e fazendo com que a gente pudesse ir pegando o fio da meada. Já era fã do Zé do Prado eu era apaixonado por rodeio e aí em 1995 é eu comecei uma jor... em 1994 eu comecei uma jornada legal é com um circuito de rodeio Cowboy Forever Rodeio Universitário e isso foi estendendo... fizemos um circuito aí e até o ano 2000 é trabalhando nesse circuito mas interessante que em 1995 eu fui convidado pelos Independentes de Barretos a disputar uma vaga no rodeio internacional como locutor e eram mais de 30 participantes para uma vaga e eu acabei sendo escolhido e abrindo aquele rodeio internacional naquele ano e de lá para cá eu nunca mais sai de Barretos né, e hoje é todas as grandes festas no Brasil eu faço só no Paraná no ano passado foram mais de 23 eventos que eu trabalhei as maiores do Paraná estão na minha mão que é Colorado, Umuarama, Paranavaí e assim festas que, rodeios que valorizam o profissional né o peão e todos que fazem parte da arena e como premiação também e nessa jornada toda da vida é... existe um troféu que chama Arena de Ouro que é o Oscar do rodeio uma premiação que é feita em São Paulo já teve 6 edições desse troféu e nas 6 edições eu ganhei 4 sou o único tetracampeão desse troféu é... o Adriano Morais fez um troféu com o nome dele é como avaliando técnica do locutor de rodeio o locutor mais técnico do Brasil por isso que tem esse slogan na minha vinheta no meu nome porque foram na época a PRP que hoje é a PBR a PRP eram 40 profissionais que votavam os peões de touro que votavam e eu tive 38 votos então também... e no decorrer dessa vida a gente é hoje eu tenho o prazer de fazer mais de 60 eventos por ano são 64, 65 rodeios por ano então tenho uma agenda bastante extensa, grande difícil até de se leva porque você não tem parada você não tem um tempo dentro da sua casa é dois dias segunda ou terça no máximo quarta você está na estrada de novo, então... é esse é o nosso caminho e assim to muito feliz esse ano eu vou completar em Outubro 20 anos de carreira profissional é eu conto desde o ano de 1995 em Barretos to bastante orgulhoso do trabalho, contente e feliz, orgulhoso mas

com o pé no chão agente sabe que a gente tem todo dia a gente ta aprendendo ali dentro.

J.M. – Nome completo, idade, cidade natal?

A.C – Almir Rogério Pontes Cambra, sou de Jaboticabal São Paulo ,é ... atualmente hoje eu mora em Marília só a quatro anos.

J.M. – Onde e quando começou o primeiro rodeio Almir?

A.C. – O primeiro rodeio foi na chácara de um amigo meu, chama-se Jorge maloca o Jorge é um cara apaixonado até hoje por rodeio, tinha tropa de cavalo só por brincadeira por “hobbye” e em oitenta e nove eu peguei o microfone, foi a primeira vez lá a tardezinha umas quatro horas da tarde e que me passaram o microfone e eu comecei a falar lá umas asneiras lá e hoje virou profissão.

J.M. – Como você vê o rodeio hoje?

A.C. – Rodeio tende... tende a melhorar cada ano que passa tende a melhorar era um... antes era um evento que algumas pessoas, algumas marcas viam o rodeio como um... um negócio meio de andança né, peão tratar o pessoal mal ai as grandes marcas os próprios profissionais foram se modernizando foram melhorando, eu acho que o rodeio universitário nessa época minha que eu acabei de citar contribuiu muito para valorização do profissional, a melhoria educacional, entendeu a formação, a base a cultura é dos profissionais melhoraram muito eu acho que até o Brasil passou por isso né porque antigamente não é todo mundo que tinha uma cultura,, tinha a oportunidade de estudar, de se alfabetizar então acho que a evolução do Brasil a melhoria foi dando conta disso e aconteceu isso no rodeio também entendeu e... aí vieram as grandes marcas né cervejarias, automobilísticas empresas e eu sou o único cara por exemplo no rodeio no Brasil que tive duas marcas de cerveja a me patrocinar, sou o único cara no Brasil que tive é quatro marcas automobilísticas me patrocinando mais ninguém teve isso é marcas de roupa confecção eu tive uma empresa que ficou comigo dez anos que hoje tem mais de setenta anos de mercado mundial né, hoje eu tenho a minha própria coleção, assino uma coleção dentro da grife os Vaqueiros que é a minha coleção Almir Cambra, assino uma coleção de chapéu né que é lá de Marialva chapéu Eldorado Company eu tenho essa coleção minha com meu nome, assino uma coleção de botas é... tem a bota do Almir Cambra hoje então tudo mudou...né cresceu muito as empresas abriram o olho porque é um retorno de marketing, merchandising legal, porque você tem hoje aí... todo mundo fala... eu nunca somei não mas grandes festas no Brasil ostenta que é o maior público mais que o futebol. Entao ... é a gente fica contente né que esteja mesmo isso então assim estou muito feliz e que o rodeio vem se modernizando e eu acho que daqui para frente vai melhorar ainda mais.

J.M. - Almir qual a função do locutor de rodeio?

A.C. – Ele tem que... falar realmente o que está acontecendo ali em oito segundos, você tem que pensar rápido, tem que falar mais rápido do que você pensa as vezes, porque você tem que valorizar o touro, o cavalo e principalmente o peão e através desse... dessa maneira que você consegue fazer o seu nome se você tiver uma boa narrativa, uma dicção legal e bem

informado ao público o teu nome cresce e o rodeio fica bonito, o esporte tem que ser valorizado.

J.M. – Existe algum roteiro a ser seguido pelo locutor?

A.C. – é eu acho que é de cada um, eu por exemplo nunca treinei, não tenho roteiro a gente segue o roteiro de cronograma de abertura, que hora que vai um, que hora que vai outro mas eu acho que a hora que você entra ali dentro é a maneira o estilo e a particularidade de cada um de fazer acontecer de narrar e demonstrar isso.

J.M. E as técnicas utilizadas para animar o público?

A.C. – Ah eu uso muito música né, eu não sou aquele cara de ficar muito brincando eu uso muito o palhaço né eu brinco eu uso muito o palhaço uso muito ... procuro tocar é coisas ouvíveis coisas que fazem bem pro ouvido musicas com letras é boas e não difamando mulher principalmente eu procuro fazer um negócio bem bem aconchegante.

J.M. – Existe alguma preparação vocal?

A.C. Tem lógico, tem [palavra inaudível] o fundamental é o cara ter uma boa noite de sono, você tem que dormir bem entendeu... estou com vinte anos de estrada é vou completar quarenta anos de idade é o corpo não aguenta mais fazer o que você fazia a vinte anos atrás, baladas, e noite, e muita bebida isso num combina entendeu. O que combina é você ter uma boa noite de sono uma alimentação legal é tentar se cuidar fisicamente entendeu aeróbico exercício aeróbico é o que faz você ter o diafragma bem para narrar é eu não uso a garganta eu uso o diafragma uso a respiração então isso tudo conta ali dentro.

J.M. – Quais os riscos de sua profissão?

A.C. – eu acho que é o touro te pegar ali dentro, é, Deus me livre te dá um infarto, um derrame, alguma coisa que altere a pressão porque a tensão é grande a responsabilidade é grande e teu corpo muda muito, principalmente a pressão arterial.

J.M. – Você trabalha com uma equipe como funciona?

A.C. – Eu tenho hoje, só no rodeio mais quatro pessoas que fazem parte junto comigo dentro da arena né, eu tenho o técnico de som, tenho um DJ, tenho um auxiliar de pista e tenho um empresário que fica fazendo toda parte de assessoria externa.

J.M. – O seu auxiliar de pista faz o que?

A.C. – Ele é o cara hoje que leva as informações do evento para mim e as montaria que vão ser narradas na noite.

J.M. – O rodeio hoje para você é?

A.C. – Minha vida, minha vida meu sustento e responsável por tudo o que eu tenho hoje é porque eu vim de família humilde pobre e hoje a gente consegue ter uma vida organizada ninguém é milionário não.

J.M. – Almir você que já tem um bom tempo de estrada antes de 2001, 2002 o rodeio ainda não era regulamentado como esporte quais foram as grandes mudanças no rodeio antes desta data e os rodeios de hoje?

A.C. – Eu acho que foi a maneira com que as pessoas começaram a entender... as marcas começaram a valorizar isso que deu um “up” na, no negócio entendeu é foi fundamental a regulamentação.

J.M. você conheceu o saudoso Zé do Prato?

A.C. – Eu conheci o Zé do Prato e peguei na mão dele um vez, mas foi um dos cara que eu acho que mais ouvi ele assim, fitas k7, narração era bem fã dele.

J.M. – Gostaria que deixasse uma mensagem pra gente Almir.

A.C. – Eu acho que tudo que a gente hoje almeja na vida nós temos que batalhar ter fé em Deus, correr atrás e defender sempre o nome da gente, e é de suma importância ter critérios de uma boa educação e ser muito profissional para que as coisas possam é correr de uma maneira bem legal na vida nossa é ter fé em Deus principalmente.

(Colorado, 30 de março de 2014). Entrevista com locutor de rodeio profissional G.R. de O.

G.R. – Olá pessoal, meu nome é Gleidson Rodrigues locutor de rodeio já a vinte e dois anos de carreira e é uma satisfação imensa pode participar desta entrevista.

J.M. – Gleidson nome completo, idade, cidade de onde você veio.

G.R. – Gleidson José Rodrigues de Oliveira, quarenta e sete anos sou de Onair Minas Gerais.

J.M. – Gleidson, quando você começou, o que despertou o interesse pelo rodeio?

G.R. – Eu comecei em 1900 mais ou menos ali em 93 já começava a fazer uns rodeinhos na região de Brasília, eu trabalhava na Rádio Brasília, na verdade morava em Unaí Minas Gerais [palavra inaudível] quatrocentos e sessenta quilômetros de Brasília mas, depois eu fui trabalhar em rádio antes trabalhei fiz AM, fiz FM, trabalhei em algumas rádios Onair, João Pinheiro, me mudei para Brasília e fui trabalhar em duas emissoras em Brasília, nessas emissoras fui lá perto de um rodeio em Formosa é estava acontecendo a exposição de um amigo meu que se chama Jair Queiroz e ele colocava um som de linha ele me convidava, me contratava para eu gravar para os comerciais para ele e os anúncios e estava acontecendo um rodeio por lá, ia ter um rodeio amador na parte da tarde e eu pedi ao pessoal que me desse uma oportunidade para eu narrar eu fui. [palavra inaudível] de calça, sapato todo social e o pior [trecho inaudível] e eles falaram ó você tem jeito para a coisa, você pode se dedicar que da certo e naquele rodeio no rodeio profissional era até na época da novela Ana Raio e Zé Trovão estava o juiz Orides Edson Nascimento o Oridão e o Orides estava com a companhia de rodeio pequena ali na região de Brasília e eu pedi a ele que me desse uma oportunidade e ele falou ó eu quero que você venha aqui então nos rodeios aqui em torno de Brasília, como eu trabalhava nas rádios em Brasília, morava em Brasília eu comecei a aprender com o Orides e foi depois de alguns anos eu peguei um pouco de experiência e o pessoal começou a me contratar independente da companhia do Oridão e eu disse ao Orides, aí eu fui pedir é demissão da rádio e fui e me dediquei

exclusivamente ao rodeio. O Orides falou não vai seguir seu caminho e tal o pessoal ta te contratando e siga em frente e graças a Deus eu estou até hoje agradeço muito a Deus por esta oportunidade de estar no rodeio que através dele que eu consigo é dar uma condição melhor de vida para minha família para minha esposa para os meus filhos e ter um futuro melhor aí na velhice.

J.M. – Como você vê o rodeio hoje?

G.R. – Eu acho que o rodeio hoje é antigamente os caubóis de rodeio eles não se preocupavam muito com o seu corpo, não se preocupavam muito é em se cuidar, em se tornar uma coisa mais profissional, antigamente os caubóis bebiam muito para montar num cavalo é brigavam muito às vezes batiam muitas greves e hoje a coisa foi mudando e os caubóis foram se tornando é cada dia mais profissionais vieram novas safras esses caubóis hoje eles se cuidam, se preparam psicologicamente, fisicamente e os prêmios são muito bons até melhores que os de antigamente e hoje se tornou um meio de vida para o caubói de rodeio, como tem o futebol que se torna um meio de vida para os atletas, do futebol e o rodeio não é diferente alguns ganham muito, outros ganham pouco mas, acaba se tornando um meio de vida dentro do rodeio, as empresas passaram a ver que o rodeio se tornou uma coisa mais profissional eles começaram a colocar suas marcas dentro do rodeio grandes empresas. Os tropeiros tanto de touro como cavalo se preocuparam mais com os seus animais, as rédeas foram mudadas é hoje é as esporas são completamente diferentes não pode ser ponteagudas porque senão vem a ferir qualquer animal ou touro ou cavalo então existem regras tem o juiz de bretes que esses ficam olhando e analisando vê se o caubói de rodeio está dentro das regras, antigamente para por e apertar uma corda americana pegava até dois a três homens para fazer porque só um homem que pode apertar para não vir trazer nenhum desconforto para o animal. Veterinários hoje estão exigidos dentro da festa e está acompanhando então quer dizer que se profissionalizou muito e agente ficou muito feliz com isso é às vezes as pessoas fazem algumas críticas destrutivas do rodeio mas, são pessoas que às vezes não conhecem um bom rodeio um rodeio profissional que às vezes eles conhecem rodeio que as pessoas não olha como um lado profissional e não tem os mesmos cuidados que os rodeios profissionais, eu acho que existe também é em tudo existe os bons e os ruins, existe o policial corrupto, o padre pedófilo, existe o político mal político, então acho que isso também tem que aparece dentro do rodeio nós não podemos pagar pelo mal sabe então acho que isso a cada dia por se tornar profissionais e a gente cuida muito para que o rodeio possa melhorar a cada dia.

J.M. – E o locutor de rodeio, qual é a função dele, qual é a missão do locutor?

G.R. – O locutor de rodeio ele tem que vender emoções, somos vendedores de emoções eu acho que nós temos que passar alegria para o povo, passar carisma para o público fazer o povo tanto vibrar, tem duas emoções tanto na emoção de sorrir como na emoção de chorar também, mas um choro de emoção bom sabe e o rodeio precisa disso e não esquecer do caubói que é a estrela maior e os animais eu acho que nós temos condições de fazer o povo brincar, o povo cantar se divertir e ao mesmo tempo passar toda a informação para os caubóis não podemos jamais, talvez algumas pessoas em alguns campeonatos querem é fazer o rodeio se tornar uma coisa muito apática, mas

graças a Deus nós não estamos deixando, porque o locutor para fazer a coisa mais feliz também.

J.M. – Quais os riscos que o locutor corre dentro das arenas?

G.R. - O locutor corre um risco porque trabalha dentro da arena, ele pode ser atropelado por um cavalo, como pode ser pego também por um touro, eu por exemplo já três vezes fui, eu tive problema com touro fiquei no hospital, cavalos foram duas vezes cavalo passou por cima e me bateu, mas isso acontece com todos nós que estamos dentro da arena, mas não deixa de ser um risco para todos nós que estamos dentro da arena estamos com risco a isso, então nós vamos pegando a experiência a cada dia só da gente vê a maneira que o touro olha ou da maneira que o cavalo é que a gente vai aprendendo e vai vendo que vai para cima, então a gente passa a ter mais cuidado, porque aquela pessoa que tem cuidado é como o motorista de carro toda vez que ele tem cuidado ele dirige com segurança e aqui são nós os locutores e dentro [palavra inaudível] da arena por segurança para não acontecer nada com o animal.

J.M. – Como você trabalha com o público, como você consegue a resposta do público, através de brincadeiras, você cria, como você faz esta dinâmica?

G.R. – Olha eu gosto muito de criar, minhas coreografias, os versos, as maneiras de fazer é criar é acho que o simples se torna grande, você não precisa de enfeitar muito você fazer coisa simples que venha cativar o público e ele vem a entender o que a sua mensagem que você está passando, porque não adianta nada você tentar fazer uma coisa para o público e eles não entenderem nada daquilo que você está fazendo, então o locutor tem que ter calma, segurança tem que ter tranquilidade e alegria, saber muito bem conduzir, porque quando nós estamos com o microfone quando nós falamos uma coisa errada não tem jeito de voltar atrás e as vezes quando você tenta consertar pior fica, então você tem que a cada dia se profissionalizar, cuidar ouvir as críticas as críticas construtivas as que nos faz crescer a cada dia nós profissionais são as críticas construtivas, as destrutivas entra por um ouvido e sai pelo outro, mas as construtivas nós temos que ouvir porque sempre ela é bom às vezes nós estamos cometendo erro e nem estamos vendo que aquilo está sendo um erro e quando alguém chega e nos fala e nos mostra que esta errado isso é bom, acho que e também o dom NE se você não tiver o dom que Deus lhe deu e agradecer, nós somos vendedores de emoção e como Deus nos dá o dom da comunicação nós temos que passar coisas boas para as pessoas não coisas ruins e as pessoas sugam aquilo que nós estamos passando elas saem de suas casas hoje o mundo está repleto de coisas boas, mas repleta de coisas ruins também, então acho que nós temos que passar coisas para as pessoas para voltarem para suas casas em paz, em harmonia passar boas mensagens isso que é um bom locutor, um bom profissional.

J.M. – E o locutor Gleidson trabalha sozinho, como funciona essa dinâmica do locutor?

G.R. – Então, aqui por exemplo nós somos quatro profissionais e mais dois profissionais nos comentários e mais um profissional como locutor comercial. São divididos é quarenta touros, por exemplo que teve aqui, dois locutores dividi aqui quarenta touros, vinte para cada, quarenta cavalos, dois locutores dividem vinte e vinte e vai sempre dividindo as montarias entre os locutores, então a dinâmica melhor do locutor não suga tanto o locutor, porque quando

ele vai narrar sozinho é você corre risco nós somos seres humanos podemos ter um problema de garganta de uma rouquidão é acontecer alguma coisa com a gente com um animal, então acho que é sempre bom ter vários profissionais e a festa se torna melhor com vários profissionais e cada profissional quer mostrar o melhor de si, então quando tem vários profissionais cada um quer uma condição melhor de si, então a festa fica melhor e mais profissional.

J.M. – É feito algum trabalho com a voz Gleidson?

G.R. – Sim acho que todos nós temos que esquentar a voz fazer um trabalho é procurar uma fonoaudióloga trabalhar sempre, eu por exemplo eu gosto de dormir cedo eu acabo a minha parte vou para o hotel [trecho inaudível] não gosto de ficar não bebo nada de álcool, não fumo sabe porque você é um profissional você é contratado, a partir do momento independente que fez a festa quando você vem para um rodeio, você passa a ser funcionário daquela comissão que te contratou e você tem que ser profissional não é diferente de qualquer um que vai trabalhar num banco, num escritório ou você ser um advogado ou qualquer outro nós temos que se tronar profissionais a cada dia e nos cuidar, então eu acho que o cuidado da voz é nossa enxada é nosso ganha pão a gente tem que cuidar a cada dia, mesmo se cuidando às vezes eu fico rouco ou por ser alguma coisa que, ou poeira é que aconteceu, mas mesmo assim a gente tem que estar sempre cuidando.

J.M. – Gleidson você faz algum trabalho físico, algum exercício físico para manter?

G.R. – Eu estava fazendo muito aí aconteceu um problema no pé aí tive que parar e tive um aumento de peso muito grande por ter parado, mas sempre estou correndo, pulando corda, bicicleta porque os exercícios aeróbicos eles são muito bons para nós locutores de rodeio porque nós trabalhamos com voz e respiração, quando você está muito bem preparado é fisicamente e faz um trabalho de corrida, de pular corda e de andar de bicicleta a sua respiração se torna melhor e você não força tanto a voz, mas quando estamos mal preparados nós forçamos muito mais a voz, então isso é todos nós profissionais de rodeio, principalmente o peão, o locutor de rodeio tem que se preparar e se cuidar, agora eu melhorei, voltei a correr, pular corda a andar de bicicleta, já estou perdendo peso porque estava me atrapalhando muito é acima do peso tudo aquilo que você está acima do peso te atrapalha você só aumenta o trabalho.

J.M. – Gleidson, um pouquinho do seu currículo.

G.R. – Meu nome é Gleidson Rodrigues, eu fui locutor de rádio trabalhei em rádio treze anos, trabalhei nas rádios, comecei em Unaí, Minas Gerais na rádio Veredas AM, depois fui para a rádio Veredas FM fui transferido para João Pinheiro onde o pessoal me convidou para eu trabalhar e fui para a rádio Veredas FM, para a rádio Veredas AM de lá eu fui para Brasília trabalhei na rádio Atividade FM uma ótima rádio de Brasília e também na rádio Globo, depois da rádio Globo fui para a CBN aí foi onde eu pedi é eu fui cubrir férias na CBN e também na rádio Globo, mesmo eu trabalhando em duas rádios ao mesmo tempo e depois eu pedi para eu sair e me dedicar ao rodeio onde o rodeio me deu oportunidade, trabalhei em vários segmentos e tal, e no mundo da comunicação é o mundo da comunicação é muito bom você passa a amar aquilo que você faz e não tem nada melhor do que você fazer o que você gosta

e ainda ganhar por isso né receber por isso, então agradeço muito a Deus por isso sempre.

J.M. – Gleidson Rodrigues locutor profissional de rodeio e dentro do rodeio Gleidson, o currículo dentro do rodeio?

G.R. – Olha dentro do rodeio eu estava até ali contando agora que eu estava saindo que eu fiz as melhores festas de rodeios, as melhores e faltava aqui Colorado, às vezes o pessoal de Colorado ligou alguns anos atrás, mas não dava certo por motivo de agenda ou já tinha fechado, mas aí esse ano agora dos quarenta anos deu certo para eu vir para Colorado e trabalhei e trabalho nos maiores rodeios do Brasil, três vezes o melhor locutor de rodeio é eleito pelo troféu Arena de Ouro é também ganhei um prêmio em Barretos como [palavra inaudível] também como locutor de Barretos e também reconhecimento né dos caubóis, do público, das comissões organizadoras, nada melhor do que o reconhecimento das pessoas que te contratam e das pessoas que te admiram que é o público que é muito bom então nós temos que cuidar cada dia né porque às vezes você ganha um prêmio ou porque você ganhou um ou dois, vários prêmios que você vai relaxar e vai achar que você é o melhor, então você não é o melhor, acho que não existe isso de você pensar dessa maneira, da um trabalho que a cada dia você tem que é se cuidar né, porque senão vai vir outro e vai se destacar e vai tomar o seu lugar, então acho que o Brasil tem vários e vários talentos na locução de rodeio e vários locutores que estão surgindo, daqui um tempo estou parando, então acho que o Brasil tem muitos talentos e isso é muito bom.

(Colorado, 31 de março de 2012). Entrevista com locutor de rodeio profissional D.T.

J.M. – Estou aqui com Daniel, Daniel seu nome completo por favor?

D.T. – Daniel Laris dos Santos, Daniel Tibiriçá locutor de rodeio vinte e nove anos de idade maior rodeio do estado do Paraná com esta figuraça aqui retratando aqui este termo maravilhoso que é o esporte rodeio.

J.M. – Daniel faz quanto tempo que atua como locutor de rodeio?

D.T. – Cerca de profissionalmente este mês de março agora dia quinze de março é cerca de cinco anos vivendo deste esporte graças a Deus em uma crescente fortificando nosso trabalho buscando melhoria, buscando profissionalismo, seriedade graças a Deus quatro anos consecutivos aqui em Colorado nas demais grandes festas do Brasil também, com muitos patrocinadores graças a Deus incentivando também nosso trabalho e nossa pessoa e é isso o rodeio é um esporte que envolve muitas coisas através da fé, emoção, sentimento ééé entre animais melhoramento genético, bons tratos aos animais então tem muita gente as vezes que critica tanto é saúde física o trabalho dos atletas, hoje atleta também os peões grandes patrocinadores grandes empresas um marketing muito grande esse e a emoção que não pode faltar nunca no rodeio.

J.M. – Daniel em se tratando da sua profissão locutor de rodeio você é responsável por transmitir toda emoção de dentro das arenas para o público o que você sente quando entra dentro da arena?

D.T. – É imprescindível perdão é imprescindível é um momento maior é uma alegria muito grande é no caso você representar ali as pessoas os bastidores os peões os tropeiros tudo que faz parte porque a voz do locutor ele não é apenas a minha pessoa Daniel Tibiriçá minha voz é representada no momento que estou empunhando o microfone de tudo é um círculo que está ali é um amplificador que manda para um amplificador que é o coração e você transmite através da voz é o que eu penso... sobre mais ou menos assim.

J.M. – Você é um animador das pistas de rodeio por todo o Brasil quais são as qualificações ou o que precisa para se tornar um locutor hoje?

D.T. – Cara tem que ter muita fé em Deus tem que ter...Deus também tem que colocar aí você tem que contar com a voz que de conta do serviço aí que dê conta do recado uma voz do timbre que consiga satisfazer este mercado que é muito hoje concorrido a concorrência ela é muito grande acho que em qualquer tipo de área de mercado hoje né profissionalmente você tem que se desdobrar sempre estar se atualizando para você não ficar para trás pra você não retroceder no mercado e enfim ter muita fé se preservar [frase naudível] e ter seriedade no que faz você tem que encarar como uma profissão, encarar como sua sobrevivência que é o meu caso e aí daí então você planta essa sementinha e vai colhendo os frutos com o tempo.

J.M. – Existe algum preparo Daniel que você precisa ter para exercer a sua profissão?

D.T. – Com certeza você tem que se preparar muito procurar dormir bem, tomar bastante líquido, procurar um tratamento um trabalho as vezes um acompanhamento um acompanhante profissional no caso da área de fonoaudiologia uma fonoaudióloga um fonoaudiólogo que coloque é aí um ponto positivo para você tocar numa boa que é se cuidar saber preservar a garganta, fazer aquecimento vocal, fazer um determinado exame aí num determinado tempo para saber como é que anda as coisa cuidar da saúde né eu acho que quando você esta bem com a saúde de bem consigo mesmo e está focado no que você faz aí fica mais fácil.

J.M. – Como que você começou sua carreira Daniel?

D.T. – Eu sempre fui criado em fazendo com meus pais é eu tinha paixão de montar em touros na época desde a minha infância meu pai ele já fazia alguns touros de rodeio na época e já começou esta força esta vontade e montando em touros desde então depois já no período da faculdade recitando versos brincando fazendo gravações, sempre fui apaixonado por música, gosto muito de música é assim em termos mundial diversos aí ritmos conhecendo a música eu me apaixonei pela locução de rodeio e deu no que deu graças a Deus.

J.M. – Você precisa de alguma preparação física para agüentar o batidão do rodeio?

D.T. – Tem que ter né porque toda semana você está longe de casa então geralmente três, quatro, cinco dias a alientação as vezes é diferente muda de região para região aí vem aaaa acho que a maior preocupação que hoje é muito legal do ser humano que é cuidar da saúde né você ter né a naquela na

taxa do índice de colesterol é enfim é a gente tem que se cuidar tem que se preparar procurar ter um preparo físico legal para agüentar ter um ritmo legal de arena porque você corre muito você usa muito a respiração então você tem que se preparar com certeza.

J.M. – E me diz mais uma coisa em relação ao público qual que é a resposta do público para com o seu trabalho?

D.T. – É maravilhosa é linda eu costumo dizer que graças Deus Deus já realizou meu sonho eu sou uma pessoa assim que se eu chegar o dia de amanhã eu fala eu não to mais nisso eu realizei meu sonho Deus me ajudou muito me ajuda até hoje é nesses cinco anos aí que venho aprendendo todos os dias venho buscando novas parcerias para poder fazer um trabalho de qualidade melhor ainda mais a cada dia e aquele fica sempre isso porque ó ninguém é melhor do que ninguém todo mundo tem capacidade você tem que acreditar eu acho que na sua pessoa acredita na tua vontade você tem que persisti lutar porque nada é fácil você mesmo no momento que você sai do início para ter um auge uma carreira é nunca é fácil você ta sempre cobrado é você sempre sobre os olhares das pessoas que as vezes positivo ou negativo tão ali para te criticar e você tem que ta bem focado com Deus para ta preparado para isso eu acho começa daí.

J.M. – E quais são os riscos que você corre dentro da arena?

D.T. – É perigoso você está exposto aos animais aos touros bravos é você tem que ta atento né tem que ter um limite de tempo você tem que é sabe onde você tem que ta o lugar quando o touro ta pulando mas de uma certa forma não só o animal pode te pegar no caso mas não prejudica também o competidor na hora que ele ta se apresentando no animal é muito importante esse (não entendi) é assim muito extremo dentro da de todos os índices assim de uma cartilha que o locutor deve seguir no meu caso eu gosto muito de ta perto de animal de ta pulando perto vibrando com o peão então a gente tem que sabe para num num o locutor não pega também não prejudicar o companheiro.

J.M. – Existe algum curso de formação de locutor, algum trabalho específico na tua área?

D.T. – Hoje ta mais fácil tem alguns cursos sim com alguns profissionais renomados é no meio, mas eu acredito muito assim porque eu mesmo eu não procurei eu não fiz curso nenhum eu não fiz na época não tive acompanhamento nenhum foi mais na força na garra na vontade de unha esse sonho aí e tudo depois foi consequência até hoje é então eu acredito muito nisso eu acredito na positividade acredito num Deus maior e na amizade sincera porque sozinho a gente não faz nada.

J.M. – E como você vê o rodeio hoje?

D.T. – Rodeio é um esporte que cresce muito o rodeio hoje é da prêmios como dois milhões de reais no caso da Bhrama hoje ta oferecendo dentro do circuito da PBR da Brhama Super PBR fazemos parte também desse projeto e cresce muito você vê jovens hoje de dezenove e vinte anos que já ganha dois três milhões de reais na carreira montando em touro montando em cavalo é bonito para para as pessoas que valorizam a nossa cultura não deixa de lado a cultura do sertanejo do que é o Brasil da nossa desse foco maravilhoso dessa

cultura que se chama sertanejo as raízes das nossas origens respeita isso eu acho que é mais importante ainda e o rodeio é uma forma de ta demonstrando isso.

J.M. – Você como um animador sócio-cultural podemos dizer assim, qual é a sua missão perante o teu trabalho?

D.T. – Minha missão é procurar ser verdadeiro procurar ser verdadeiro na hora que fala em Deus procurar ser verdadeiro em fala em nossa senhora aparecida procurar ser verdadeiro em trans.. é mostrar uma emoção transparente de uma vibração verdadeira aí o moral da história acho que o homem ele tem que ser verdadeiro em tudo o que faz sabe desde o momento certo ou errado na vida procurar assumir o erro procurar assumir a culpa e vibra porque quando você vence um obstáculo passa uma barreira é você é uma é um sinal de que você cresce na tua vida como pessoa como ser humano enfim é gratificante demais.

(Colorado, 24 de março de 2013). Entrevista com locutor de rodeio profissional A. do V.

J.M. – Bom seu nome completo por favor.

A.V. – Meu nome é Adriano Martins de Oliveira, meu nome artístico é Adriano do Vale sou locutor a vinte e um anos há vinte anos sou locutor oficial da festa de Barretos hoje faço parte do circuito Brahma Brahma Super Bull de Rodeio faço em média trinta e sete quarenta festas de rodeio por ano to completando vinte anos de história agora em Barretos o rodeio Barretos que é o maior rodeio do Brasil então é uma satisfação ta aqui no Paraná o rodeio mudou muito de dez anos para cá o rodeio hoje é bem profissional hoje todo mundo esse negócio de (não entendi) não existe esse negócio de bebida de álcool os peões levam a sério como esporte tanto que a premiação nossa é maior premiação já dada em rodeio em touros que nós demos um milhão de reais para o campeão foi Edvaldo Ferreira que ta aqui e esse anos agora de dois mil e doze vamos dar dois milhões de reais em prêmios o rodeio é o esporte que mais cresce no Brasil e por isso tem muita gente querendo pegar carona no rodeio falar que a gente maltrata os animais não existe protetor mais dos animais igual os tropeiros os tropeiro são os verdadeiros protetores dos animais você viu o boi lá hoje que tiraram o sedendeiro o rapaz coçou o boi e é isso aí a minha vida resumi partir do mês de março sem estrada fico em casa sou um cara solteiro ainda fico em casa de segunda a quarta quinta-feira eu to na estrada já e eu acho muito gratificante o que eu faço.

J.M. – Adriano existe algum preparo específico para ser um locutor de rodeio?

A.V. – Existe um curso específico está no sangue eu lembro quando eu comecei eu imitava os locutores no banheiro de casa, mas ta no sangue não tem um preparo físico, existe a preparação de um fonoaudiólogo controle de respiração isso eu já fiz, mas específico um curso para você virar locutor de rodeio não existe.

J.M. – E você tem alguma preparação física para agüentar o teu trabalho dentro da arena?

A.V. – Tenho tenho a eu faço mais exercício aeróbico né agora com esse rodeio aqui é o segundo que eu faço agora no mês de março comecei a temporada agora, mas eu faço corro, ando de bicicleta, jogo bola, mas a preparação de voz é água bastante água as vezes pego uma maçã aqui na camionete e é isso aí.

J.M. – Certo e quais são os riscos que você sofre no seu trabalho?

A.V. – Eu sofro riscos o boi já passou em cima de mim só não pode marca dentro da pista que a gente tá perto do boi e a gente sofre riscos só que tem que ficar bem atento bem alerta para você o boi não te atropela, mas o boi já me atropelou aqui no Paraná em Maringá e me machucou estorou o ligamento do pé direito.

J.M. – Certo, Adriano você é um animador sócio-cultural dentro das arenas, qual é a função do locutor?

A.V. – O locutor é interagir com o público, mas não deixa de passar o nome da boiada o nome do tropeiro o nosso profissional do competidor fala o que ele ganhou fala o currículo dele e ser mais técnico e eu misturo muito essa técnica com com o lado de interagir com o público.

J.M. – E você tem algum planejamento, como é que você monta essa parte de animação, essa interação que você tem com o público?

A.V. – É muita sonoplastia música tudo o que toca eu toco tem música que eu não posso nem ouvir, mas o povo gosta hoje culturalmente falando nós somos muito fraco de música culturalmente falando é funk essas músicas mas não sou eu não toco para mim eu tenho que tocar para o público então eu toco nossa agora eu quero tcha eu quero tchu (risada) que coisa horrorosa mas eu tenho que toca o povo gosta.

J.M. – Você trabalha também com uma equipe de sonorização?

A.V. – Minha equipe eu tenho um sonoplasta tenho um acessor de pista nós somos em três.

J.M. – É o que compõe a equipe?

A.V. – A equipe.

J.M. – E como que o público te vê?

A.V. – Me vê como um cara animado tem festa que hoje vai ser difícil a festa que eu vou a gente não volta a gente volta em todas graças a Deus aqui no Colorado é o primeiro ano, mas o pessoal tá gostando bastante.

J.M. – Legal, bacana essa é a profissão de locutor de rodeio.

A.V. – Essa é a profissão do locutor de rodeio.

J.M. – Tá certo Adriano muito obrigado.. (deu stop no gravador)

A.V. - ...minha carreira foi como eu vi os outros locutores falando eu tive a oportunidade (não entendi) aí eu comecei tive a oportunidade em Barretos aí no segundo ano eu já passei para o rodeio profissional e de lá para cá não parei mais.

J.M. – Tem dessa de profissional e o não profissional?

A.V. – Tem tem hoje a gente (não entendi) graças a Deus.

J.M. – Certo. Muito Obrigado. Então tá jóia.

A.V. – Com humildade e perseverança a gente chega tudo lá.

(Londrina, 13 de abril de 2013). Entrevista com locutor de rodeio profissional R.V.

J.M. - Estamos aqui em Londrina com o locutor de rodeios Rafael vilela seus dados pra gente por gentileza

R.V. – Rafael Vilela locutor de rodeios a 19 anos locutor oficial do campeonato super Bull PBR

J.M. - Qual a sua função dentro das arenas?

R.V. – Bom sou locutor e locutor geralmente de uma forma geral tem todo envolvimento com o público e além de passar as informações do esporte então procuro mesclar tudo isso aí sem perder o foco do esporte eu gosto de passar todas informações de currículo de competidores de touros e tudo mais essas as informações que trazem a emoção para o público e passar também a alegria que o brasileiro é isso, qualquer esporte não só o rodeio existe um envolvimento muito grande do público no esporte brasileiro e o rodeio é mais diferente ainda porque o locutor esta dentro da arena envolvendo então é muito gostoso.

J.M. – E como é esta relação locutor com o público?

R.V. – Divino isso é maravilhoso principalmente aqui no estado do Paraná onde te uma aceitação muito boa as pessoas gostam demais do rodeio e há uma participação efetiva muito forte então isso aqui é uma energia muito delícia quando se esta com saudade de casa isso aqui mata qualquer saudade de casa é bom demais.

J.M.- Rafael a gente percebe o profissionalismo dentre os profissionais que hoje atuam no rodeio quais são os preparativos para se tornar um locutor hoje?

R.V. - Acho que o primordial é conhecer o esporte saber o que está falando porque isso é isso é a quer dizer o que tem para dar para o público no mínimo é a regra do esporte [palavra inaudível] são sequência né, preparação de voz, preparação de movimento do microfone como qualquer outra profissão você tem que estar preparado e eu me preparei a dezenove anos como falei, fiz vários cursos de juiz, fui para os Estados Unidos, fui ver como funcionava o rodeio de lá tenho muito envolvimento com os profissionais [palavra inaudível] muito dinamismo que eu faço lá dentro e daí é o dia a dia que vai dando a bagagem profissional lá dentro da arena e as técnicas que você utiliza é para lidar com o público é você que cria, são brincadeiras com uma equipe, um DJ a gente sempre tem uma procura saber o que da região o que rola mais sertanejo, rock seja o que for e a gente procura sempre está envolvendo e vai tocando e a galera vem atrás é o segredo das músicas o jogo das músicas e junto da galera e vai fazendo o conjunto fica super legal.

J.M. – Em se tratando, você é um profissional de dentro das arenas quais os riscos que a sua profissão tem?

R.V. – Bom, de acidente a gente já não tem muito mais hoje a gente tem um palco vamos dizer no centro da arena a gente chama de charqueije que é que nem dos EUA então nem mais perigo mais disso aí mas, quando o tropeiro fica dentro da arena no chão, tem o perigo do touro pegar mas, graças a Deus comigo nunca aconteceu mas é comum você ver.

J.M. – Existe alguma preparação física para agüentar as festas?

R.V. – Procuo fazer ginástica tenho um trabalho corporal de ioga para estar sendo preparado para narrar, beber bastante água e aí só chegar e estar pronta para encarar a galera.

J.M. Está jóia Rafael, muito obrigado viu.

R.V. – Obrigado eu.

APÊNDICE II

ENTREVISTAS COM SALVA VIDAS

(Colorado, 13 de março de 2012). Entrevista com salva vidas de rodeio profissional L.

J.M – Olá nós estamos aqui com o salva vidas Luciano

J.M. – Luciano da onde você é?

L. – [palavra inaudível] Paulista

J.M. – São Paulo

L. – São Paulo

J.M. Jóia faz quanto tempo que você está nesta profissão?

L. – Faz oito anos já que estou nesta profissão

J.M. – Me diz uma coisa Luciano qual sua função dentro do rodeio?

L. - Minha função é salvar os peões a hora que eles precisam da gente né no momento exato ali que eles cai só correndo perigo a gente ta ali sempre pra ajuda eles né tirá eles fora do perigo ali. Essa é a função nossa ali dentro ali.

J.M. – Legal! E quais são os principais riscos que vocês correm dentro da profissão?

L. Ah os risco que a gente corre é algum acidente uma quebradura, uma fratura exposta essas coisa que acontece com a gente que a gente ta sujeito a correr ali dentro ali devido a da o corpo da gente pa salva o peão né, no momento exato que precisa.

J.M. - Certo legal! E me diz uma coisa como os peões vêem os salva vida dentro das arenas hoje?

L. – Ah ele vê a primeiramente a Deus depois vê a gente ali dentro a gente passa confiança pra eles , a gente bate um papo ali no fundo do brete ali, o boi que respeito se o boi é brabo ou não, eles vem e conversam com a gente pra gente pode dá um sustento melhor pa eles ali pa pode salva eles ali dentro ali.

J.M. – E o trabalho de vocês em relação ao público, as pessoas que estão assistindo o rodeio eles vêem vocês também como parte do show né?

L. – Como parte do show, com certeza a gente ta ali pra atração na hora que a gente salva os peão eles gostam aplaudem a gente, é isso que é o importante pa gente né.

J.M. – Legal Luciano e me diz uma coisa você tem algum treinamento específico para exercer essa função de salva vidas?

L.- Tem durante quando a gente não ta no rodeio a gente ta na academia se preparando né, ali exercitando o corpo alongando essas coisa. Fazendo academia, porque ali dentro a gente exige muita a parte física da gente né essas coisa então a gente tem que ta preparado pra isso.

J.M. – Ah legal! E o que você sente na hora que você está dentro da arena?

L. - Ah pra mim é uma adrenalina né é o meu sonho é isso graças a Deus eu num sei explicar pro cê como eu sinto ali dentro é uma adrenalina emocionante pra mim.

J.M. – Legal e você trabalha sempre sozinho ou trabalha com mais alguém?

L. – Trabalha eu e meu parceito neguinho e o Popeye lá de Assis lá do estado de São Paulo também.

J.M. – Legal Luciano então a gente fica por aqui nós agradecemos a sua entrevista aqui pra nós está certo, muito obrigado um bom trabalho e até breve.

(Colorado, 13 de março de 2012). Entrevista com salva vidas de rodeio profissional Profeta, J. J. de O.

J.M. Bom estou aqui mais uma vez com o profeta o profeta que é salva vidas né. Qual o seu nome verdadeiro?

J.N – Jonas José de Oliveira Neto

J.M. – Jonas e você é de onde?

J.N. – Sou daqui mesmo de Colorado

J.M. – Colorado, bacana e a sua profissão é salva vidas?

J.N. – Salva vidas de rodeio

J.M. – Salva vidas de rodeio, e me diz uma coisa Jonas qual que é a sua função dentro das arenas?

J.N. – Olha minha função posso te dizer que hoje uma das mais arriscadas e a menos valorizada no rodeio brasileiro, no Brasil porque a gente quando o peão cai do boi a gente tem que ir pra cima tira, salva a vida do peão coloca na nossa no caso em risco é o que nossa profissão tem pra gente aí.

J.M. – Certo e me diz uma coisa, quais os riscos que vocês correm em seu trabalho?

J.N. – Se for colocar tudo mesmo acho que dá um livro bem bão, porque pra gente o peão tem proteção, usa colete, capacete, calça de couro, pra gente não a gente é só o colete e cara limpa, ai pode acontecer de levar um pisão na cabeça como já aconteceu com muitos salva vidas, levar uma chifrada, a gente está sujeito a tudo.

J.M. – Você faz algum preparo físico para encarar sua profissão?

J.N. – Tem que ter, então diariamente é na caminhada de segunda a sexta, daí dá uma seguradinha na comida, comer menos, aí na hora do rodeio dar um aquecimento pa num dá nada no corpo da gente porque se não ter preparação. E depois levar ... ter fé em Deus também que ele ajuda muito a gente também.

J.M. – E me diz uma coisa o que você sente na hora em que está dentro da arena?

J.N. – Olha... Eu amo. É um amor, é uma paixão o que eu faço eu faço com paixão eu gosto muito

J.M. – E o público como o público vê o salva vidas hoje?

J.N. – Hoje atualmente vê a gente como profissional salva vidas que antigamente via como palhaço salva vida então achavam que a gente tinha a função de fazer trapalhadas pros outros darem risada e a gente em cima do peão. Hoje não, hoje a gente é bem valorizado, não muito como deveria, ao público ta gente com a gente vendo que a gente ta trabalhando que a gente entra certo faz um trabalho em equipe bão, e o povo acompanha muito é demais.

J.M. – Faz quanto tempo que você está nesta profissão?

J.N. – Vai fazer quatro anos.

J.M. – De onde veio seu apelido?

J.N. – Olha veio de um rapaz aqui da cidade até chamado nego Elias uma loja country também, daí fomos num rodeio aí, e ele meu nome é bíblico Jonas, ele falou assim o Jonas XXX sua passagem na bíblia disse sei comecei falar falei do apocalipse falei de tudo mas não falei do meu nome aí ele falou você é um profeta de má fé mesmo hein daí dali pra cá até hoje graças a Deus o apelido pegou tem pegado aí bastante.

J.M. – Nós temos hoje dentro do rodeio temos o locutor que é um animador e o salva vidas você o considera como animador também ou não?

J.N. – Considero também, todo mundo que mexe com rodeio ...éeee tem fã eu tenho fã, locutor tem fã então a gente está ali para animar tem gente que senta na bancada pra ver a gente trabalhar, como tem gente que senta pra ver locutor e pra ver peão, então querendo ou não a gente está ali pra animar o povo.

J.M. – E hoje existe também a profissão do palhaço dentro das arenas?

J.N. – Tem o palhaço humorista também e na grande maioria das cidades aí os cara entra de cara pintada se virano setenta e fazendo o povo dar risada a

molecada, ou melhor o circo está saindo de circulação e está entrando o palhaço humorista no rodeio.

J.M. – Muito obrigado então ao salva vidas profeta, bom trabalho a você.

(Colorado, 13 de março de 2012). Entrevista com salva vidas de rodeio profissional Meio kilo – D. R. D.

J.M. - Bom pessoal estou aqui com o Meio Kilo um dos mais famosos se não o mais famoso salva vidas do Brasil. Meio kilo uma oportunidade estar aqui com você mais uma vez, eu gostaria de saber um pouquinho da sua história

J.M. - Como você se tornou salva vidas de rodeio?

M.K. – Venho de uma tradicional família circense meu pai tinha circo de tourada e... na década de oitenta por aí a gente fazia apresentação da tourada a gente fazia no rodeio na época não existia o rodeio de touros. E aqui em Colorado foi meu primeiro rodeio, só existia o rodeio de cavalo na época e a gente fazia o show da tourada aqui nesta arena aqui, eu e meus irmão éramos cinco irmãos o mesmo que a gente fazia no circo a gente fazia no rodeio. Aí o Sebastião Procópio que hoje é juiz aqui está aqui julgando, ele trouxe três touros que chegou dos EUA ele trouxe três touros foi a primeira vez que vi uma corda americana na minha vida. Aí ele viu a gente na tourada e chamou a gente para ajudar na montaria de touro que ia ser só apresentação. XXX sem entender. Nos EUA tem os salva vidas, vocês servem para ser salva vidas do rodeio, a gente nunca tinha sido salva vida a gente entrou para torear com a capa do toureiro ainda e a gente ficou trabalhando com os três touros para ele daqui de colorado ele levou o D’Jango embora que é meu irmão mais velho e o D’Jango foi o primeiro salva vidas de rodeio que existiu no Brasil parou agora se aposentou. Veio o D’Jango depois veio o Ringo mais novo que o D Jango, o Deve, o Praça eu não queria largar minha família minha mãe e meu pai no circo sozinhos. Quando a gente viu que o rodeio começou crescer, crescer, crescer aí eu vinha no rodeio de Colorado, era Jaguariúna, Novo Horizonte, Rio Preto e Barretos, mas eu vinha para o rodeio e voltava para o circo, fiquei mais uns cinco a seis anos no circo aí o rodeio foi crescendo e a gente foi crescendo junto né. Americana a gente participou do primeiro, Jaguariúna do primeiro, todos os grandes rodeios a gente foi participando até que a gente teve que parar o circo para continuar no rodeio e foi os cinco irmãos salva vidas. E hoje só está eu aposentou todo mundo o Dedi o Praça faleceram, o D’Jango é juiz hoje, o Ringo é diretor de Rodeio e hoje eu estou com o filho de D’Jango e tenho o prazer de dizer que sou o salva vidas mais velho que está no Rodeio Brasileiro hoje.

J.M. – Qual a função do salva vidas dentro das arenas hj?

M.K. – A função do salva vidas é defender o peão de qualquer maneira, do jeito que der entendeu não importa a maneira, você pulando por cima do boi, você toreado o boi, do jeito que der, o intuito é salvar o peão, mesmo que o salva vida sabe que as vezes vai tomar uma pancada vai se machucar mas você está ali para isso, o peão depende de você tem peão que cai de pé e sai

correndo, mas tem peão que cai desmaiado, cai zozzo e o salva vidas tem que fazer de tudo para salvar o competidor.

J.M. - Meio Kilo para exercer esta profissão você precisa de uma preparação específica?

M.K. Pra você ver hoje o pessoal que está escutando não vai me ver mas estou com cinquenta anos nunca nem experimentei nada de álcool, cerveja, licor, não fumo, não tenho vício nenhum corro quatorze quilômetros todos os dias, jogo bola segunda, terça e quarta, me preparo muito fisicamente, lutei boxe oito anos, lutei karate doze anos então atividade física é importante e você tem que estar preparado fisicamente e a cabeça muito boa é você tá perturbado brigado com a família e você entrar lá dentro perturbado desconcentra então você tem que estar bem fisicamente espiritualmente e muito bem com Deus.

J.M. – Vocês como salva vidas atuando dentro da arena como que o público vê vocês hoje?

M.K. – Veja bem principalmente os grandes rodeios tem telão Barretos tem um jugostrom lá que é enorme, hoje você vê um rodeio como este de colorado terminou uma montaria repete três a quatro vezes a montaria se você se omitir e não for no touro está todo mundo vendo então é complicado e o público já fica esperando você ir a hora que o peão desce independente se o touro é manso ou se for bravo com certeza ele vai ficar olhando o salva vidas e vê com bons olhos pra nós isso é importante mais dobra a responsabilidade.

J.M. – E você como salva vidas se considera também um animador?

M.K. – Não tem como antigamente quando a gente começou a gente pintava o rosto mas passando o tempo a gente foi vendo que o negócio era sério não tinha como você trabalhar de salva vidas e agradar o público não tem como fazer as duas coisas, a gente fazia o show da tourada como eu disse no começo pra você, aí tudo bem com a cara pintada tinha que ter o toureiro e o animador aí fazendo a tourada dava para animar o público mas de salva vidas não tem como.

J.M. – Como é o trabalho de vocês com o locutor existe alguma ligação?

M.K. – Não é espontâneo do locutor está te incentivando está te elogiando isso aí até na montaria ele... o peão está em cima do touro ele te incentiva também nois também ele tá incentivando toda hora é até bom quando ele grita entendeu a gente escuta dá pra ouvir todo mundo o mais importante de tudo é a sintonia dos dois salva vidas eu trabalhei trinta anos com meu irmão hoje eu estou com o filho dele faz três anos, já a três anos já dá pra pegar muita coisa entendeu mas aqui to... a gente está revezando com os meninos aí é complicado hoje eu vou trabalhar com um rapaz que eu nunca trabalhei é mais complicado entendeu.

J.M. Nós temos relatos de J' Jango e Meio Kilo os mais famosos salva vidas do Brasil?

M.K. Por ser irmão a confiança é outra entendeu a gente sabe, a gente sabia quando um vai ródia, quando ia tá do meu lado quando não ia entendeu era uma sintonia quase que perfeita então deu certo mesmo.

J.M. Quanto tempo vocês trabalharam juntos?

M.K. Trinta anos

J.M. Trinta anos faz trinta anos que você é salva vidas de rodeio?

M.K. Faz trinta anos. Esse ano vai fazer vinte e oito anos que eu trabalho em Barretos aqui em Colorado faz trinta anos sou mais velho de Colorado do que de Barretos.

J.M. – O que você sente quando você entra dentro da arena?

M.K. – Cada rodeio é um rodeio né não que você vai trabalhar menos num rodeio pequeno entendeu mas a adrenalina de trabalhar num rodeio deste tamanho igual Barretos vinte e oito anos que eu trabalho em Barretos aí toda vez que você desce naquela arena é uma sensação nossa enorme entendeu você vê lá trinta mil pessoas te assistindo em Colorado quinze vinte mil pessoas te assistindo cada dia que se entra é bem emocionante [palavra inaudível] eu tenho cinquenta anos é complicado trabalhar em quarenta, quarenta e cinco touros entendeu você tem que estar muito bem concentrado e gostar muito tem que gostar bastante.

J.M. – Nós falamos aqui pessoal com meio kilo um dos ícones do rodeio nacional na profissão de salva vidas. Meio kilo vocês tem fãs agora? Salva vidas agora tem fãs?

M.K. – Tem graças a Deus tem um pessoal que admira muito a gente, escreve pra gente, telefona pra gente bastante assim uma vez por mês eu recebo uma média de quinze a dezoito cartas por mês isso é bom incentiva bastante a gente.

J.M. - De onde vem estas cartas geralmente?

M.K. – Ah do Brasil inteiro eu trabalho no Brasil inteiro esses dias eu estava em Rondonia, Gi Paraná, Rio Grande eu trabalho no Brasil inteiro já tive a oportunidade de ir para Las Vegas então vem do Brasil inteiro.

J.M. Qual a média de rodeio por mês?

M.K. Se eu fala... fala a verdade pra você eu nunca parei para contar, antigamente a gente parava dezembro, janeiro e fevereiro o rodeio parava mesmo, eu eu trabalho três semanas em dezembro duas em janeiro e duas em fevereiro e não para o restante do ano.

J.M. – Todo final de semana em um lugar diferente?

M.K. – Graças a Deus eu trabalho direto, direto dereto a semana que vem nós vamos parar porque é semana santa mas depois tem Pirapozinho, Palmital não para.

J.M. – Para se tornar um salva vidas hoje é necessário o que?

M.K. – Hoje tem uma molecada de fazendo que mexe com boi que entra dentro da arena já entra salva vidas, mas não é fácil não você tem que pega procurar uma pessoa que dá curso de salva vida o D’Jango da curso de salva vidas tem uns amigos mais velho de rodeio também que dá curso de salva vida a melhor coisa que tem é procurar um profissional e fazer esses cursos.

J.M. – E a profissão de salva vidas hoje já é uma profissão regulamentada?

M.K. O rodeio virou profissão né então se ta se ta no meio o rodeio assim não virou esporte mais já virou profissão então hoje está regulamentado.

J.M. – E vocês tem todo um aparato por de trás?

M.K.- É graças a Deus a gente tem, tem uma cooperativa os competidores é a gente fundou ela em Barretos e fui presidente oito anos dessa cooperativa hoje graças a Deus em vista do que era antes o rodeio melhorou muito é profissionalmente melhorou muito.

(Colorado, 13 de março de 2012). Entrevista com salva vidas de rodeio profissional R.R.N.D.

J.M. -Estamos aqui com mais um profissional do rodeio seu nome completo?

R.D.- Ramon Rodrigues Nantes Damasceno

J.M. - Ramon filho do famoso D'Jango.

R.D.- Filho do D'Jangão

J.M. - Faz quanto tempo que está neste ramo?

R.D.- A eu estou a mais ou menos sete anos.

J.M. – Qual a sua idade?

R.D. – Eu tenho vinte e dois

J.M. – Vinte e dois

R.D. – Na verdade comecei com treze para quatorze mais trabalhar mesmo eu comecei com quinze né aí de lá pra cá que foi engrenando aqui em Colorado eu comecei com dezesseis eu trabalhei em Barretos, Jaguariúna no mesmo ano.

J.M. – O que te inspirou a ser salva vida?

R.D – A família mesmo o pai o meio kilo que é meu tio também não tem como ficar fora não.

J.M. – Para se tornar um salva vida o que é preciso?

R.D – Então é complicado muitos falam de corpo se fosse assim eu estava fora porque eu não tenho corpo próprio para ser salva vidas, eu acho que tem que ter primeiro de tudo a raça né que é complicado a coragem, técnica lógico a gente ganha com a experiência né por aí vai e coração de salva vidas sabe que o boi vai pega você mas você te que ir para salvar o peão.

J.M. – A tua função é?

R.D. – É salva vidas deixar o boi pegar eu para não pegar o peão.

J.M. – E o salva vidas só tem no rodeio em Touros?

R.D. – Só no rodeio em touros no rodeio de cavalos é chamado de madrinheiros né que é o rapaz em cima do cavalo também que é mais para pegar o peão de cima do cavalo do que segurar o cavalo.

J.M. – E você precisa fazer alguma preparação, tem algum preparativo para ser salva vidas/

R.D. – Hoje em dia existe muitos cursos para ser salva vidas mas que nem eu que comecei com meu pai a família toda já era eu não tive esse curso, o curso meu já foi dentro do rodeio e preparação é de corpo né a cabeça tem que estar muito boa daí vai bem por aí mesmo.

J.M. – Como a público vê a profissão de salva vidas de vocês?

R.D. – Então tem os dois lados né tem o povo que entende do rodeio que vê mesmo como anjos da arena né e tem aqueles que não entende que vê fica torcendo até para o boi pegar a gente. Deus o livre e guarde você pular lá dentro deixa o boi pegar você eles dão risada ainda te xingam de palhaço ainda e fala que você é bobo, fazer o que né é os leigos né que acontecem isso.

J.M. – Hoje vocês não trabalham mais com o rosto pintado?

R.D. – Não porque o rodeio hoje em dia o rodeio sempre foi espelho dos Estados Unidos na verdade não tem o que falar né o rodeio no Brasil é espelho dos Estados Unidos lá tem trezentos anos de rodeio eu acho aqui tem setenta sessenta e poucos anos quando começou aqui o meu pai foi o primeiro salva vidas o rodeio de touro tem trinta e cinco anos eu acho mais ou menos por aí. Quando começou a ter o rodeio de touro aqui meu pai ... o Tião Procópio veio e contou pra ele como é que era daí ele começou a trabalhar do mesmo jeito que era de lá aí o povo de lá parou de trabalhar com o rosto pintado começou a trocar o tipo de roupa aqui parou também.

J.M. – Quais são os tipos de roupas que vocês usam?

R.D. – Hoje em dia é minha proteção né que é o short de proteção, o colete, a caneleira aí tipo de roupa normal camisa mais larga um short parecido bastante com um jogador de basquete com a blusa de manga comprida mais ou menos por aí mesmo.

J.M.- O teu pai foi o primeiro salva vidas do Brasil?

R.D. – O primeiro salva vidas do Brasil foi ele começou... a primeira vez que teve rodeio foi aqui em Colorado mesmo Tião Procópio trouxe cinco bois para fazer uma apresentação.

J.M. - Primeiro rodeio de touros do Brasil?

R.D. – É com a corda americana essas coisa tudo foi aqui e naquela épocas eles iam nos rodeios para fazer apresentação de touradas ele o meio kilo aí nisso eles começaram... chamaram eles para ficar ali ajudando aí eles começo, dali ele já foi embora e começou a fazer rodeio e está até hoje aí lastro um monte de gente agora.

J.M. – Tião Procópio quem é?

R.D. – Tião Procópio hoje ele é juiz na época ele era peão ele foi para os Estados Unidos aprendeu lá e trouxe para cá ele é um dos precursores do rodeio ele está até julgando aí é o precursor mesmo do rodeio em touro no Brasil no estilo americano que é com a corda americana antes eles usavam aquele sorfete que fala você sabe era uma alça de ferro segurava com as duas mãos aí ele trouxe a corda americana pra cá que está até hoje aí.

J.M. – O que você sente quando entra dentro da arena?

R.D. - Adrenalina em primeiro lugar né fala que não sente medo se sente medo mesmo mas hoje em dia... com o tempo você vai pegando confiança vai perdendo até o medo a adrenalina vai se tornando uma realidade tipo você está todo dia ali entendeu você acostuma demais vira rotina aquilo ali pra você então você acostuma mesmo e mesmo assim sente aquela adrenalina né praticamente isso mesmo.

J.M. – Você tem algum apelido dentro da arena?

R.D. – Não é pelo nome mesmo Ramon mesmo.

J.M. – Ramon muito obrigado então, Ramon me diz uma coisa você já tem os fã's dentro do rodeio também?

R.D. – Assim com o tempo você vai conquistando né qui nem eu comecei muito cedo primeira vez que entrei dentro da arena mesmo não era profissional estava aprendendo ainda entrei com meu pai por gosto mesmo meu pai falava você quer ir então você vai eu tinha doze anos aquele ano eu continuei e tal fui indo nos rodeios que meu pai era contratado eu ia só para ficar do ladinho ali os boizinho mais manso ele deixava eu trabalhar aí de treze para quatorze anos eu quebrei duas costelas e uma clavícula e na época meu pai era separado da minha mãe eu morava com meu pai e minha mãe sempre queria que eu fosse morar com ela, ela foi na justiça entrou na justiça ia tomar a guarda minha do meu pai ou eu parava de trabalhar ou ela tomava a guarda minha do meu pai eu peguei e parei naquele ano aí fui para a fazenda, aí chegou na fazenda e nós começamos a fazer os boi de rodeio dentro da fazenda aí eu fazia só para mim estar trabalhando para não parar de mexer aí foi depois de uns tempo lá o boi pegou eu lá e me machucou bem sabe assim eu desmaiei fiquei dois dias desmaiado acordei só no terceiro dia aí ela viu que não tinha como mesmo ela pegou e deixou eu continuar trabalhando aí de quinze para dezesseis anos eu continuei de novo aí até hoje.

J.M. – Quais são as lesões mais comuns?

R.D. – As mais comuns de todo salva vidas tem é o joelho, não tem como joelho, ligamento, menisco essas coisa estoram costelas machuca bastante que nem eu tenho quatro costelas quebradas, tenho o joelho, a perna quebrada, os dois braços quebrados os dedos todo ano você quebra pelo menos uns três a quatro dedos pegando muito também na cabeça de boi né aí você tem também a cara quebrada o rosto quebrado o boi pisou no meu rosto e quebrou por aí vai ainda [palavra inaudível] porque eu sou novo ainda [risos] tem muito chão pela frente ainda.

(Colorado, 24 de março de 2013). Entrevista com salva vidas de rodeio profissional Gauchinho – L. T.

J.M - Boa noite estamos aqui com os nossos amigos salva vidas na festa de Rodeio de Colorado é isso aí, vamos falar agora com Lucas Teodoro data de nascimento 13/10/1987

J.M - Qual a função do salva vidas dentro do rodeio hoje?

L.T. - A função do salva vidas é estar dentro da arena para proteger o competidor não deixar que nada de mal aconteça com ele, nenhum acidente aconteça e estar atento a todo momento para fazer nosso trabalho.

J.M – E você considera esta profissão como uma profissão de risco?

L.T. Sim muito risco que a gente entra na arena e que a gente não sabe como que a gente vai sai, com certeza com Deus na frente a gente vai sair bem mas é uma profissão muito de risco porque no momento que o competidor cai do touro é a gente que entra e as vezes em algumas situações perigosas mas a gente está ali para não deixar que nada de mal aconteça.

J.M – Muito bem, Lucas quais são as características do profissional salva vidas hoje?

L.T. – Ah existe muitas características cada um tem o seu estilo de trabalhar, mas acredito que muita gente confunde salva vidas com palhaço. Hoje em e dia não tem mais isso aí o palhaço é aquele profissional que vai ali para animar a platéia para tar tirando aplausos, riso do público e a gente está ali para proteger o competidor. E tem que ter um preparo físico, tem que estar concentrado a todo momento dentro da arena, porque um segundo ali pode tirar a vida de um competidor ou até a da gente e machucar ele e tirar de um campeonato que está valendo muito dinheiro. Então tem que estar muito atento, muito preparado para estar dentro de uma arena.

J.M – Muito bem mediante isso daí quais os riscos que vocês correm dentro da arena?

L.T. – Corre o risco de um boi pegá, de um boi as vezes pisar, o risco é... tem muitos riscos que a gente corre mas a gente tamo eu já falei a gente tem que estar atento a todo momento para poder sair dali são e salvo do mesmo modo que a gente esta entrando.

J.M – Lucas fale um pouco da sua experiência como salva vidas?

L.T. Minha experiência comecei por uma brincadeira através de um colega que eu fiz amizade com ele e ele me convidou a entrar dentro da arena com ele entrei porque achei legal e estou aí até hoje faz 8 anos que trabalho como salva vidas hoje tenho uma experiência no final deste ano que passou 2012, esse ano agora que eu fui para os EUA que era um grande sonho de ir para lá me aperfeiçoar fazer alguns cursos melhorar minhas técnicas mas minhas experiências são boas até agora e eu não pretendo mais parar por aqui não ir mais além.

J.M – Lucas o que o rodeio representa para você hoje?

L.T. O rodeio é minha vida o rodeio é onde eu passo a maioria do meu tempo talvez até mais tempo no rodeio do que com minha família porque os rodeios são 4 dias por semana eu chego na minha casa na segunda, terça, quarta, na quinta já tenho que viajar para o rodeio. Então, o rodeio pra mim é tudo é minha vida.

J.M – O que você sente qual sua emoção quando entra dentro da arena?

L.T. – Eu sinto nervosismo sinto uma adrenalina muito grande e todo rodeio eu fico nervoso na hora de entrar na arena e ... o que eu já falei quando não sentir

mais esse nervosismo essa adrenalina eu paro porque já não tem mais graça nenhuma, e porque isso aí é o respeito que a gente tem pelo animal que tem que ter que ele é muito forte muito grande então sinto uma adrenalina muito boa.

J.M – Existe alguma preparação física, vocês se preparam fisicamente para atuar nesta profissão?

L.T. – Eu preparo eu faço academia, semana inteira quando estou em casa as vezes no rodeio procuro achar uma academia na cidade para mim estar me preparando porque você tem que ter um preparo físico ali dentro porque são 40 montarias por noite então se ta preparado e está com o corpo forte também as vezes porque a gente toma alguma pancada e você estando com o corpo preparado é mais difícil de se machucar.

J.M – Como você se sente ao final de cada rodeio?

L.T. – Me sinto abençoado de estar saindo e voltando para minha casa bem com saúde todos os competidores bem também eu me sinto suave e agradeço a Deus a todo momento.

J.M – E hoje você faz parte de uma empresa um circuito muito famoso gostaria que comentasse um pouquinho.

L.T. – Sim hoje eu faço parte do time de salva vidas da PBR Brasil que é o melhor campeonato do Brasil e mundial também que a PBR é o maior campeonato mundial de montarias em touro, para mim é uma realização pessoal e profissional estar dentro de um campeonato como este que cada vez só tende a crescer e eu quero estar crescendo junto com ele.

J.M – Ta ok algum apelido ou é Lucas mesmo?

L.T. – Não eu tenho um apelido que é gauchinho.

(Colorado, 24 de março de 2013). Entrevista com salva vidas de rodeio profissional Di Fly – P. R. A. da C.

J.M. – Olá estamos de volta aqui com o Paulo Ricardo Araújo da Cruz ele é salva vidas mais conhecido como Di fly salva vidas também e pertence a empresa PBR Brasil.

J.M – Muito bem Paulo pra você qual a função do salva-vidas hoje?

P.C. – Hoje dentro do rodeio a função do salva-vidas é proteger. Às vezes acontece acidente tanto acidente não só com a gente como os competidores também por isso a gente tem que estar preparado para qualquer coisa o que der e vier.

J.M – Quais as características de um profissional salva vidas de rodeio?

P.C. – Cada um tem sua função hoje dentro do rodeio é que nem eu falei é proteger o próximo e tipo assim faz igual ao gauchinho falou às vezes as pessoas tratam com se fosse um palhaço falam oh palhaço a gente já aperfeiçoou muito a gente já pegou muitos cursos e a gente cada dia que passa cada dia a gente trabalha a gente aperfeiçoa mais assim o nosso jeito de

viver hoje me ... hoje eu levo salva vidas como minha profissão eu vivo do rodeio.

J.M. – Quais são os riscos que correm dentro da arena?

P.C. – A todo momento a gente só sabe a hora que vai mais não sabe a hora que vem a gente se apegamos muito com Deus que ... é um serviço muito arriscado que eu decidi para mim mesmo conceitua e leva a diante, vez em quando a gente vai e volta machucado mesmo assim com lesões tem que continuar.

J.M. – Quais são os principais riscos?

P.C. – O risco é todo momento machuca, lesão no joelho, isso aí sempre tem, o boi dá uma chifrada.

J.M. – Há quantos anos atua como salva vidas?

P.C. – Faz 5 anos comecei desde os 14, 15 anos nos comecei na fazenda ver os meninos treinando em boi montando o pessoal falava Di Fly entra lá e aí fui aperfeiçoando fui gostando a cada dia mais fui buscando daí fui fazer um curso com Paulo Crimber e acabei passando e eles me chamaram para vir para PBR trabalhei em dois rodeios deles tipo tava agenda de votação os competidores votaram em mim, foi votação para entrar na PBR os competidores que votam não é eles que contratam aí depois que você for em us 5, 6 eventos eles te contratam você fica para eles você não pode mais ir para outros rodeios a não se o deles.

J.M. – O que o rodeio representa para você hoje?

P.C. – A minha vida né. Tudo o que eu tenho hoje é do rodeio e... são poucas coisas mas tudo o que tenho é do rodeio. Tudo que eu usufruo da minha vida hoje foi do rodeio e ... é isso aí é a vida que eu levo.

J.M. – Como essa profissão de salva vidas influencia diretamente em sua vida?

P.C. – A é dentro de mim mesmo minha família me apóia e meus pensamentos é proteger o próximo.

J.M. – Qual a sensação quando entra dentro da arena?

P.C. – Adrenalina vai a mil, não tem como nem explicar porque não sei se é medo ou se é adrenalina sei que o coração bate muito forte doido para começar e quando começa não quero parar eu quero ir até o fim. É isso aí.

J.M. – Existe alguma preparação física para vocês atuarem?

P.C. – Não só mental, preparação física não só mental que a pressão psicológica imensa, que se o peão machuca qualquer salva vidas a culpa é dele, ele está ali dentro da arena para proteger o próximo então se o peão chega a machucar um ... não existe salva vidas ali dentro da arena então não precisava que a gente tem que estar ali pro que der e vier trabalhar dentro do coração mesmo é aquela coisa bem amorosa não só com nós com os competidores e com os animais sem machucar eles.

J.M. – E o que você sente quando finaliza o rodeio ao término do seu trabalho?

P.C. – Ah quero que volta lá no começo de novo no primeiro dia é uma tristeza muito grande que não tem como né o trem começa a ficar gostoso no domingo vendo aquelas melhores montarias e se vendo que esta chegando o fim e não quer que acabe fica nervoso para começar mas não quer que acabe uma adrenalina muito gostosa.

ENTREVISTA COM PALHAÇO ANIMADOR DE PISTA

(Colorado, 30 de março de 2014). Entrevista com palhaço animador de arena J. S. da S. a cargo do pesquisador Jean Cléverson Moraes.

J.S. – Olá meu nome é Juliano Sabino da Silva codinome palhaço Garoto Juca, eu sou da cidade de Posse Goiás, atualmente eu estou morando na cidade de Birigui no estado de São Paulo eu trabalho como animador de arena, trabalho com uma equipe chamada guarda-costas, faço parte da equipe guarda-costas e trabalho no rodeio já a treze anos desenvolvendo meu trabalho, a equipe guarda-costas é composta por dois salva-vidas e um comentarista técnico que é o meu irmão. Eu iniciei minha carreira no ano de 2001, na cidade de Ipoã interior do estado de São Paulo como um barril man, o que é um barril man é onde um animador de arena fica dentro do tambor no meio da arena e acessora no trabalho do salva-vidas assim que termina a montaria ele serve de válvula de escape para competidores, pessoal da imprensa, locutores, auxiliares de pista, enfim para aqueles que estão trabalhando dentro da arena e é uma atração a mais a qual eu utilizo que pode ser usada também quando o boi bate no tambor e pega o palhaço dentro do tambor não machuca, graças a Deus em treze anos que eu venho desenvolvendo meu trabalho de animador de arena só tive uma contusão que foi uma chifrada que eu tomei na cabeça de um touro chamado Pesadelo na companhia João Ribas na cidade de Promissão e ao longo do meu trabalho, ao longo do meu desenvolvimento, do meu profissionalismo eu graças a Deus consegui desenvolver meu trabalho em grandes festas de grandes proporções no Brasil é no estado de São Paulo trabalhei em Cajamar, Americana, Fernandópolis, Novo Horizonte, trabalhei lá em Barretos 2006 fui revelação lá, no estado do Goiás já trabalhei no Rio Verde, que é o maior rodeio em touros do Brasil é já atuei também em vários estados do Brasil como Amazonas, Pará, Roraima, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Minas Gerais, enfim eu desenvolvi Rondônia então eu venho desenvolvendo meu trabalho nesse longo período de treze anos já atuei em grandes festas, em Minas Gerais lá em Divinópolis, Guaxopé, Pato de Minas que são os maiores eventos que existem por lá, entre outros também. No estado do Paraná, estou trabalhando pela primeira vez agora nesse ano de 2014 na cidade de Colorado é, mas já a três anos consecutivos trabalho na cidade de Umuarama, já trabalhei também em Douradinho esse ano, enfim ao longo da minha carreira eu só venho conquistando vários títulos já consegui também ganhar é o Oscar do rodeio brasileiro o troféu Arena de Ouro, eleito pelos profissionais do rodeio e pelo fãs, como o melhor show de arena em 2007 e 2008, já ganhei também a fivela de ouro, eleito pela revista Rodeio e Cia e o troféu de ouro era pela revista Rodeio Country de São Paulo, então ao longo desse período graças a Deus venho conquistando muitas amizades, venho conquistando vários

objetivos da minha carreira e isso eu só tenho a agradecer a Deus, a meu irmão Ricardo Sabino, a equipe guarda-costas Vagner José Miquelino que trabalhou com a gente muitos anos e a gente está aí desenvolvendo um trabalho em vários eventos, várias festas levando alegria, entretenimento para o público em geral desde uma criança até um idoso, de todas as classes e que estão prestigiando o evento.

J.M. – Qual é a sua função dentro das arenas?

J.S. – Minha função dentro da arena é animar o povo, antigamente o palhaço servia para preencher lingüiça, hoje o animador de arena que a gente distinguiu-se o palhaço do salva-vidas, antigamente o salva-vidas era o palhaço, além dele salvar o competidor ele pintava a cara, usava as roupas espalhafatasas e entreter o povo é enterte o povo, fazer a parte de animação, com o tempo foi se inovando entrou um palhaço chamado Meia Sola no rodeio e ele inovou, só que tem muitos outros animadores de arena da velha guarda que é o Bambolê, o Masarope é o Charlie Escorrega que merece todo o meu respeito e aí quando entrou a nova safra o Meia Sola entrou é ele mostrou o que seria um animador mesmo ele colocou essa atuação dentro da arena, então eu sou um animador de público eu tenho que utilizar, meu trabalho é cômico, tem umas brincadeiras que eu utilizo microfone, mas as minhas brincadeiras são todas cômicas, eu procuro entreter sempre com o público, sem tirar a atenção total, sem o foco que é o rodeio, então nós vivemos por causa dos competidores eles sim que merecem todo o nosso respeito e nós somos simplesmente protagonistas, então a gente está trabalhando, deu uma brecha, vai trocar de locutor, vou lá faço uma brincadeira de cinco a dez minutos no máximo, então minha parte, minha função dentro da arena é animar o público é fazer a alegria e graças a Deus venho desempenhando muito bem isso daí venho tendo vários resultados.

J.M. – Você segue algum roteiro Juca

J.S. – Nós temos um roteiro, mas muitas vezes é quebrado o protocolo, tem hora de entrar, de me apresentar, porém várias vezes acontece de ter o stand up, vai ter o stand up ali dentro, deu um black out é a hora do palhaço, às vezes o rodeio está muito acelerado, então deixa o palhaço um pouco de lado e foca mais no rodeio, se deu uma brecha a gente vai ter um time agora gente precisa pode fazer, procuro sempre fazer minhas apresentações na troca de locutores que é a hora do time, a hora que sempre para o rodeio, então eu procuro sempre fazer na troca de locutores, então a gente segue um roteiro, muitas vezes a gente da uma desviada aqui e outra ali, mas tem um roteiro sim.

J.M. – Quais os riscos que você corre dentro da arena?

J.S. – Ah estando dentro das quatro linhas o risco que a gente corre é toma chifrada de touro, toma pisão de cavalo sempre está correndo esse risco, você atravessou as quatro linhas para dentro você corre o risco total, graças a Deus em treze anos eu só tive três pontos na cabeça numa chifrada como eu disse anteriormente, mas é graças a Deus eu tenho a proteção divina e tenho o meu tambor que me protege muito, então os riscos são esses, são totais.

J.M. – E você, existe alguma preparação física?

J.S. – Tenho, tenho uma preparação física, eu faço um pré-aquecimento antes de entrar na arena sempre me aquecendo, alongando por causa que eu, como eu faço acrobacias, eu subo no barril e viro, então como eu tenho elasticidade corporal, então eu tenho que fazer uma preparação física sim, eu vou me aqueço é tenho meus quinze minutos antes de entrar na arena para aproveitar o aquecimento.

J.M. – E como é que o público vê o palhaço hoje?

J.S. – Hoje em dia, graças a Deus o público sente muita falta, várias festas que vai o palhaço e no ano seguinte a comissão opta por não levar as pessoas muitas vezes reclamam, pede graças a Deus eu venho tendo muitas aquisições de trabalho, eu tenho muitas propostas é só que eu procuro fazer sempre um rodeio por final de semana, então as vezes bate lá seis, sete rodeios num final de semana querendo contratar o palhaço Garoto Juca e como a gente já tem um contrato para cumprir, eu sempre programo para o ano seguinte, então o público reaje de uma maneira muito boa aqui em Colorado inclusive o público foi muito cativante, alegre, um povo animado, para cima, não parava um minuto, foi muito gostoso quando a gente com um público assim que sabe interagir é muito gratificante para o palhaço, o locutor até mesmo as montarias que estava uma montaria lá boa, o povo incentiva, o povo aplaudi, o povo vai agita está com você em todo o momento ali.

J.M. – Qual a idade do Garoto Juca?

J.S. – O Garoto Juca [riso] começou com quinze anos em 2001, o Garoto Juca hoje está com vinte e oito na foto né, mas se Deus quiser eu quero estar com uns quarenta trabalhar e me chamar de Garoto Juca né, mas o Juliano Sabino que é o que fica por trás da maquiagem o homem Juliano Sabino já tem vinte e oito anos e o palhaço sempre vai ter uns doze, treze mais ou menos né, quando a gente pinta o rosto, a gente realmente se transforma num palhaço, o palhaço na minha concepção ele é inocente, ele é bobo e ele é infantil, então eu procuro ter essa característica de palhaço, quando eu pinto a minha cara, só que também o palhaço não é sinônimo de ser bobo, mas graças a Deus igual o palhaço para mim eu quero estar sempre com doze anos de idade, para estar sempre brincando, sendo um moleque uma criança dentro da arena e muitas vezes fora da arena também encaro o personagem só não pinto a cara né.

J.M. – E o que o rodeio representa para você?

J.S. – Minha vida, o rodeio é cem por cento minha vida por causa que eu tenho minha família é a minha estrutura, minha base, se não tem uma mãe, um pai, um irmão, uma família que te apóia realmente você não vai ter nada, uma árvore ela não tem raízes, uma árvore sem raiz não é nada, então minhas raízes é a minha família, mas a minha vida é o rodeio inclusive a média é de quarenta e cinco rodeios eu chego a fazer por ano, quarenta e oito, então é vinte e quatro horas na estrada, vou embora agora de Colorado vou chegar de madrugada, fico segunda e terça, quarta eu já inicia um outro evento que serão cinco dias de trabalho, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo estarei numa

festa próximo de casa e no domingo eu já vou para outra, semana seguinte consecutivamente dessa maneira até dezembro, então às vezes a gente chega a trabalhar no final de semana do natal, do ano novo, então o rodeio tornou-se minha vida é como diz os peão é de baixo do chapéu e em cima da bota e eu estou sempre na rodovia viajando em média de sei lá, chego a viajar por ano oitenta mil quilômetros, chego a rodar num ano sessenta mil quilômetros a gente sobe o Mato Grosso e volta, então uma viagem dessa aí para Rondônia dois mil e quinhentos quilômetros e volta dois mil e já são cinco, chego a rodar num mês até dezessete mil quilômetros num mês e colocando isso num ano inteiro, então é muito cansativo, mas é o amor não a nada não a dinheiro que pague o sorriso de uma criança, de um idoso a pessoa chegar e pedir uma foto, tirar uma foto e pedir um autógrafo, não tem nada mais gratificante do que isso, está concedendo esta entrevista para mim já é gratificante é o reconhecimento do meu trabalho, então eu faço com amor agradeço a Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora da Aparecida e a minha família por eu ter e ser o que eu sou hoje, principalmente ao meu irmão Ricardo Sabino que é o meu criador, quem desenvolveu o Garoto Juca.

J.M. – E o Garoto Juca, como é que ele bola as brincadeiras?

J.S. – As brincadeiras do Garoto Juca, elas vem assim teatro, stand up elas vem de desenho, Chaves, Tiririca, enfim eu procuro ver tudo, piadas, piadas certas que não tem palavras de baixo calão, então hoje em dia para a gente, o que você pega num show de stand up tem muitas palavras de baixo calão que enterte o povo adulto, o rodeio é criança, infantil, adulto, enfim é todos os gêneros é vários estágios trabalho com vários tipos de personalidades de pessoas, então você tem que desenvolver umas brincadeiras a qual as pessoas vão entender, vão rir e vão agradar e mesmo que você faça alguma coisa que a criança não entenda você não pode usar aquela palavra de besteira vamos assim te dizer, então eu consigo bolar..., um amigo chega, um circo também a gente consegue tirar umas brincadeiras circenses, então a gente vai juntando um pouquinho daqui dali, piadas, constrói o número e leva para dentro do rodeio, graças a Deus todas as minhas brincadeiras são todas criadas por mim algumas são de circo, mas o circo não está no rodeio, então a gente tem uma facilidade para usar, porém são muitas poucas brincadeiras circenses que a gente consegue colocar no rodeio porque uma brincadeira tem que ter começo meio e fim, várias brincadeiras que eu já cansei de ver que tem começo e meio e não tem fim, outras não tem começo e tem um fim, então as minhas eu procuro sempre colocar uma começo, meio e fim para sempre continuar mantendo o meu padrão de trabalho.

J.M – E o Garoto Juca ele utiliza microfone, como que se dá esse trabalho?

J.S. - Utilizo o microfone só nos momentos que eu vou fazer minha apresentação, eu procuro fazer sempre dez minutos por noite mais ou menos de apresentação, tem umas duas apresentações minhas que são gravadas em estúdio com áudio eu trabalho em cima disso, trabalho em cima do áudio, trabalho em cima do gravado só que eu tenho minhas brincadeiras também, tenho meu repertório de piadas, tem as brincadeiras que eu faço que é utilizado o microfone, então eu procuro distinguir cada apresentação que eu vou fazer eu vejo qual é o locutor que está trabalhando se o rodeio está acelerado e a

brincadeira minha requer quatro minutos eu tenho uma brincadeira de quatro minutos que é gravada ou até mesmo eu vou até lá e conto com um repertório de piadas enquanto está fazendo alguma ação ali dentro da arena entendeu. Meu trabalho é mais cômico, mais cômico mais gesto com o público para o público ir a loucura, sem utilizar o microfone não é fácil, mas graças a Deus, Deus me deu um talento que eu tenho um pouco de facilidade de conseguir isso.